

# teatro da juventude



**Governo do Estado de São Paulo**  
**Secretaria da Cultura**



Ano 2 - Número 09 - Dezembro de 1996



# Teatro da Juventude



Governo do Estado de São Paulo  
Secretaria da Cultura



# Secretaria de Estado da Cultura

Governo do Estado de São Paulo  
**Mário Covas**

**Secretário de Estado da Cultura:** Marcos Mendonça

**Assessoria de Artes Cênicas:** Analy Alvarez

Esta revista foi recriada em agosto de 1995, por iniciativa de **Carlos Meceni** e apoio dos demais membros da **Comissão de Teatro do Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas**, composta na época por:

Afonso Gentil  
Analy Alvarez  
Efrén Colombani  
Luiz Amorim  
Vera Nunes  
Zecarlos de Andrade

---

## Teatro da Juventude

Ano 2 - número 09 - Dezembro de 1996

**Supervisão geral:** Tatiana Belinky

**Editora:** Erné Vaz Fregni

**Revisão:** Isa Bueno Costa e Silva

**Produção:** Glória Inês Barbosa dos Santos

**Editoração eletrônica:** Peter Kompier

**Impressão:** Imprensa Oficial do Estado S.A. - Imesp

**Tiragem:** 10 mil exemplares

**Distribuição:** gratuita a estabelecimentos de ensino e entidades culturais, da capital e do interior, mediante solicitação por escrito à Comissão de Teatro.

A revista **Teatro da Juventude** é uma publicação bimestral de peças e textos sobre artes cênicas destinada a jovens atores e encenadores. *As matérias assinadas não refletem, necessariamente, a opinião da revista.*

**Capa:** Flávio Império (in memoriam)

**Comissão de Teatro**

Rua da Consolação, 2333, 9º andar, São Paulo - SP  
CEP 01301-980; Tel.: (011) 258-7445 Fax.: 259-9495

# EDITORIAL

Fazer em teatro é viver a emoção, trabalhá-la e transformá-la em ação. Este processo tanto é vivido pelo ator quanto pelo autor, cuja criação do texto “inicia no seu interior, na investigação de sua própria sensibilidade”, explica *Luís Alberto de Abreu*, um dos principais autores brasileiros da atualidade que, nesta edição, assina a seção *Como fazer*, dedicada à dramaturgia.

Escrever um texto para teatro é uma aventura que exige técnica, disciplina e muita criatividade. Afinal, dramaturgia é a imagem em ação. Para você conhecer melhor este universo, a seção *Livros* está trazendo a obra de *Olga Reverbel*, *O texto no palco* no qual, apresenta sugestões sobre a escolha de um texto, técnicas de interpretação e de direção, criação de um espaço cênico, uso de luz e som e outras.

Nesta edição, a **Teatro da Juventude** lhe oferece, de presente de festas, textos especiais: O musical infanto-juvenil *A Canção de Assis*, de *Júlio Fischer*, cuja primeira montagem inaugurou a mostra internacional “Francisco de Assis em São Paulo”, em 1984, durante a comemoração do oitavo centenário de São Francisco de Assis.

A peça mereceu 8 prêmios naquele ano e foi considerada o Melhor Espetáculo Infanto-Juvenil do Ano. O sucesso fez com que fosse convidada a participar do Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica - Fitei, na cidade de Porto, em Portugal. Além do Brasil, foi publicada no México, sob o título *La Cancion de Assis*, em 1989.

Ainda sobre o Natal, a peça *Canção de Natal*, de Ricardo Leite, inspirada num texto homônimo de Charles Dickens.

Outro texto especial é *As aventuras de Ripiô Lacraia*, do mestre de dramaturgia *Chico de Assis*. Trata-se de segunda peça da “trilogia de cordel”, que se completa com *O testamento do Cangaceiro* e *Farsa com Cangaceiro, Truco e Padre*. Encenada pela primeira vez em 1963, trata-se de um estudo dramatúrgico sobre o herói brasileiro e a narrativa se faz por episódios. Ripiô é o delicioso herói popular que se transforma continuamente de acordo com suas aventuras. É um Deus Ex Machina, sempre presente e pronto a intervir em favor do povo.

E, finalmente, dirigida às crianças de até 9 anos, a também premiada *O palhacinho triste e a rosa*, de Maria Cecília Oliveira Marques.

Acreditando, como William Shakespeare, que “não há nada bom ou mau, mas sim o pensamento que o faz assim”, nós lhe desejamos um maravilhoso 1997.

**Erné Vaz Fregni**

## PEÇAS MUSICAIS



*Gostaria de saber se existe gravação em áudio (LP, CD, K7) da peça musical "Arena conta Tiradentes" de Gianfrancesco Guarnieri e Augusto Boal, publicada na revista Teatro da Juventude no. 6 e como fazer para adquirir.*

*Aproveito o ensejo para parabenizá-los pela qualidade dos textos escolhidos e publicados, mesclando autores novos e clássicos do nosso teatro.*

*Um grande abraço a todos.*

**Nilceu Bernardo - Grupo Teatral  
"Atos e Cenas", Casa da Cultura  
"Prof. Maria Bove Coneglian"  
Lençóis Paulista - SP**

*Resp.: Segundo os autores, infelizmente somente existe a gravação de "Arena conta Zumbi". Agradecemos seus cumprimentos.*



*Sugiro que quando forem publicados textos que contenham músicas, sejam publicadas também as suas partituras ou, pelo menos como e onde conseguí-las; isto tornaria mais completo este*

*magnífico trabalho. Um abraço fraterno.*

**Augustinho Aparecido de Souza  
Araçatuba - SP**

*Resp.: Anotamos sua sugestão, embora nosso espaço seja limitado para podermos publicar também as partituras. Quando possível, colocamos o endereço de onde o leitor poderá encontrá-la, como no caso da peça Buchicho, de Gilda Vanderbrande (Edição 4), na qual informamos o telefone da autora.*

## TEATRO DA JUVENTUDE, UM SUCESSO



*Apesar de já ter passado mais de um ano da recriação e reedição da **Revista Teatro da Juventude**, vejo ainda tempo para cumprimentar os responsáveis pelo acontecimento. Sou da área e sei do valor e da significativa contribuição que sua publicação vem dar aos agentes culturais do Brasil (tanto os que promovem, como os que participam). Tenho uma escola de Iniciação Teatral*

que mantém uma média de 70 alunos. No segundo semestre os alunos, divididos em grupos, montam espetáculos teatrais. Considerando a diversidade de textos de qualidade trazidos pela revista, é de fundamental importância para a escola contar com todos os números em sua biblioteca, já que contribuirão para as leituras e encenações dos alunos. Gostaria de receber os números já publicados e estou inscrevendo a escola para receber os próximos. Observe-se que a escola já tem usado os números 1, 2, 3 e 4 através de empréstimos em bibliotecas de outras instituições culturais da cidade.

**Walter Máximo - Supervisor de Ensino Efetivo Arte-Educador - Escola de Iniciação Teatral "Persona" São José do Rio Preto - SP**

 Agradecemos a gentileza da doação da **Revista Teatro da Juventude** e esperamos recebê-la continuamente, pois trata-se de importante publicação para a Biblioteca Central "Cor Jesu", desta instituição. Aproveitamos a oportunidade para cumprimentá-los pela revista.

**Ir. Teresa Ana Sofiatti - Coord. Biblioteca Central "Cor Jesu" Universidade Sagrado Coração Bauru - SP**

 Solicitamos a doação de dez exemplares da edição da **Revista Teatro da Juventude** em que foi publicado o texto "Aves Exóticas Voam para Vazabarris". Pretendemos, com estes exemplares, proceder à leitura dramática da referida peça. Em contrapartida, os alunos do

Departamento também poderão tomar conhecimento desta publicação.

**Prof. Dr. José Eduardo Vendramini -  
Chefe do Depto. de Artes Cênicas  
Escola de Comunicações e Artes  
(ECA) - Universidade de São Paulo  
USP) São Paulo - SP**

 Solicitamos que nos enviem a **Revista Teatro da Juventude**.

**Maria da Conceição Pires -  
Bibliotecária  
Faculdades Integradas Teresa D'Ávila  
Santo André - SP**

 Sou ator, pesquisador e dramaturgo e tenho desenvolvido atividades profissionais na Universidade Federal da Bahia e Universidade de Brasília. Como trabalho com ensino na área de artes cênicas e estou fazendo a direção teatral com o Grupo Gang de Palco, venho por meio desta solicitar exemplares da **Revista Teatro da Juventude**.

**Anderson Mascarenhas  
São Paulo - SP**

 O Recanto Primavera é um Centro de Juventude que atende 140 crianças na faixa etária de 7 a 14 anos, moradores da favela de Paraisópolis (Morumbi). A entidade é um órgão beneficente, que sobrevive de doações e colaborações. Por isso estamos lhes solicitando cinco edições da **Revista Teatro da Juventude**.

**Maria Aparecida Cezare dos Santos -  
administradora - Recanto Primavera  
São Paulo - SP**

 Fiquei fascinado pela **Revista Teatro da Juventude**, quando a conheci na Bienal do Livro, no stand da Secretaria de Estado da Cultura. A revista é excelente, em textos e informações. Trabalho atualmente com crianças de 5ª. série fazendo pesquisa de Iniciação Científica com bolsa pelo CNPq.

Meu projeto de pesquisa é sobre “jogo dramático” e necessito de um conhecimento bastante profundo da atividade teatral, e de seus textos clássicos e os mais modernos possíveis. Ora, e não é isso que temos na “Teatro da Juventude”?(...) Também estou pensando em realizar um futuro projeto de pesquisa e, hoje, a revista é o meu mais importante referencial e (...). Ela me parece ser a mais importante revista existente atualmente em se tratando de teatro para os jovens. Gostaria de, se fosse possível, receber os exemplares da revista. Possuo até o número 4.

**Luís Roberto Arthur de Faria**  
Piracicaba - São Paulo

 Conheci a **Revista Teatro da Juventude** através da Livraria Cena Brasileira. Estou participando de um curso

profissionalizante de ator na escola Técnica Fundação das Artes de São Caetano do Sul e pretendo seguir a carreira de atriz. Gostaria, portanto de receber alguns exemplares da revista.

**Márcia Giacometti**  
São Caetano do Sul - SP

 Sou estudante de teatro. Adoro teatro e tudo o mais que se refere à Arte. Gostaria de receber bimestralmente, a **Revista Teatro da Juventude**.

**Fátima Santana Oliveira -**  
**Teatro Popular do Sesi**  
**Santo André - SP**

 Faço parte de um grupo iniciante de teatro. Solicito o recebimento da **Revista Teatro da Juventude**, a qual nos ajudaria muito, já que somos um grupo inexperiente à procura de “luz” para as nossas dúvidas e anseios.

**Ana Lúcia Dias**  
Igaraçu do Tietê - SP

Resp.: Agradecemos os cumprimentos de todos, os quais esperamos continuar merecendo, e as revistas solicitadas já foram enviadas.

## ESCREVA PARA CARTAS

A seção **Cartas** é um canal direto entre você e a **Teatro da Juventude**. Comunique-se - por carta ou fax - enviando sugestões, dúvidas, opiniões, críticas e informações.

Escreva para:  
**Secretaria do Estado da Cultura**  
Revista Teatro da Juventude  
Rua da Consolação, no. 2333, 9º and.  
São Paulo - SP  
CEP 01301-980. - Fax.: (011) 259-9495

# SUMÁRIO

## Como fazer

<b>Dramaturgia, a imagem em ação</b> .....	10
Luís Alberto de Abreu	

## Livros

<b>O Texto no Palco</b> .....	13
Olga Reverbel	

## Textos

### **6 a 9 anos (aproximadamente)**

<b>O palhacinho triste e a rosa</b> .....	15
Maria Cecília Oliveira Marques	

### **Maiores de 10 anos (aproximadamente)**

<b>Canção de Assis</b> .....	25
Júlio Fisher	

<b>Canção de Natal</b> .....	53
Ricardo Leite	

### **Maiores de 14 anos (e para amadores adultos)**

<b>As aventuras de Ripió Lacraia</b> .....	67
Chico de Assis	

# COMO FAZER

## DRAMATURGIA, A IMAGEM EM AÇÃO

O essencial na dramaturgia é imaginar os grandes sentimentos humanos, vivenciá-los e passá-los para o texto através das ações dos personagens

Luís Alberto de Abreu\*

Se você quer aprender a escrever uma peça de teatro pode começar se acalmando: você tem a vida inteira para aprender! Isso quer dizer que não existem regras fixas a serem decoradas. Quer dizer também que existem tantas maneiras de escrever uma peça que se passa a vida inteira aprendendo não como fazer uma peça, mas como fazer melhor! Isso quer dizer também que, no fundo, no fundo, todos nós sabemos como fazer uma peça de teatro. Só não descobrimos essa verdade. Ou não acreditamos nela.

Esse foi o jeito que aprendi. E foi esse o jeito que a maioria dos dramaturgos aprenderam.

Como é que se faz um ator? Cursando uma escola ou não, um ator só se faz entrando num palco, não é? Com um dramaturgo não é diferente. Como tudo na vida, dramaturgia se aprende fazendo, botando a mão na massa.

Bem, então, se não há regras fixas, se todos sabemos fazer uma peça de

teatro e se dramaturgia aprende-se fazendo, é só pegar lápis e papel ou uma máquina de escrever ou um computador e sair fazendo? Não. E repito: pode ir se acalmando! E pode ir se preparando para fazer uma coisa que não é difícil mas exige muita atenção e muito trabalho. Em compensação é uma aventura emocionante.

### **AÇÃO!**

Você vai assistir a uma peça, vê, no palco, aquele bando de atores falando, discutindo e acha tão empolgante que resolve, ao chegar em casa, também escrever a sua. Afinal, uma peça de teatro não passa de personagens conversando uns com os outros, certo? Errado! E esse é o mais grave erro que, em geral, se comete. Teatro não é texto, não é diálogos (pelo menos, não é só isso). Teatro é ação! Pronto, começou a complicar! Não, a coisa não é complicada. Só é preciso, repito, um pouco de calma para se entender o que é, de fato, uma peça de teatro.

Isso é importante para não se escrever uma “conversa” ou uma poesia ou um conto e imaginar que isso seja uma peça de teatro. É preciso, antes, limpar a área (E isso dá algum trabalho!) para a gente saber que, no final das contas, fazer dramaturgia é algo muito simples. E que no fundo, no fundo, de uma forma ou de outra, todos sabemos como fazer uma peça de teatro.

Voltemos ao assunto. O que é ação? Ação é o que se faz. Um grande crítico e estudioso inglês, chamado Eric Bentley, definiu o teatro simplesmente como “**o que umas pessoas fazem a outras pessoas**”.

E aqui chegamos a alguma coisa. Fazer algo a alguém ou a si mesmo pressupõe conflito e quanto mais significativo for esse **fazer** maior a intensidade desse conflito. É diferente alguém **fazer** outra pessoa comprar um litro de leite na padaria ou **fazer** alguém matar seu grande amigo.

Uma peça de teatro trata desse segundo fazer, desse fazer coisas difíceis, importantes, significativas. Teatro, necessariamente é assim, porque teatro é uma forma breve, concisa, sintética.

No curto espaço de tempo de uma, duas ou três horas vislumbramos a trajetória de toda a vida de um personagem. E, como temos pouco tempo, escolhemos as ações mais significativas da trajetória desse personagem, pois são as ações mais significativas que melhor revelam a vida dessa personagem.

Voltando: ação é fazer coisas a outros ou a si mesmo. E, principalmente, é fazer coisas significativas.

Antes de prosseguir é bom esclarece a ação teatral é, fundamentalmente, interna, do coração, da alma. Portanto, não confunda movimentação, correria sobre um palco com ação. Uma pessoa pode estar imóvel sobre uma cadeira e, mesmo assim, vivendo uma ação intensa. Como? Uma lembrança de uma ação passada pode lhe inspirar uma mágoa intensa ou uma grande felicidade.

Bem, aqui chegamos ao ponto central: no interior de nós mesmos. É aí, na morada das nossas mais profundas emoções e alegrias, é onde nasce uma peça de teatro. De resto, é onde nasce qualquer arte.

Começou a entender por que eu dizia, a princípio, que, no fundo, todos sabemos como escrever uma peça? Grandes emoções e alegrias. É disso que trata a arte dramática. Se somos capazes de perceber em nós mesmos essas grandes emoções e alegrias estamos prontos para a arte dramática. Só fica faltando aprender a comunicá-las às outras pessoas com a intensidade que as sentimos. E para esse aprendizado temos a vida inteira.

## **IMAGINAÇÃO, IMAGEM EM AÇÃO**

Bem, você já sabe que o mais importante numa peça não são os diálogos. Os diálogos são um meio importante para revelar **uma série de ações** dos personagens. A essa série

de ações dá-se o nome de enredo. O enredo, segundo o filósofo Aristóteles, o primeiro que escreveu sobre a estrutura de uma peça de teatro, é a alma da Tragédia.

Na comédia, embora esta possua formas diferentes de estruturação, o enredo é também muito importante. Então, comecemos por ele. E, para começo, esqueça o filme que assistiu, a peça que leu, a novela que viu. O processo artístico começa dentro da gente mesmo, na investigação de nossa própria sensibilidade. Procure uma imagem. É necessário que seja uma imagem humana porque teatro é feito através de personagens e atores. É necessário que seja também uma imagem significativa, ou seja, que esse ser humano, cuja imagem você vê, esteja num momento de grande intensidade. Veja o rosto desse ser humano, olhe em seus olhos e abra sua sensibilidade para compreender o que ele está sentindo e o que o levou a este momento intenso. E o que ele vai fazer a partir daí.

Pronto, você já está começando a partir de si próprio, a estruturar o seu enredo. Isso quer dizer que para se escrever uma peça é preciso antes, sensibilizar o que está sentindo seu personagem. Sentindo como o personagem, imaginando passar pelas mesmas dificuldades, pelas mesmas grandes emoções e alegrias por que passa um personagem é a melhor forma de começar aprender a fazer uma peça de teatro. É o personagem que nos ensina, é nessa íntima relação com ele que aprendemos.

## FINALMENTE

O espaço é pequeno e o assunto é extremamente extenso. Mas como afirmava o filósofo grego Heráclito "o ser humano não precisa saber muitas coisas, precisa saber o essencial." O essencial da dramaturgia na minha opinião é imaginar os grandes sentimentos humanos e passar por eles, vivê-los de alguma forma. Se conseguimos isso o passo seguinte é comunicar esses grandes sentimentos através de personagens, ações e palavras e música e espetáculo. O caminho é extenso mas para isso temos a vida toda. Técnica, método, macetes, todo o resto vem com o fazer. E se me permitem alguns conselhos eu os dou porque também me foram dados e me foram muito úteis: leiam os autores clássicos. Eles sabem mais do que nós e, com eles, apuramos nossa sensibilidade que é a melhor forma de aprender. Aprenda com eles mas faça do seu próprio jeito.

E para quem quiser aprofundar a reflexão sobre a estrutura de uma peça de teatro indico dois livros que para mim foram essenciais: **A Poética**, de Aristóteles (Os pensadores, Abril Cultural) e **A Experiência Viva do Teatro**, de Eric Bentley (Zahar Editores)

E para finalizar um pensamento de Goethe: "Tudo o que quiseres ou te sentires capaz de fazer, começa! A ousadia tem gênio, poder e magia. "

---

\* **Luís Alberto de Abreu** é um dos principais autores brasileiros e merecedor de inúmeros prêmios. Entre outros, escreveu Guerra Santa, O Livro de Jó e Bar Doce Bar, seu mais recente trabalho.

## DO TEXTO AO PALCO

Escolha da peça, estudo de técnicas de interpretação, de direção teatral, criação de um espaço cênico, uso da luz e som e dos demais meios de expressão são os temas abordados na obra da mestre no assunto.

**O texto no palco**, de Olga Reverbel. Editora Kuarup, 96 págs. Obra dirigida a atores, dramaturgos e diretores amadores e à todos aqueles que se interessam por teatro. Tendo estudado *Dramaturgia e Literatura* na Sorbonne, a autora é incansável

pesquisadora das artes cênicas e, há mais de 50 anos, dedica-se ao ensino de *Teatro Educação*, inclusive em universidades nacionais e estrangeiras. Acreditando que "um país que não estimula o teatro amador não poderá vir a ter um teatro profissional de alto nível", Olga

pretende, com esse livro apresentar aos grupos amadores sugestões que abrangem desde a escolha de uma peça, estudo de técnicas de interpretação, de direção teatral, criação de um espaço cênico, uso da luz e som e dos demais meios de expressão.

Resultado de uma extensa pesquisa que se reporta à História Universal do Teatro, incluindo a do Teatro Brasileiro, o livro traça um roteiro dos caminhos percorridos pelo teatro, dos gregos aos dias atuais e destaca as épocas marcantes. Os gêneros teatrais são definidos de acordo com suas características - tragédia, comédia, farsa etc. - acompanhado de um elucidativo



glossário da terminologia correspondente.

## Trechos do Livro

*"O texto dramático, sua forma, a forma da obra, a interpretação dos atores, a liberdade do diretor em utilizar os mais diversos meios de expressão são um grande desafio aos amadores, que poderão vencê-los pelo trabalho, pelo estudo e pela pesquisa."*

*"O que vamos representar para nossa comunidade? Essa pergunta está sempre presente no grupo. Há muitas e muitas respostas, e delas depende o sucesso de um espetáculo."*

*"Não se pode ler um texto dramático como quem lê um romance ou ensaio. As obras teatrais (...) narram um argumento constituído por uma seqüência de incidentes, nos quais as pessoas (personagens) fazem e dizem coisas, ao mesmo tempo que lhes acontecem outras. (...) O primeiro objetivo da leitura de uma peça é o de compreender bem o seu argumento."*

*"Para o autor Leoni dei Sommi (1556) 'mais vale, para o deleite do espectador, uma má comédia bem interpretada do que uma bela, mal interpretada'".*

*"Não se aceitaria um ator sem conhecimento dos valores estéticos e éticos; se o primeiro visa a beleza, o segundo prende-*

*se à moral. Todo teatro é político, toda ação do ator é política, o que implica que é humana, pois a política é própria do homem."*

*"O diretor é um artista criador porque utiliza todas as artes do teatro para produzir no público efeitos que despertem prazer e sentimento estético. Além de ser o mediador entre o dramaturgo e o espectador, sendo que, por isso, seu primeiro objetivo é o de oferecer ao público os fins e a completa significação das obras que dirige."*

*"O drama não matou a tragédia nem a comédia: somente mostrou que esse século (XVIII), todavia inquieto, tinha perdido o sentido do trágico, e que a época, na qual penosamente se elaborava uma filosofia do prazer ou da felicidade, era demasiado séria para reencontrar o riso de Molière."*

*"Para produzir efeitos de distanciamento, o ator deve evitar tudo o que já aprendeu com o objetivo de seduzir o espectador com sua personalidade; não buscar hipnotizar a si mesmo; não deve recitar com os nervos tensos; a dicção do ator deve liberar-se das cantilenas litúrgicas e das cadências que têm a virtude de embalar o espectador."*

*"Há três tipos de criadores envolvidos no ato teatral: o dramaturgo, o ator e o espectador; é a esse trinômio que se deve o fenômeno teatral."*

**6 a 9 anos**

(aproximadamente)

**O palhacinho triste e a rosa**

Maria Cecília Oliveira Marques



# O PALHACINHO TRISTE E A ROSA

Maria Cecília Oliveira Marques

(2º lugar do "Prêmio Narizinho de 1969)

(dois atos, de dois quadros cada um)

## PERSONAGENS:

---

**Um palhaço** - bastante colorido

**Uma "rosa"**

**Jardineiro**

**Menino**- com a bola colorida

**1º menino**

**Colegiais:**

**2º menino**

**Pedro e seu fantoche**

**Homem do realejo**

**Meninas**

## CENÁRIO:

---

Um canto de jardim

O palhaço entra, senta-se no chão põe a cabeça entre os braços e começa a soluçar alto. Por detrás dele, surge a rosa.

**ROSA:** Que tens? Por que choras tanto?

**PALHACINHO** (parando de chorar e erguendo a cabeça): Quem disse isso? Quem falou comigo?

**ROSA:** Eu, ora essa!

**PALHACINHO** (espantado): E quem é você?

**ROSA** (espevitada): Sou uma rosa, não vê? Você não sabe reconhecer uma rosa?

**PALHACINHO** (hesitante): É que eu nunca vi rosas falantes.

**ROSA:** Nem eu vi palhacinhos chorões. Os palhacinhos são alegres, sempre alegres, de verdade!

**PALHACINHO:** E é por causa disso que eu choro! O dono do circo vai acabar me mandando embora. Não sou alegre. Quem é que quer um palhacinho triste?  
(Recomeça a chorar.)

**ROSA:** Ó, não comece de novo! Vamos conversar, quer? Não chore assim que isso vai lhe estragar a pintura.

**PALHACINHO:** E daí?

**ROSA:** Daí, você fica um palhacinho triste... E feio, ainda por cima!

**PALHACINHO:** Tem razão! Mas estou com tanta vontade de chorar!

**ROSA:** Você tem alguma dor?

**PALHACINHO** (Abana negativamente a cabeça.)

**ROSA:** Então, eu não vejo porque tanto choro.

**PALHACINHO:** Já disse: choro porque sou triste!

**ROSA:** E com isso você vai ficando cada vez pior. Cada vez mais triste...

**PALHACINHO** (abana a cabeça com exagero, concordando): Viu como é triste? Ó quanta tristeza.

**ROSA** (impaciente): Acho que você cismou com tristeza. Tomou gosto pelo choro como certas crianças, que levam um tombinho à toa, fazem um berreiro e continuam chorando, mesmo depois de passar a dor.

**PALHACINHO** (pulando para trás): Não me fale em tombos. Não me fale.

**ROSA:** E por que não?

**PALHACINHO:** Porque é uma das razões de eu ser triste. Todas as palhaçadas acabam em tombos, tombos e mais tombos. E, sabe, a criançada ri, todo o público ri, quando eu caio. Ri mesmo, com gosto. Ninguém se lembra de perguntar: doeu? Machucou-se?

Você vê, gostam das palhaçadas... Mas, com o palhaço, mesmo, ninguém se importa.

**ROSA** (rindo): Ó, que tolice!

**PALHACINHO** (amuado, dando-lhe as costas): Até as rosas... Até as rosas pouco se importam com o que sentem os palhaços...

**ROSA** (noutro tom): Faz pouco tempo que esteve aqui um menino... Espere, parece que ele vem voltando. Olhe, naquele canto ali.

(Entra um menino tendo nas mãos uma bola colorida. Inicia um brinquedo, movimentando-se com a bola, jogando-a no chão, apanhando-a de novo e jogando-a para o alto. Sai em seguida, sempre jogando a bola, ou fingindo jogá-la.)

**ROSA:** Você viu?

**PALHACINHO:** O menino com a bola? Claro que vi.

**ROSA:** Você acha que ele gosta daquela bola?

**PALHACINHO:** Acho que sim! Como parecia divertir-se com ela!

**ROSA:** E no entanto, não o vi perguntar à bola se ficava machucada por bater no chão...

**PALHACINHO** (dá uma cambalhota e começa a rir): Há... há... há... há... hô... hô... hô... Desculpe mas essa foi a maior tolice que já ouvi. Bola é de borracha, bola foi feita mesmo para pular...

**ROSA:** Você não é capaz de tirar lição alguma do que viu?

**PALHACINHO:** Não compreendo o que você quer dizer!

**ROSA:** Então, ouça. O menino tem a bola. O menino joga a bola. A bola pula e o menino diverte-se. Ele ama a bola porque ela o diverte. O menino vai ao circo. O

palhacinho pula, no picadeiro. O palhacinho cai, cai de um jeito engraçado. O menino ri e bate palmas. Ele se diverte. E ama o palhacinho que o faz rir. Que o diverte.

**PALHACINHO:** Mas palhaços não são de borracha!

**ROSA:** Não, não são, e isso é ótimo! A bola não pode estimar o menino que brinca com ela. Mas um palhacinho pode amar a criança que ri dele, por causa dele...

**PALHACINHO:** Então, você acha que não é maldade rirem dos meus tombos?

**ROSA:** Claro que não é! (Noutro tom.) Diga-me uma coisa: que você espera de uma rosa?

**PALHACINHO:** Espere, deixe-me pensar... (Com exagero.) Já sei! Já sei! (Bate palmas.) Espere-se de uma rosa que seja bela e que tenha perfume.

**ROSA** (dando passinhos de dança, pavoneando-se): E-xa-ta-men-te! Que seja bela e perfumada como eu.

**PALHACINHO** (para o público): Que convencida!

**ROSA:** E de um palhacinho, que se espera? Não, não responda. Eu lhe direi. Espere-se que seja engraçado, que saiba dar cambalhotas e levar muitos tombos, levantando-se sempre, sem se machucar. Percebeu?

**PALHACINHO:** Acho que eu andava meio errado...

**ROSA:** É claro! Você estava pensando só em você mesmo e não naqueles que vão rir por sua causa. Fazer rir é tão bonito!

**PALHACINHO** (desfazendo-se em

medidas): E perfumar é maravilhoso.

## FIM DO 1º QUADRO

## 2º QUADRO DO 1º ATO

(Ainda o mesmo cenário. O Palhacinho e a Rosa mantêm-se em segundo plano. À frente, um banco rústico. Entra um grupo de três meninos, de uniforme escolar e pasta de livros.)

**1º MENINO:** Ôba! Vamos sentar um pouco neste banco?

**2º MENINO:** Um pouco, só. Minha mãe briga se eu chegar tarde para o almoço.

**3º MENINO:** Boa! Ainda estou de pernas moles por causa do medão que passei no colégio.

**1º e 2º MENINOS** (a um só tempo): Medão, por quê?

**3º MENINO:** É que na minha classe, hoje deu uma bruta confusão. Sumiu uma caneta bacana, de ouro, e a professora falou que ia revistar a mala de todo mundo.

**1º MENINO:** Essa não!

**2º MENINO:** E a tal caneta apareceu?

**3º MENINO:** Claro! O boboca do dono não sabe procurar as coisas. Tava no meio dum caderno dele. Não precisava ter feito tanta onda! (Noutro tom.) Me deu um susto! Eu não tinha nada com o caso, mas se revistassem minha mala... Eu estava livrinho da silva...

**1º MENINO:** Por quê?

**3º MENINO:** Ora, a professora já disse que não é pra levar nada na mala, fora os livros. E hoje eu tinha levado o Zé Minhoca...

**1º MENINO:** “Zé Minhoca?” Que bicho é esse?

**2º MENINO:** Você não sabe? Zé Minhoca é o fantoche aqui do Pedro, que ele carrega pra todo lado.

**1º MENINO:** Eu nunca vi um fantoche...

**2º MENINO:** Então mostra pra ele, Pedro. O Zé tá aí mesmo...

(Pedro remexe a mala e dela tira um fantoche muito cômico, que entrega ao primeiro menino.)

**1º MENINO:** Que boneco molenga!

**2º MENINO:** Molenga, nada! É muito engraçado. O Pedro vai te mostrar uma coisa...

(Pedro põe-se de costas, coloca-se de jeito a lidar com o fantoche e já se vira falando com voz esganiçada.)

**ZÉ MINHOCA:** Molenga? O quê? Quem me chamou de molenga? Olha que eu brigo, eu brigo! Eu sou perigoso... Pe-ri-go-so! Sô campeão de karatê, capoeira e cabeçada. Comigo ninguém pode. Pode não! Qué vê só? Qué vê?

**1º MENINO** (animado): Que gozado! Como você sabe mexer com o boneco! E essa voz, como é que você consegue falar desse jeito?...

**2º MENINO:** Essa voz? Ele faz a voz que sabe imitar todo mundo!

**1º MENINO:** Então imita aí a professora, que eu quero ver.

**PEDRO:** Isso, não!

**2º MENINO** (agastado): E por que não?

**PEDRO:** Porque a gente precisa respeitar a professora, você não acha?

**1º MENINO** (caçoísta): Santinho!...

**ZÉ MINHOCA :** Santinho, nada! Santinho tá na igreja, que é o lugar dele!

(Todos riem.)

**2º MENINO:** Ele tem outros fantoches, também. Faz sempre teatrinho, pros garotos da vizinhança.

**1º MENINO:** Legal! (Para Pedro): Você cobra entrada?

**PEDRO** (rindo): Eu, hem? Eu não, vê lá!

**1º MENINO:** Mas então, você não ganha nada?

**PEDRO:** Ora, eu me divirto, alegrando os outros. As crianças da minha rua são pobres, não vão todo dia a cinema, nunca viram teatro, não tem televisão, nem nada. É uma festa, quando chamo pra verem meu teatrinho. Minha irmã maior me ajuda. Ela sabe cantar e tocar violão. Fazemos números variados. Você precisava ver como os pequeninos gostam. Eu fico tão feliz, quando vejo todos rindo e conversando com os meus fantoches, como se eles fossem gente de verdade!

**1º MENINO:** Conversando? Nessa eu não caio!

**ZÉ MINHOCA:** Conversando, con-ver-san-do, sim! Essa é boa! Então porque a gente é boneco não gosta de um papo? Pois eu aposto que você gosta. Vai me dizer que você fica quietinho, na carteira? Fica, ou não fica? Conversa ou não conversa?

**1º MENINO** (desajeitado): Muito quieto eu não fico mesmo. Sempre converso um pouco...

**2º MENINO** (caçoando): Olha ele respondendo pra um fantoche!

**1º MENINO:** Puxa vida! Quando você crescer vai até poder trabalhar no cinema.

**PEDRO:** Eu, não!

**2º MENINO:** É no teatro?

**PEDRO** (abanando a cabeça): Que nada!

**1º MENINO:** Já sei, você quer ir para a televisão!

**PEDRO:** Nada disso.

**1º MENINO:** Mas, então, que você vai ser?

**PEDRO:** Palhaço.

**1º e 2º MENINOS:** "Palhaço?!"

**PEDRO:** É. Acho que nasci para isso. Palhaço, mesmo, por que não?

**2º MENINO:** Uma coisa eu te digo: a vida de circo deve ser divertida prá valer!

**PEDRO:** Não é por isso que eu quero ser palhaço. Quero ser palhaço para dar alegria a toda gente!

**1º MENINO:** Ôpa! Com essa conversa estamos é nos atrasando! Já vi que hoje vou tomar uma "esquentada" de minha mãe.

(Levantam-se e saem os três. Aproximam-se a Rosa e o Palhacinho.)

**ROSA** (batendo palmas): Bravos! A-dorei o Pedro! Aí está um garoto cem por cento!

**PALHACINHO:** Também acho! (Noutro tom.) E, você viu só? Ele quer ser palhaço, quando crescer! Palhaço, minha Rosa! Palhaço, como eu!

**ROSA:** Eis mais uma razão para você ficar feliz e deixar essa bobagem de tristeza de lado!

## FIM DO 1º ATO

## 2º ATO - 1º QUADRO

(Ainda o mesmo jardim. Ouve-se ao longe, o som de um realejo, que se aproxima cada vez mais. O Palhacinho e a Rosa estão em atitude de observação. Surge, afinal o homem

do realejo, seguido de duas meninas.)

**1ª MENINA:** Moço, eu queria tirar a minha sorte.

**HOMEM DO REALEJO:** Quem quer tirar a sorte, aí?

**1ª MENINA** (adiantando-se): Eu!

**HOMEM DO REALEJO** (parando de tocar): Tem um problema: o macaquinho que tira os papéis de sorte hoje não veio. É o dia de folga dele.

**1ª MENINA** (desapontada): Que pena! (Noutro tom.) Que bonitinho! Então o macaquinho tem folga como gente!

**HOMEM DO REALEJO:** Claro! Hoje ele fica fazendo cambalhotas pelos galhos e comendo bananas. Pra ele é um programa!

**2ª MENINA:** Vou, sim, quem disse que não vou? (Ao homem.) Posso pegar um bilhete, eu mesma?

**HOMEM DO REALEJO:** Pode, e como você é muito gentil, fica de graça. Está bem?

**1ª MENINA:** Que bom! Muito obrigada!

**HOMEM DO REALEJO** (puxando uma gaveta, cheia de papezinhos): Tire um, vamos! Pegue um cor-de-rosa.

**2ª MENINA:** Pega um azul, que é mais bonito.

**HOMEM DO REALEJO:** Se tirar azul, sai sorte de menino.

**1ª MENINA:** Pronto, vai este. (Desdobra e começa a ler.) "Você é uma boa menina. É bonita, estudiosa, muito amada por todos. Com um pouco mais de esforço, terminará seus estudos com as mais belas notas. Terá uma brilhante carreira. Depois casará e terá muitos filhinhos, que serão bons para você como você é para os seus pais. Seu número de sorte é..."

**AINDA A 1ª MENINA** (batendo palmas):

Viva! Que sorte bonita!

**2ª MENINA:** Aposto que todas as sortes dele são assim...

**HOMEM DO REALEJO:** Claro! Todos querem ouvir boas palavras! Todos precisam ter esperanças! Se você acreditar que será feliz, um dia, certamente, encontrará a felicidade!

(Recomeça a tocar.)

**1ª MENINA:** Adeus! Dê lembranças ao macaquinho! (Saem ambas, acenando ao homem.)

(O homem dirige-se ao lado oposto ao da Rosa, sempre tocando.)

**PALHACINHO:** Que beleza de música!

**ROSA:** Dá vontade de dançar.

Dançar... Assim! (Executa um leve ballet.)

(Cessa a música e sai o homem do realejo.)

**PALHACINHO:** Lá, lá, lá... (Cantarola a mesma música e procura desajeitadamente imitar a Rosa.)

**ROSA** (rindo): Ah! Palhacinho! Você é um número!

## FIM DO 1º QUADRO

## 2º ATO - 2º QUADRO

**ROSA** (encolhendo-se toda):

Palhacinho, que medo! Vem aí o jardineiro, com uma tesoura enorme! Quer levar-me daqui! Ó, não deixe, não deixe, palhacinho!

**PALHACINHO:** Calma, calma! Daremos um jeito nisso!

(Entra o jardineiro, de macacão, chapéu de palha e uma tesoura exageradamente grande.)

**JARDINEIRO:** A patroa quer uma rosa para o seu vaso de cristal. Vamos

ver se arranjo alguma bem bonita. (Aproxima-se da Rosa, que se encolhe ainda mais.)

**PALHACINHO:** Seu jardineiro, bom dia.

**JARDINEIRO:** Humm... Bom dia.

**PALHACINHO:** Seu jardineiro, o senhor vai cortar a rosa?

**JARDINEIRO** (de mau humor): Não é da sua conta.

**PALHACINHO** (humilde): Desculpe, eu não quis ser intrometido. É que é uma rosa tão linda!

**JARDINEIRO** (abre a tesoura): Por isso mesmo que vou levá-la. Se fosse feia, eu deixaria aí.

**PALHACINHO:** Mas é uma rosa de tão bons sentimentos!

**JARDINEIRO** (dá um passo atrás): Como? Que tolice é esta?

**PALHACINHO:** Quero dizer... Isto é... Escute, seu jardineiro... Deixe a rosa aí. Eu lhe dou o que puder, em troca.

**JARDINEIRO** (admirado): Você quer comprar esta rosa?

**PALHACINHO** (com exagero, puxando para fora os bolsos vazios): Não, comprar não posso. Não tenho dinheiro. Mas, se o senhor deixar a rosa onde está eu... Eu o farei rir. É isso!

**JARDINEIRO** (largando a tesoura e baixando a cabeça): Nada me pode fazer rir, hoje.

**PALHACINHO** (admirado): Não??? Não mesmo?? E por quê?

**JARDINEIRO:** Porque meu netinho, meu único netinho, está muito doente.

**PALHACINHO** (bate-lhe no ombro): Ó, sinto muito!

(O jardineiro de novo pega a tesoura, e se aproxima da Rosa.)

**PALHACINHO** (afrito): Espere, não faça isso!

**ROSA** (para o público): Ai, ai, este é o

meu fim! Que tristeza, que horror!

**PALHACINHO:** Já sei! Deixe aí a rosa e eu irei visitar o seu netinho. (Dá cambalhotas e faz micagens.) Não acha que ele vai gostar de ver isso?

**JARDINEIRO** (abraçando o palhacinho): Que bela idéia! Palhacinho, como a sua visita deixará alegre o meu neto! Fique com a rosa, fique. Eu direi à patroa que não havia uma só flor bonita no canteiro... Não deixarei que ninguém mexa nela!

**PALHACINHO:** Ótimo, ótimo, seu jardineiro. Sua casa é aquela pequenina, no fim do jardim? Daqui à pouquinho passarei por lá.

**JARDINEIRO** (sai, acenando para o palhacinho): Até logo mais. Não se esqueça, nós vamos esperá-lo! Meu netinho vai adorar a sua visita!

**ROSA** (erguendo-se): Oh, que alívio! Obrigada, querido. Meu herói!

**PALHACINHO** (encabulado): Querido... Herói... Não é preciso exagerar. (Noutro tom.) Desta você escapou. Mas, diga-me, por que não quis ir para o vaso de cristal? As rosas tem vida curta. Pelo

menos você acabaria num lugar bonito, admirada por todos...

**ROSA:** Oh, não! Desabrochei ao sol e ao sol quero morrer! Não importa que a minha vida seja curta. Importa que seja bela. À tarde, dançarei com a brisa, à noite me enfeitarei com as brilhantes gotinhas de orvalho e, pela manhã... Oh, pela manhã, virá um beija-flor, um lindo beija-flor que vi quando eu era ainda um simples botão de rosa. Ele prometeu que viria visitar-me, quando se abrissem as minhas pétalas.

**PALHACINHO:** Que bom! Salvei a sua vida e vou fazer rir um menino doente.

**ROSA:** Já vi que não existe mais um palhacinho triste!

**PALHACINHO:** Não existe mesmo! Adeus, tristeza, você só me fez infeliz. Adeus, Rosa! Aprendi muito com você! Vou buscar minha felicidade no riso das crianças.

**ROSA:** Adeus, palhacinho alegre, adeus. Vá ao encontro de sua felicidade. A minha virá amanhã, nas asas daquele beija-flor. Amanhã! Amanhã trará sempre uma alegria para quem souber esperar!

**FIM**



# **Maiores de 10 anos**

(aproximadamente)

**A canção de Assis**

Júlio Fischer

**Canção de Natal**

Ricardo Leite



# A CANÇÃO DE ASSIS

Musical infanto-juvenil

Júlio Fischer

## PERSONAGENS

---

Pedro

Jeremias

Francisco

Sir. Lindolfo

Corvina

Bêbado 1

Bêbado 2

Corbaccio

Velho

Criada

e personagens circunstanciais como passantes, mendigos, crianças, feirantes etc.

## CENÁRIO

---

Ao abrir o pano, o palco está às escuras. Ouve-se ao longe o cantar de um galo. Aos poucos, uma luz crescente vai banhando a cena. Ouvem-se ruídos matinais: pássaros, um sino, etc. À medida que a luz cresce, ouve-se também o som de instrumentos musicais que vêm se aproximando de uma longa distância. Não será necessariamente uma música, mas um som alegre de flautas, gaitas, pandeiros, bumbos e vozes a se aproximar cada vez mais.

Subitamente, o palco é invadido por uma troupe ambulante de atores vestindo roupas de várias épocas, de modo que a sua própria época é imprecisa. É também irrelevante saber a que tempo eles pertencem. O importante é que são atores, músicos, mímicos e mágicos que vão nos contar uma história. Talvez estejamos presenciando o amanhecer na praça de alguma cidade medieval que acolhe um grupo de saltimbancos, ou talvez no metrô de alguma grande metrópole, ou talvez apenas num sonho. O importante é que estamos no Teatro; estamos no tempo do Teatro.

**TODOS** (Cantam):

Salve, salve  
o irmão Sol,  
que abriu a cortina da manhã  
e iluminou com seu farol  
nosso rosto, nosso corpo,  
nosso gesto, nossa graça  
e nos trouxe a esta praça,  
este palco de luz e calor  
pra falar de amor;  
pra contar uma história  
que pra sempre viverá na memória!

Salve, salve  
esta manhã tão linda  
esta luz tão bem-vinda,  
que dá vontade de dançar,  
de cantar, de contar  
um conto de condão  
pra alegrar o coração!

Salve, salve  
o irmão Sol!  
Salve, salve  
a irmã Lua!  
Salve, salve,  
Todo o povo dessa rua!  
Salve, salve  
o irmão Sol... (bis)

**ATOR 1** (Agitando um pandeiro  
adornado com fitas):  
E atenção, muita atenção, que  
vai começar a história!  
Saem de cena dois atores, que  
retornarão à cena como Pitoco e  
Jeremias.

**ATOR 1:** Essa história aconteceu na  
Itália!

**ATOR 2:** Há muitos anos atrás!

**ATOR 3:** Essa história aconteceu,  
imaginem vocês, lá pelo ano de  
mil duzentos e dois!

Os atores abrem um mapa onde  
está desenhada uma representação

medieval da Itália e onde se lê em  
letras góticas: 1210.

**ATOR 1:** No tempo em que havia reis,  
príncipes,

**ATOR 2:** cavaleiros com armaduras de  
ferro,

**ATOR 3:** e havia bruxas escondidas nas  
florestas,

**ATOR 4:** e duendes, e anões, e  
dragões, e homenzarrões, e  
macacões deeeeeeeeeesses  
tamanhões...

**ATOR 1** (para ator 4): Também não  
precisa exagerar tanto assim, né?  
Ouve-se o som de uma gaita. O  
elenco pára a fim de ouvir. É Pitoco  
que vem entrando. É um menino  
pequeno e franzino vestido  
pobrememente, trazendo uma trouxa às  
costas.

**ATOR 1:** Esse que aí vem pelo caminho  
é Pedro; um garoto tão pobre e  
tão pequeno que deram de lhe  
chamar de Pitoco. Não tendo  
nem pai, nem mãe, foi entregue  
aos cuidados de uma tia.

**ATOR 2:** Mas esta não o queria!

**ATOR 3:** Esperou que o menino  
completasse sete anos de vida e  
lhe disse nesse dia: Um dos atores  
assume o papel da tia.

**TIA:** Estou velha demais pra te  
sustentar, meu sobrinho! Já vi que  
tu nunca serás mais que um  
pitoco a me dar prejuízo! Portanto  
toma esse pão-de-ló e este  
toucinho e põe-te na estrada a  
encontrar o teu caminho!

**PITOCO:** : Mas minha tia!...Tenha dó!

**TIA:** Vai-te sem murmurinho  
e sem choramingo, entendeste?

**ATOR 1:** E Pitoco saiu pelo mundo.

**ATOR 2:** Mas por ser pequeno demais  
para a sua idade, não lhe davam  
trabalho. Por ser tão miudinho,

Pitoco só recebia risos por onde andava.

**ATOR 3** (Como um padeiro): Trabalhar de padeiro? Ora essa é muito boa! És pequeno demais pra alcançar o forno, pirralho!

**ATOR 4** (Como um ferreiro): Então queres trabalhar aqui, como ajudante de ferreiro? Há! És fracote demais, piolhinho, pra erguer um martelo! Vai-te, vai-te!

**ATOR 5** (Como um alfaiate de sotaque francês): No, no, no! No preciso de um ajudante assim. Imagine! És desengonçado demais, mon petit, para segurar uma agulha. Além disso, parece que non toma banho há um mês! Vite, vite, vite!

**ATOR 6:** Foi então que Pitoco saiu pelo mundo, a esmolar pelas cidades, pelas feiras e pelas casas de fidalgos.

**ATOR 1:** Mas sentia-se só. Muito só. Os atores fazem agora o papel de andantes das ruas.

**PITOCO** (Aproximando-se deles): Eii! Quer ser meu amigo?

**ATOR 1:** Eu, heim? Amigo de uma coisinha pequena e torta assim? Olhe bem pra mim!

**PITOCO** (Para Ator 2): Eu conheço uma porção de histórias engraçadas! Quer ouvir?

**ATOR 2:** Sai prá lá, pirralho! Vê lá se eu tenho tempo pra achar graça de alguma coisa!

A cena vai se repetindo com os outros, numa espécie de corre-corre em que todos repelem Pitoco, dizendo: "Eu não!", "Sai pra lá!", "Passa!", "Chô! Chô!"

**ATORES** (Cantando):  
Pitoco era um menino  
que ninguém no mundo queria,

Pitoco era barrado  
em toda portaria  
Pitoco se sentia  
sozinho noite e dia;  
seu coração pedia  
um pouco de alegria!

**ATOR 1** (Falando): E foi assim que começou sua romaria pela estrada que unia as cidades de Florença e Perúgia!

**ATORES** (Cantando):  
Lá vai Pitoco solitário  
em seu rumo diário,  
de porta em porta,  
cidade em cidade,  
como um canário  
perdido e sem ninho.  
É um coração sozinho  
em busca de carinho,  
procurando alguém  
pra seguir o seu caminho,  
alguém que lhe dê abrigo  
alguém pra chamar de amigo.

Pitoco prossegue em sua peregrinação dando a volta pelo fundo do palco. Ouve-se um estrondo fora de cena. Uma panela é lançada da coxia. Uma voz grita: "Fora daqui, seu burro idiota!"

Entra em cena um burrinho pequeno, assustado, de orelhas grandes e caídas, e olhar tristonho.

**ATOR 1:** Esse burrinho assustado, de olhar tristonho, desajeitado, não tem nome algum.

**ATOR 2:** Porque ele não tem ninguém que lhe dê um nome; ninguém que lhe queira bem.

**ATOR 3:** A ele, apenas o chutam, outros acham graça,

**ATOR 4:**...outros até mesmo pedras lhe atiram por onde passa!

**ATOR 1:** E por quê? Porque também tem um corpinho pequeno

demais, e é desengonçado, além de ter duas orelhas enormes e caídas.

Os três atores são agora três crianças traquinas prontas a fazerem algazarras com o burro.

**ATORES:** Olha só! Um burro!!!

**ATOR 2:** Vem cá, burrinho, vem, vem...  
O burro foge assustado.

As crianças procuram prender o burro, mas este reage, até que uma delas consegue prendê-lo pelo rabo.

**ATOR 1:** Peguei!

Uma vez preso, as crianças seguram o burro, que continua se debatendo, e amarram-lhe um lenço vermelho e amarelo no rabo.

**ATOR 2:** Pronto! Eu sou o primeiro!  
(Joga-se sobre o burro para montá-lo, mas o pobre despenca no chão): Ih! Mas esse burrinho é muito pequeno e fracote que nem serve pra montar!

**ATOR 2:** Não serve nem pra brincar, de tão sem graça! Ele é muito bobo!

**ATOR 3:** Olha só o tamanho da orelha dele! Que ridículo!

**ATOR 1:** Ridículo!

As crianças começam a saltitar em volta do burro, amedrontando-o.

**ATORES:** Passa, passa,

Burro sem graça!

Burro vadio,

que não serve pra nada,

burro vira-lata!

**ATOR 1** (Falando):

E foi assim que começou sua romaria pela estrada que unia as cidades de Perúgia e Florença!  
Os atores põem em cena uma árvore, indicando uma estrada. Enquanto eles cantam a música seguinte, Pitoco e o burro vão caminhando pelo palco em círculos, sem jamais se cruzarem, dando a entender que estão

caminhando em direções opostas. O grupo canta com muita alegria, ao contrário dos dois andarilhos, que caminham cabisbaixos e em passos lentos. O burro, além do lenço preso ao rabo, agora manca um pouco.

**ATORES** (Cantando):

Vinha o burrinho solitário  
em seu rumo diário,  
de porta em porta,  
cidade em cidade,  
em seu destino  
de trotar sempre sozinho.

Vinha Pitoco solitário  
em seu rumo diário,  
de porta em porta,  
cidade em cidade,  
como um canário  
perdido e sem ninho.

Eram dois corações sozinhos  
em busca de carinho,  
procurando alguém  
pra seguir o seu caminho  
alguém que lhes desse abrigo  
alguém pra chamar de amigo.

Pitoco e o burro ficam sozinhos no palco, chegando, cada qual, a um dos extremos do proscênio, como se estivessem numa bifurcação de estrada. Olham para a platéia como que matutando qual o rumo a seguir.

Há uma pequena cena muda em que ambos se percebem mutuamente, executam os mesmos movimentos simultaneamente, como virar a cabeça, coçar o pé, abaixar-se, virar-se, etc. Como duas almas gêmeas.

Pitoco tira da trouxa um pedaço de pão-de-ló com toucinho e começa a comer. O burro, que está faminto,

observa à distância.

Pitoco se dá conta de que o burro o está encarando.

**PITOCO:** Olá!

O burro se esquiva, assustado.

**PITOCO** (Oferecendo o alimento): Quer um pouco? Não é muito, mas dá pra...

O burro corre de Pitoco, sempre mancando.

**PITOCO:** Ei, não fuja! Eu não vou lhe fazer mal! (Estendendo o pão-de-ló novamente): Quer?

O burro aceita com relutância. Pitoco vai até ele com a mão estendida. Quando chega próximo ao burro, este volta a correr.

**PITOCO:** Não fuja de mim! Você está mancando! Machucou a pata?

O burro estanca, estranhando o interesse de Pitoco em seu andar.

**PITOCO:** Puxa, que burrinho assustado! Deixe eu ver a sua pata, burrinho!

O burro se mostra desconfiado.

**PITOCO:** Vamos! Eu já disse que não vou lhe fazer mal, não disse?

O burro estende a pata para que Pitoco a examine.

**PITOCO:** Ah, não é nada grave! É só fazer uma atadura! Eu vou tirar a minha camisa e em dois tempos... (Percebe o laço no rabo do burro). Nem vai ser preciso! (Desamarra o laço do rabo e amarra-o nas patas do burro). Pronto! Está melhor, não está?

O burro percebe que pode caminhar com mais facilidade agora.

**PITOCO:** Você se machucou na estrada?

O burro faz que não, cabisbaixo.

**PITOCO:** Então...Alguém maltratou você?

O burro, meio envergonhado, faz que

sim com a cabeça.

**PITOCO:** Por isso é que você está assustado desse jeito, não é? (Sentando-se junto ao burro). Eu posso entender o que seja isso.

O burro estranha.

**PITOCO:** Posso mesmo! Eles...também zombam de você?

O burro choraminga, como que confirmando.

**PITOCO:** E também batem a porta na sua cara?

O burro, idem.

**PITOCO:** E também dizem que você é um inútil? Que é tão pequeno e fraquinho que não serve pra nada?

O burro agora faz que sim, ostensivamente, e choraminga.

**PITOCO:** Ora, não chore! Dizem que eu também não sirvo pra nada, sabia? Porque nasci pequeno demais e sou desengonçado! Veja!

Pitoco se levanta. O burro ergue a cabeça. Ambos se olham de alto a baixo, como que se reconhecendo.

**PITOCO:** Está vendo? Eu sou igual a você!

Ao ouvir isso, o burrinho desata em prantos e vai para um canto.

**PITOCO:** Não chore, burrinho! (Afaga o burro). Sabe de uma coisa? Quando eu era pequenininho, bem menor do que sou hoje, eu tinha um tio que gostava de mim. (O burro ergue a cabeça, interessado): É! E quando eu ficava triste, assim como você agora, ele dançava uma dança tão engraçada que a tristeza ia embora. E eu nunca mais me esqueci dele, porque ele sabia deixar os outros felizes com essa dança. Quer ver como é?

Pitoco se levanta e começa a dançar uma dança extravagante e engraçada. O burro olha aquilo tudo com muita estranheza.

**PITOCO:** Então? Não está se sentindo melhor?

O burro faz que sim, balançando as orelhas alegremente.

**PITOCO:** Eu não disse? Agora coma um pouco desse pão-de-ló com toucinho. (O burro come): O meu nome é Pedro, mas me chamam de Pitoco! E o seu, como é?...

O burro volta a se entristecer. Pitoco vê que disse algo inconveniente.

**PITOCO:** Ora! Pra que eu tinha de falar nisso? Agora você ficou triste de novo! (Tempo): Você... não deve ter nome... não é?...

(Tempo): Afinal, quem iria se importar em dar nome a um pobre burrinho inútil, não é? Pitoco vira para o outro lado, colocando-se de costas para o burro, sem perceber que, enquanto fala, o burro está procurando imitar os passos de sua dança engraçada.

**PITOCO:** Eu imagino como você deve se sentir por dentro. (Tempo): Eu também me sinto muito só. E quem é que se importa com pessoas como nós, não é mesmo? (Choraminguando): Somos pequenos e inúteis... Ninguém se alegra com a nossa presença e não fazemos falta a ninguém. Ninguém se incomoda se estamos alimentados ou famintos, se estamos cobertos ou se temos frio; se estamos tristes ou...

O burro cutuca Pitoco com o focinho, para lhe mostrar uma novidade. Pitoco se volta... e o burrinho dança freneticamente para alegrá-lo.

**PITOCO** (Boquiaberto): Vo... você está... DANÇANDO!!! Você está dançando para mim! Você quer me ver feliz! Você se importa comigo!

O burro saltita, como que a dizer um "sim" enfático.

**PITOCO:** Quer ser meu amigo? O burro repete a movimentação.

**PITOCO:** Então, para começar, é preciso que você tenha um nome, para que eu o possa chamar. O que acha.

O burro, idem.

**PITOCO:** Bom, deixe-me ver... Que tal... Que tal... JEREMIAS! Gosta?

O burro faz que sim.

**PITOCO:** E sempre que precisar de mim, é só bater os pés, Jeremias! Jeremias bate os pés, como que sapateando.

**PITOCO:** Assim mesmo, Jeremias! Ei, Jeremias! Que tal vir comigo à cidade de Perúgia?

Jeremias faz que sim.

**PITOCO:** Dizem que existe uma feira por lá! Talvez consigamos trabalho! E agora que somos dois, tudo será mais fácil! (Apontando na direção de Perúgia): A Perúgia, Jeremias? (Jeremias bate os pés): A Perúgia, amigo velho!

Os dois começam a dançar saltitando, percorrendo todo o palco.

Entra o coro de narradores, com os atores já vestidos para a próxima cena. Eles vão acompanhando a caminhgada dançante de Pitoco e Jeremias.

**ATORES** (Cantando):

Lá vai o menino  
e lá vai o burrinho,  
rumo à cidade,  
no peito só felicidade!  
Lá vão os dois pequeninos,

que ninguém no mundo queria,  
agora juntos numa só alegria;  
unidos sob o mesmo raio de sol,  
partilhando o mesmo vento,  
compartindo a mesma florada,  
comungando o pó da mesma estrada.

**ATOR 1** (falando):

E foi assim

que ao cabo de alguns dias  
e muitas léguas,

Pitoco e seu amigo Jeremias  
chegaram à cidade de Perúgia!

Um dos atores finca um estandarte em  
que há uma representação estilizada  
da cidade, as torres e o casario, e  
onde se lê em, letras góticas: Perúgia.

Esse estandarte permanecerá em  
cena até que a ação mude de lugar.  
Ouve-se o ruído confuso de uma feira:  
uma profusão de vozes, panelas  
batendo, sons de animais, etc.

Entram atores, fazendo-se agora de  
mercadores: andam em círculo pelo  
palco, fazendo pregões barulhentos,  
oferecendo suas bugigangas, numa  
enorme algazarra urbana.

**ATOR 1:** Peixe! Peixe fresco! É  
baratinho, freguesa!

**ATOR 2:** Lenços de seda! Compre,  
compre! Finíssimos lenços de  
seda da Índia! Vamos  
comprando!

**ATOR 3:** É o elixir milagroso, freguesa!  
Cura qualquer tipo de problema!  
Faz crescer cabelo e cair verruga!

**ATOR 4:** Indulgências! Indulgências!  
Compre já e garanta sua  
cadeirinha no céu!

**ATOR 5:** Olha o abridor de lata! É o  
abridor de lata, freguês! O  
acessório indispensável para sua  
armadura! É beleza, freguês!  
Você não fica preso na  
armadura, feito sardinha! É o  
abridor de lata! Até o Papa já

está levando!

**ATOR 1:** Leva três pelo preço de dois,  
freguês!

**ATOR 2:** Tá baratinho e já tá  
acabando!

Pitoco e Jeremias entram na cidade e  
observam o movimento com grande  
interesse. Pitoco se dirige aos  
vendedores, procurando alcançá-los  
em sua correria, indagando: "Ei, moço!  
Precisa de um ajudante?" Eles o  
repelem sem sequer respondem, e  
continuam apregoando.

Entra um cavaleiro vestido numa  
armadura dourada; tem, preso a esta,  
um boneco representando a frente de  
um belo cavalo branco. Há alguma  
semelhança entre cavalo e cavaleiro.  
O Cavaleiro se junta à algazarra dos  
vendedores. Vem cavalgando pelo  
palco, fazendo o ruído característico,  
empunhando uma lança e um  
escudo, também dourados.

**CAVALEIRO:** Pocotó! Pocotó! Pocotó!  
Pocotó! Pocotó!

O cavaleiro pára no centro do  
palco apontando sua lança ao  
vento.

**CAVALEIRO:** Archibald! Archibald!  
Apareça seu verme covarde!  
Archibald!

Os mercadores saem.

**PITOCO:** Perdão, senhor! Perdeu  
alguma coisa?

**CAVALEIRO** (Sem enxergar Pitoco):  
Quem falou? Quem falou? É  
você, Archibald? Apareça onde  
estiver!

**PITOCO:** Aqui embaixo, senhor!

**CAVALEIRO:** Ora, mas você não é  
Archibald!

**PITOCO:** O senhor perdeu alguma  
coisa?

**CAVALEIRO:** Perdi! Perdi! O meu  
escudeiro! Meu nome é sir

Lindolfo, o Belo. Estou de partida para o Oriente a fim de conquistar Jerusalém — (Confidencial) as Cruzadas, você sabe — e meu ignóbil escudeiro Archibald fugiu de tanto medo. Mas quando eu o encontrar eu... eu... vou crucificá-lo! Vou mandá-lo para a torre de Londres! Vou lançá-lo no fosso dos jacarés! (Subitamente): Você viu Archibald por aí?

**PITOCO:** Acho que não, senhor. Mas... para que serve um escudeiro?

**CAVALEIRO:** Ora! Para... para... Todo cavaleiro deve ter um escudeiro, óra essa! É a tradição! Se não, não tem graça! Um escudeiro deve carregar meu escudo, polir minha armadura, auxiliar-me nos treinos de dardo e esgrima, acompanhar-me nos desiguais combates ferozes e viris que empreenderei e... (Sorrindo como num comercial de pasta de dente) pentear minhas irresistíveis sobancelhas, massagear esses cabelos macios, bonitos e sedosos que são a perdição das donzelas d'além mar!

**PITOCO:** Parece emocionante! EU poderia ser o seu escudeiro e acompanhá-lo ao Oriente, sir Lindolfo!

**CAVALEIRO:** O Belo! Sir Lindolfo, o Belo. Nunca se esqueça disso! Ora, não me faça rir que minha armadura é muito justa. Você seria uma lástima como escudeiro, pequenino! Um escudeiro deve ter porte, deve ser altivo e imponente! Como são todos os cavaleiros medievais, ora! (Confidencial). É por isso que eu adoro a Idade Média, sabe?

Espero que não termine nunca! É tudo tão bonito, tudo tão arrumadinho!... (Pigarreia e retoma a pose). Não é qualquer um que pode ser escudeiro de Sir Lindolfo!

**PITOCO:** O Belo!

**CAVALEIRO:** Você acha mesmo?

Obrigado. Até que você é muito gentil para alguém do seu tamanho. Quem sabe...em lugar de ser escudeiro você não daria um bom subauxiliar de ajudante para o vice-cozinheiro?

**PITOCO:** Puxa! Isso me parece ser um cargo importante!

**CAVALEIRO:** E também lhe dará algum dinheiro!

**PITOCO:** Oh, obrigado, sir Lindolfo, o Belo! Obrigado! Ouviu isso, Jeremias? Nós vamos para o Oriente!

Jeremias dança de alegria. Ao fazer isso, duas figuras estranhas surgem ao fundo, intrigadas com a dança do burro, e ficam espreitando a cena.

**CAVALEIRO:** Como é que é?! Você disse "nós vamos"? Você certamente não está pensando em levar esse burrinho, não é?

**PITOCO:** Ele é muito prestativo, senhor! Não é um burro como outro qualquer; ele inclusive...

**CAVALEIRO (Rindo):** Imagine! Há! Há! Há! Há! Há! Um burro nas Cruzadas! Há! Há! Há! O que os historiadores do futuro iriam achar disso? (Sério). Seria uma esculhambação! Nada feito!...

**PITOCO:** Mas ele...

**CAVALEIRO (Confidencial):** Não é nada pessoal, entenda! É que seria prejudicial para a imagem da Idade Média! (Firme): Mas se vier comigo ao Oriente... Ah! Quantas

aventuras, quantos mundos fantásticos — que nem em sonhos existem — você conhecerá! Quanta riqueza! Quanta fama! Quanta glória!

**PITOCO:** Obrigado. Mas não posso mesmo abandonar o meu amigo!

**CAVALEIRO** (À parte): Perder uma oportunidade dessas por causa de um burro! Coitadinho! Na certa o menino é louco! (Para Pitoco): Bem, então, Byyyeee!!! Byyyeee!!! (Sai cavalgando): Pocotó! Pocotó! Pocotó! Pocotó! Archibaaaaaal!!! (sai).

**PITOCO:** Não desanime, amigão! Nossa vida nessa cidade nova está apenas começando!

As duas figuras que estiveram observando a cena (Ator 1 e Atriz 1) adiantam-se até o proscênio. São Corbaccio e Corvina, dois charlatães. Usam máscaras cobrindo os olhos e o nariz que os farão assumir uma feição de corvos. Toda sua movimentação, aliás, lembra a destas aves. Corbaccio usa uma roupa que lembra remotamente um apresentador de circo.

**ATOR 1:** E agora vão surgir duas personalidades que também estão nesta cidade à procura de oportunidade:

**ATRIZ 1** (Apresentando-se): Corvina,

**ATOR 1** (Idem): e seu marido Corbaccio!

**ATRIZ 1:** Dois vilões que para cá vieram fugidos da cidade de Veneza;

**ATOR 1:** Dois corvos de olhos famintos espreitando sua próxima presa!

Vestem suas máscaras e ficam observando a cena que transcorre no outro extremo do palco.

**PITOCO:** Amanhã bem cedo, nós vamos tomar outro banho

naquela cachoeira! Mas nada de esconder de novo as minhas roupas, seu engraçadinho!

Jeremias dá uma risadinha.

Pitoco senta-se no chão e apanha duas maçãs de dentro de sua trouxa. Estende uma para Jeremias.

**PITOCO:** Tome! (Jeremias recusa, virando o rosto). Está bem, está bem! Vou descascar!

**JEREMIAS** (Zurrando): Hiiiiii-hooo, Hi-Ho, Hiiiiii-Hooooo!...

**PITOCO** (Como que repetindo uma velha lição): “E também tirar as sementinhas!” Já sei, já sei! (Pitoco começa a descascar a maçã e sente uma coceira nas costas). Ai, ai, ai! Jeremias, quer me coçar as costas enquanto descasco a sua maçã, por favor? De preferência sem fungar no meu ouvido.

Jeremias encosta o focinho nas costas de Pitoco e começa a coçá-lo.

**PITOCO:** Um pouco mais para baixo...agora mais para a direita... Direita, Jeremias! Já esqueceu o que lhe ensinei? Isso! Assim, assim...

**Jeremias** se empolga e começa a fazer cócegas em Pitoco: na nuca, debaixo dos braços, etc.

**PITOCO:** Há! Há! Há! Pare! Pare! Assim não vale! Você sabe que eu não posso com cócegas! Há! Há! Há! Há! Isso é golpe baixo! Há! Há! Há!

Pitoco faz que vai correr atrás de Jeremias e ele pára com as cócegas.

**PITOCO** (Enfiando a maçã na boca de Jeremias): Agora coma!

Pitoco senta-se no chão e come sua maçã.

**PITOCO:** Sabe de uma coisa, Jeremias? Depois que começamos a caminhar juntos, eu reparei que a

estrada, as vilas, as montanhas e tudo o mais ficaram mais bonitos! Até as pessoas ficaram mais amáveis, mais sorridentes... Será que é a primavera que chegou sem avisar?

Jeremias dança.

**CORBACCIO:** Olhe lá, Corvina, olhe lá! Um burro que dança!

**CORVINA:** Crrrauuu! É espantoso, Corbaccio! Será enfeitado?

**JEREMIAS:** Hi-Ho, Hiii-Hoooo, Hi-Ho!

**PITOCO:** É. Você tem razão. Acho que quando a gente encontra um amigo, o mundo fica naturalmente mais bonito. Como se fosse uma primavera chegando ao nosso coração.

**CORBACCIO:** Sem dúvida é algum espécime raro... Imagine a fortuna que faríamos se tivéssemos esse fenômeno conosco! Poderíamos exibi-lo pelas feiras do país! Ficaríamos ricos, Corvina!

**CORVINA:** Crrraaaaauuuuuu!!!! Já posso sentir o cheiro maravilhoso do dinheiro, Corbaccio!

**PITOCO:** Acho que ser feliz não é exatamente ir ao Oriente, nem ficar rico e famoso. Ser feliz é ter alguém para descascar a sua maçã e lhe coçar as costas!

**CORVINA:** Mas será que o pequeno concordará em vender uma coisa assim tão rara?

**CORBACCIO:** Vender????!!! E desde quando hábeis e inteligentes artistas como nós, Corvina, precisam COMPRAR alguma coisa?...

**CORVINA:** Crrraauuuuuu!!! É claro! Vamos roubá-lo e ganharemos muito dinheiro com ele!

Ouve-se um forte trovão seguido de

um clarão e som de vento. Uma tempestade se aproxima.

Os corvos se entreolham e lançam os olhos para o céu, excitadíssimos.

**CORVINA:** Crrrauuu!!! Parece que vem aí uma grande tempestade, Corbaccio! O céu está ficando preto de repente! Preto, preto, preto...

**CORBACCIO:** Crrraaaaauuuu!!! Isso vai ser ótimo para os nossos planos, Corvina!...

**OS DOIS:** Crrraaaaaaauuuuuu, ué excitanteeeeeeeee!!!!

**PITOCO:** Vamos sair daqui, Jeremias! Vamos nos abrigar naquela ponte ou numa igreja! Vamos, vamos!

Jeremias dança feliz. Os corvos esfregam as mãos.

**PITOCO:** Não senhor! Nada de tomar banho de chuva, pra depois apanhar um belo resfriado! Vamos, vamos, meu burrinho!... Apertando o passo!

Pitoco vai puxando Jeremias em direção à saída de cena em passos acelerados. Os corvos se interpõem no caminho dos dois amigos, impedindo-lhes a passagem.

**OS CORVOS** (Abrindo os braços ameaçadoramente): Crrraaaaaaauuuu!!!!

**PITOCO:** Oh! (Se retrai com o susto; há um momento de tensão em que o menino sabe, pela figura e pela intervenção dos corvos, que há perigo, mas não sabe qual.)

**CORVINA:** Está...perdido meu anjo?

**CORBACCIO:** Parece que o mundo está para desabar, não é? Crrraaaaaauuuu!!!!

**PITOCO:** Quem são vocês? Deixem-me passar!

**CORVINA:** Será difícil encontrar abrigo da chuva com esse burro. E é

melhor você procurar um, antes que fique todo ensopado!...

**CORBACCIO:** Ou que um raio possa derrubá-lo! (Empurra Pitoco, que cai no chão).

**CORVINA:** Nós tomaremos conta do burro para você! Crrrauuuu!!!!

**PITOCO (Furioso):** Tirem as mãos dele!!!

**OS CORVOS:** Craaaauuuuu!!!

Pitoco se levanta. Inicia-se uma correria alucinada pelo palco.

Os dois corvos se apoderam de Jeremias e o carregam, enquanto Pitoco corre atrás, chamando por ele, como que correndo pelas ruas e vielas de Perúgia. A tempestade é forte e ameaçadora.

**PITOCO (Correndo na chuva):**  
Jeremias!!! Jeremias!!! Ladrões!  
Ladrões! Devolvam o meu burrinho!!! Dev...

No meio da confusão entra o cavaleiro como que carregado pelo vento. Traz agora um guarda-chuva aberto e uma bóia inflável com a figura de um cavalinho. Vem rodopiando pelo palco. Os corvos já desapareceram com Jeremias.

**CAVALEIRO:** Archibald! Archibald! São cinco horas! Onde está o meu chá?!

**PITOCO:** Sir Lindolfo! Sir Lindolfo!

**CAVALEIRO:** O que você quer, garotinho? Um autógrafo? Pois não, pois não...

**PITOCO:** Roubaram o meu burrinho! Me ajude a encontrá-lo!

**CAVALEIRO:** Ora, mas eu nem o conheço, pingo de gente! Nunca vi burro nenhum! E nem estamos na temporada de caça aos burros. Além disso está na hora do meu chá das cinco! Archibald! Archibald! (Saindo): Onde está o

meu chá? Onde você enfiou minhas torradas? (Sai).

Pitoco perambula pelo palco, visivelmente cansado de procurar Jeremias.

**PITOCO (Canta):**

Onde está você, amigo?

Onde está o meu abrigo?

Onde estão aqueles dois olhinhos que acalentavam de inocência e compreensão a minha essência?

Onde está você, amigo?

Onde está o meu abrigo?

Hoje a tua ausência fez no peito uma ferida;

Deixa que eu te diga

que pra além da nossa diferença você aqueceu e iluminou a minha vida

no cristal da tua presença.

E agora,

onde está você amigo?

onde está você, meu amigo?

Onde andarás você?...

Uma varredeira cruza o palco, varrendo incessantemente e com rapidez.

**PITOCO:** Ei! Por acaso a senhora não viu passar por aí o meu burrinho?

**VARREDEIRA (Sem tirar os olhos do chão):** Um burro? Imagina!

Existem tantos por aí, ora essa!

**PITOCO:** O meu é pequeno como um carneiro...

**VARREDEIRA:** Há! Então não vi mesmo!

E vai passando, menino! Passa!

Passa! Deixa eu varrer em paz!

(Sai).

Entra uma tricoteira tricotando, também passando rapidamente.

**PITOCO:**...Ele tem orelhas grandes e caídas... Tem certeza de que não viu ele por aí?...

**TRICOTEIRA:** Ora, mas que ridículo!

Acha que eu não tenho mais o

que fazer do que olhar orelha de burro? E sai daí. sai, sai, sai, sai...

Assim você acaba me confundindo no ponto! (Sai).

Entram dois bêbados, funis na cabeça, cada qual segurando uma garrafa vazia, apoiando-se um no outro.

**PITOCO:**...e ele sabe dançar!

**BÊBADO 1:** Um burro que dança, você disse isso?

**BÊBADO 2:** Você deve estar bêbado, menino! Burros não dançam!

**PITOCO:** Eu sei! Eu sei que burros não dançam! Mas Jeremias e eu nos gostamos tanto, que ele aprendeu!

**BÊBADO 1** (Cutucando o outro, como que combinando de gozarem da cara do menino): E como é que o burro dança?

**PITOCO:** Assim!

Pitoco dança para os dois bêbados. Eles morrem de rir, aplaudem desengonçados, tentam imitar a dança, mas, trôpegos, não conseguem.

**BÊBADO 2:** Rapaz! Esse burro deve ser um gênio! Há! Há! Há!

**BÊBADO 1:** Deve ser um burro inteligente! Há! Há! Há!

Os dois se apóiam um no outro, morrendo de rir.

**PITOCO:** Ele tem um coração de ouro! Os senhores não o viram por aí?

**BÊBADO 1:** Ver eu não vi. Mas só sei de UMA pessoa em toda essa região que poderia encontrar esse burro pra você! Há! Há! Há!

**BÊBADO 2:** Quem é, Bártolo? O louco de Assis?...

**BÊBADO 1:** Esse mesmo!! Há! Há! Há! (Fingindo falar sério com Pitoco, porém mal contendo o riso): Ouça aqui, garoto: andando algumas léguas naquela direção,

você vai chegar na cidade de Assis. Lá existe um homem, um tal de Francisco! Dizem que ele conversa com os pássaros! (Não consegue mais conter o riso e explode numa gargalhada).

**BÊBADO 2:** Quem sabe ele não poderia ajudar você? Ele também é um lunático! Conversa com pássaros!

Os dois bêbados vão saindo, rindo a valer.

**BÊBADO 1:** Um burro que dança! Há! Há! Há!

**BÊBADO 2:** Um homem que conversa com pássaros!!! Há! Há! Há! Que porre danado!

Saem. Pitoco fica só no palco, matutando; virado na direção apontada pelo bêbado.

**PITOCO:** Francisco de Assis... Francisco de Assis...

Um homem que conversa com os pássaros... (pensa, olha para o céu) Um homem que conversa com pássaros... Talvez ele possa mesmo me ajudar!

Entram alguns atores. Enquanto cantam, vão preparando a próxima cena. Pitoco caminha pelo palco, cabisbaixo, com sua trouxa às costas. O ator que fará o papel de Francisco é vestido pelos demais com uma túnica rude, toda feita de retalhos. Outro ator finca um estandarte onde se lê: "Assis".

É introduzida uma pequena plataforma onde há uma parede de pedra semiconstruída.

**ATORES** (Cantando):

E assim o Pitoco solitário de novo se pôs a caminhar no pó de uma nova estrada uma trilha iluminada

pela força da esperança  
de encontrar o Jeremias,  
de voltar a ser feliz.  
E no fim de alguns dias  
a estrada o conduziu  
à cidade de Assis.  
Num canto do palco, Francisco ergue  
uma parede de pedra.

**FRANCISCO** (Cantando):  
Quem me der uma pedra  
para erguer essa igreja  
terá em seu coração  
uma recompensa!

Lá, lá, lá, lá, lá, lá... (Prossegue  
cantarolando em voz baixa).

**ATOR 1:** Esse monge tão alegre  
é Francisco de Assis.

Um dia, ele decidiu dedicar a sua vida  
inteirinha para Deus,  
e tudo o que tinha, para os pobres ele  
deu.

**ATRIZ 1:** Por isso, todos zombavam dele!

**ATRIZ 2:** Uns diziam que ele era...

**ATRIZ 1** (Para Francisco): Louco!!!  
Passa, passa, passa!

**ATRIZ 2:** Outros, que era...

**ATOR 1** (Para Francisco): Va-ga-bun-  
do!!! Chô! Chô! Chô!

**ATRIZ 1:** Ladrão! Salteador! Parasita!!!

**ATOR 1:** Alguns até lama e pedras lhe  
atiravam pelo caminho!

Ator 1 e Atriz 2 fazem menção de  
atirar pedras em Francisco.

**ATRIZ 1:** Mas não era com tristeza  
que Francisco respondia à  
provocação:

era com um sorriso e uma canção!  
Francisco estende a mão para os dois  
que ameaçam apedrejá-lo.

**FRANCISCO** (Cantando):  
Quem me der uma pedra  
para erguer essa igreja,  
terá em seu coração  
uma recompensa!  
Lá, lá, lá, lá...

Com seu cantar Francisco desarmou  
os dois; eles lhe entregam suas pedras  
e os três soltam uma sonora  
gargalhada.

**ATRIZ 2:** Assim era o irmão Francisco;  
tão grande era o seu coração  
que tinha um afeto todo especial  
pelos pobres, pelos velhos e pelos  
meninos;  
e também pelos feios, pelos fracos  
e os desajeitados.  
Todos os pequeninos, enfim,  
que ninguém no mundo queria,  
Francisco recebia com alegria  
em seu coração  
e com eles repartia seu pão.  
Entra um mendigo cego, apoiando-se  
numa bengala.

**MENDIGO:** Uma esmolinha, pelo amor  
de Deus! Uma esmolinha pelo  
amor de Deus!

**FRANCISCO:** Olá, Giovanni.

**MENDIGO:** Francisco!

**FRANCISCO:** Hoje não posso te dar  
nada, meu irmão. Na cidade  
também não consegui nem uma  
migalha pra repartir contigo.

O mendigo vai saindo.

**FRANCISCO:** Ei, Giovanni! Espera!  
Espera! (Exultante): Posso te dar a  
minha túnica! (Faz menção de  
tirar a túnica).

**MENDIGO** A túnica?... Não, não, não...  
Não posso aceitar, Francisco...

**FRANCISCO:** Pois eu lhe peço que  
aceite. Por mim! É tudo o que  
tenho para lhe oferecer.

**MENDIGO** Não, não, não... a túnica  
não, Dio Christo!... A túnica não...  
(Confidencial): Ouça, Francisco:  
você conhece bem o  
temperamento da minha  
"donna", não conhece? Todas as  
noites quando chego em casa  
ela pergunta: "Então, Giovanni, o

que você conseguiu hoje?” Se eu digo: “Vinte moedas, Maria Pia”, ela me dá cinco bofetões. Se eu digo apenas “dez moedas”, ela me dá trinta bofetões! Ontem eu cheguei em casa com apenas cinco moedinhas. Cinco! Sabe o que ela fez? Me deu cinquenta bofetões!...

**FRANCISCO** (Mal conseguindo conter o riso): Isso é... lamentável...

**MENDIGO** Você acha graça, não é, figliolo? Agora imagine se eu apareço em casa com esse monte de trapo que é a tua túnica. Ela me mata, Francisco! Portanto, tem piedade dessa alma sofredora e fica com a tua túnica, Francisco! (Vai saindo, agora como um mendigo manco, não mais cego).

**ATRIZ 1:** Muito tempo depois que essa história aconteceu, ele seria conhecido como São Francisco de Assis, o Santo dos Pobrezinhos.

**ATOR 1:** Mas agora, ainda estamos lá por volta do ano de 1202, e ele é apenas Francisco, o amigo de Deus, o irmão sempre feliz, e está reconstruindo uma igreja com pedras que vai mendigando uma a uma pelas ruas de Assis.

**FRANCISCO** (Canta):

Quem me der uma pedra  
para erguer essa igreja  
terá em seu coração  
uma recompensa! (bis)  
Quem me der duas pedras  
para erguer essa igreja,  
terá em seu coração  
duas recompensas! (bis)  
Terá três recompensas  
quem três pedras me der  
para erguer essa igreja! (bis)  
E que Deus conosco esteja,

porque é dando que se recebe!  
Alguns atores vestem uma capa neutra e com as mãos manipulam passarinhos à volta de Francisco. Outro ator se coloca por detrás do muro de pedra, de onde irá manipular duas flores.

Francisco trabalha arduamente na construção do muro, enquanto cantarola.

**FRANCISCO** (Limpa o suor do rosto, dá um suspiro e olha para o alto): Ah, Senhor! Que alegria ter sido escolhido para reconstruir essa igreja! (Volta a cantarolar e a afixar mais algumas pedras). Essa parede já está quase pronta; depois é a outra, a outra...depois é a vez do telhado! (Tempo). Mas... o coração dos homens tem andado meio empedernido ultimamente, o Senhor não acha? Só pensam em guerras! Parece que elas estão dando muito dinheiro... Ontem, quando fui à cidade pedir voluntários para a construção da casa de Deus, sabe o que me perguntaram? “Qual é o salário?”! Desse jeito vai ser difícil para mim sozinho terminar as obras com a urgência que o Senhor me pediu. (Tempo). Será que o senhor não podia dar uma olhadinha daí de cima e escolher uma alma boa, generosa, e inspirar o seu coração para ela vir até aqui me ajudar? Talvez assim, muito em breve, já poderíamos celebrar uma missa por aqui! (Empolga-se). Já pensou, Senhor? Uma missa! (Começa a saltitar de alegria e a cantarolar).

Entra Pitoco, cabisbaixo. Francisco estanca, olha para o alto com ar

enigmático, como a perguntar: “É ele?”; ao obter alguma resposta, dá uma piscadela para o Senhor.

**PITOCO:** O senhor é Francisco? O que conversa com os pássaros?

**FRANCISCO (Rindo):** Que o senhor te dê paz! E o irmão, como se chama?

**PITOCO:** Meu nome é Pedro, mas me chamam de Pitoco.

**FRANCISCO:** Então para mim será Pedro. Seja bem-vindo à casa de Deus, e também ao meu coração. Aliás o irmão chegou em muito boa hora!

**PITOCO (Estranhando a receptividade):** Cheguei?...

**FRANCISCO:** Eu estava justamente precisando de alguém para alegrar a nossa irmã petúnia. (Aponta uma das flores, que está murcha): Ela está muito triste hoje...

**PITOCO:** Eu nunca imaginei que as flores se entristecessem...

**FRANCISCO:** Ah, mas elas também se alegram facilmente! A irmã petúnia está assim porque todos os dias vinha aqui um grilo cantar para ela; um grilo muito simpático — me parece até que era napolitano, pelo sotaque. Mas hoje, não sei por que, ele não apareceu e ela ficou assim. Eu já tentei animá-la com as minhas canções, mas parece que ela não gostou de nenhuma... Os pássaros também não conseguiram nada. O irmão não conhece alguma boa canção para alegrar uma flor?

**PITOCO:** Bom eu... não conheço muitas canções. Mas eu poderia dançar para ela. (Sem muita convicção): Eu conheço uma dança que

deixa as pessoas felizes!

**FRANCISCO:** Não me diga! E como é?

**PITOCO:** Assim!

Pitoco dança. As flores erguem o caule para enxergar melhor e se balançam alegremente. Os pássaros também olham. Ouvem-se risadinhas por todos os lados. Francisco bate palmas contente.

**FRANCISCO:** Há! Há! Há! Você precisa me ensinar isso, Pedro! Veja como a nossa irmã petúnia se alegrou!

Pitoco vai parando de dançar e caindo num pranto. Francisco, as flores e os pássaros olham para ele sem entender.

**FRANCISCO:** Algum problema, Pedro?...

**PITOCO (Soluçando):** É que...essa dança me fez lembrar o meu amigo Jeremias... Ele também sabe dançar, apesar de ser um burrinho... Ele é o meu único amigo... Mas acontece que ele foi...roubado... E desde então eu me sinto muito só...

**FLOR 1 (Para a outra flor):** O que foi que ele disse, Begônia?

**FLOR 2:** O amigo dele, Petúnia! Foi roubado!

**FLOR 1:** Oh! Mas isso é muito triste!

**FLOR 2:** Coitadinho!...

Subitamente, as duas flores e os pássaros abrem bocas enormes, numa choradeira ensurdecidora e contagiante.

**FRANCISCO (Desolado, sem saber a quem consolar primeiro):** Oh, Deus!... Uma dança que deixa a todos muito felizes... (Vai até Pitoco e o abraça): Vamos, Pedro; vamos, não chore... (Pitoco vai parando de soluçar): Isso...assim... Pronto. Você não está sozinho, não está vendo? Todos aqui somos seus amigos!

**PITOCO:** Vocês são?

**FRANCISCO:** Claro! (Para os pássaros e as flores): Não é mesmo, meus irmãos?

Os pássaros piam, assentindo, as flores dizem "sim, claro, naturalmente..."

**FRANCISCO:** Agora me dê um sorriso de presente, enxugue essas lágrimas e fique aqui conosco!

**PITOCO:** Vocês são muito gentis... Mas, mesmo assim, eu não poderia deixar o Jeremias perdido por aí. Ele é muito pequeno, sabe? Ele só tem a mim pra tomar conta dele e descascar a sua maçã e... Você pode me ajudar a encontrá-lo, não pode, Francisco? Eu sei que pode! Você conversa com os pássaros!...

**FRANCISCO:** Procure entender, Pedro. O Senhor Deus me incumbiu de reconstruir a sua casa e Ele tem pressa. Eu não poderia deixar as obras e...

Um tempo. A cena congela. Uma luz se projeta sobre a cabeça de Francisco. Francisco se levanta, vai até o proscênio e ergue os olhos para Deus. Seu rosto está intensamente banhado em luz.

**FRANCISCO:** Senhor: há pouco eu me queixava de que o coração dos homens andava duro como pedra, e o Senhor, para mostrar o quanto eu estava errado, me enviou essa criança; me fazendo lembrar que há sempre esperança onde existe amor... (Como que replicando a Deus): Eu sei, eu sei que o senhor tem pressa em que sua igreja fique pronta logo. Mas foi o Senhor mesmo quem disse que o maior triunfo do mal é roubar a alegria do coração dos filhos de Deus,

não foi? Então, meu Paizinho! Faz de mim um instrumento de tua paz e me deixa levar alegria onde houver tristeza!... (Um tempo. Francisco recebe uma resposta).

A cena volta ao normal.

**FRANCISCO:** Pedro: o Senhor Deus me incumbiu de reconstruir a sua casa e ele tem pressa. Eu não poderia abandonar agora as obras, mas o Senhor Deus, na sua infinita bondade, me concedeu alguns dias de licença! De modo que vamos sair agora mesmo e procurar o Jeremias onde ele estiver!

**PITOCO:** Puxa, muito obrigado!

**FRANCISCO** (Vestindo uma capa sobre a túnica): E os nossos irmãos pássaros também nos ajudarão. (Para os pássaros): Meus irmãos: vocês que podem voar, procurem por toda parte o paradeiro do burrinho Jeremias! Avisem a seus irmãos do norte, do sul e do leste para procurarem também. Se souberem de alguma coisa, nos avisem imediatamente. Estaremos pelas estradas; vai ser muito fácil nos encontrar. Que Deus abençoe a todos!

Francisco abençoa os pássaros e eles saem em revoada.

**FRANCISCO** (Para as flores): Adeus, irmãzinhas!

**FLORES:** Adeuzinho! Boa viagem! Boa sorte!

Francisco já está quase saindo, quando se lembra de ter esquecido algo. Corre até o proscênio e manda um beijo para Deus.

**FRANCISCO:** Muito, muito, muito obrigado!

A parede de pedra é removida.

Pitoco e Francisco estão sós no palco, como que do lado de fora da igreja.

**PITOCO:** Francisco, por que é que as pessoas o chamam de irmão sempre feliz?

**FRANCISCO:** É Deus, Pedro! Deus me faz cócegas! (Pedro ri, incrédulo). É verdade! Como eu poderia ser infeliz, Pedro, se a cada palmo de terra eu tenho um amigo; se a cada palmo de terra eu tenho um irmão! Como eu poderia ser uma pessoa infeliz, Pedro, sendo irmão do Sol, da Lua, das Estrelas, das flores, do fogo...e de todas as criaturas do Senhor?

**PITOCO:** Será que algum dia eu também vou me sentir irmão do Sol e da Lua?

**FRANCISCO:** Só existe um segredo para merecer essa felicidade: ser generoso; abrir o nosso coração a cada dia mais e mais para as maravilhas do Senhor! (Olhando para os lados): Bem...e por falar nisso... que tal você perguntar ao irmão vento que direção devemos seguir? Ele é muito prestativo para orientar os viajantes, sabia?

**PITOCO** (Chamando): Irmão vento! ei, irmão vento! Em que direção devemos seguir para encontrar o meu amigo Jeremias?

Um tempo. Nada acontece.

**PITOCO:** Parece que ele ainda não me acha generoso o bastante...

**FRANCISCO** (Estalando os dedos): Então por que você não dança para ele?

**PITOCO:** Você acha mesmo?...

**FRANCISCO:** Claro, claro! Ele vai achar muito engraçado! Tenho certeza de que vai adorar, pois em geral os ventos são muito bem-

humorados!

Um pouco incrédulo, Pitoco começa a dançar.

Ouve-se o som de uma lufada de vento, se possível arrastando algumas folhas secas e galhos de árvore. Um vento que vai ficando cada vez mais intenso.

**FRANCISCO** (Segurando na mão de Pedro): Segure firme! Nosso irmão está de ótimo humor hoje! Salve, irmão vento!

Subitamente, Francisco e Pitoco estão voando. Poderão ser alçados por um cabo ou simplesmente representar seu vôo através de movimentação.

**PITOCO** (Meio assustado, meio maravilhado): Estamos voando! Estamos voando, Francisco!

**FRANCISCO:** Estamos viajando na risada do vento! Os ventos adoram carregar coisas engraçadas!!! Há! Há! Há!

Saem Francisco e Pitoco "voando" Pouco antes de deixarem a cena os dois bêbados entraram no palco, mais bêbados do que nunca, observando Francisco e o menino. Permanecem olhando fixamente na direção em que estes saíram.

**BÊBADO 1:** Bártolo!...

**BÊBADO 2:** O que é?...

**BÊBADO 1:** Lembra daquele menino?

**BÊBADO 2:** Que menino?

**BÊBADO 1:** Aquele boboca que encontramos em Perúgia e mandamos para Assis...

**BÊBADO 2:** O que tem?...

**BÊBADO 1** (Quase chorando): Eu poderia jurar que estou vendo o tal menino voando no céu, de mãos dadas com o louco de Assis!

**BÊBADO 2:** Eu também... Mas só pode ser uma miragem!

**BÊBADO 1:** Uma simples bobagem!

**BÊBADO 2:** Uma grande asneira!

**BÊBADO 1:** Uma enorme besteira!

**BÊBADO 2:** Meninos não voam!

**BÊBADO 1:** Loucos também não voam.  
Voam?...

**BÊBADO 2:** Bem...talvez ele tenha  
cismado que é uma ave e seja  
tão louco que...

**BÊBADO 1:** Mesmo assim é impossível!

**BÊBADO 2:** Totalmente impossível!

**BÊBADO 1:** Que conclusão você tira  
daí?

**BÊBADO 2:** Estamos perdendo o juízo!

**BÊBADO 1:** Deve ser o álcool!

**BÊBADO 2:** Nunca mais vou beber uma  
gota de álcool a partir de hoje!

**BÊBADO 1:** Eu também!

Os bêbados saem.

Entram Francisco e Pitoco caminhando  
de mãos dadas pelo palco,  
simulando uma caminhada.

**FRANCISCO** (Cantando): Um irmão  
é alguém que pega na sua mão  
e pela estrada o conduz  
em busca de um raio de luz,  
um clarão, uma alvorada!  
Um irmão

é alguém que toca o seu coração  
como corda de violão  
transformando a caminhada  
numa canção de união,  
de encontro e chegada!

Entram Ator 1 e Atrizes 1 e 2, fazendo-  
se de passantes que vão cruzando  
com Pitoco e Francisco em sua  
jornada.

**FRANCISCO:** Bom dia, irmão! O amigo  
por acaso não viu um burrinho  
por aí?...

**ATOR 1:** ãra, tenha paciência!

**PITOCO:** Ele é pequeno como uma  
ovelha...

**ATRIZ 1:** Loucos! Vadios!

**FRANCISCO:** E ele sabe dançar! Assim!

(Francisco dança): Um presente  
do senhor!

**ATRIZ 2** Não vi burro nenhum! E caiam  
fora! Fora!

**FRANCISCO:** Que o Senhor vos dê paz!  
E derrame sobre vós todo o seu  
amor! (Para Pitoco): Vamos,  
amigo? (Segura nas duas mãos  
do menino e ambos começam a  
rodopiar): Siena, Bolonha,  
Mântua...

**PITOCO** (Rodopiando com  
Francisco)...Pádua, Vicenza,  
Verona, Veneza!

Pitoco e Francisco voltam a simular a  
caminhada, enquanto os três atores os  
acompanham cantando e dançando.

**ATORES** (Cantando ou simplesmente  
cantando):

Lá vai Francisco de Assis  
e lá vai o menino  
cruzando os vales e montanhas do  
país

na direção do irmão vento,  
dormindo ao relento,  
noite e dia em romaria  
para encontrar o Jeremias.  
Lá vai o Santo dos pobrezinhos  
e uma procissão de irmãos passarinhos  
a mostrar também o caminho.  
Atores manipulam pássaros que se  
aproximam dos dois.

**FRANCISCO:** Salve, irmãos passarinhos!

**PITOCO:** Vocês não viram meu amigo  
Jeremias por aí?

Francisco "confabula" com os  
pássaros, isto é, ouve atentamente o  
que eles dizem e vai reagindo  
enigmaticamente ao que eles "dizem".

**PITOCO:** E então, Francisco?

**FRANCISCO** (Ainda entretido na  
"conversa"): Oh!...puxa... é  
mesmo?...vocês acham?

**PITOCO** (Impaciente): E então,  
Francisco?

**FRANCISCO:** Os nossos irmãozinhos de asas me disseram aqui no ouvido que meu amigo Pedro... (Aproxima o rosto de Pedro e vai cheirando-o vigorosamente. O menino não entende nada)... precisa urgentemente de um banho! (Para os pássaros). Como?... Ah, sim... (Cheia a si mesmo). Que eu também preciso urgentemente de um banho e que há uma nascente de água fresquinha a três léguas daqui! Que maravilha, Pedro! Um banho de água fresca! O último a chegar é uma taturana torta! Santo Deus! O roçar da irmã água no corpo faz a gente se desmanchar de alegria! Vamos! Vamos! (Diante da imobilidade de Pedro). O que foi?

**PITOCO:** Estive pensando, Francisco... Como será que você consegue voar, conversar com as flores, entender a língua dos pássaros e tanta coisa mais? (Arrisca). Você é um bruxo... não é, Francisco?... Um bruxo bom, eu quero dizer... Mas você é, não é?...

**FRANCISCO** (Numa gargalhada marota, sai correndo pelo palco atrás do menino): Sou! Sou! E conheço uma porção de truques, menino curioso! Vou fazer nascer uma verruga bem na ponta de seu nariz!

**ATORES** (Cantando ou contando): Lá vão os dois companheiros de mãos dadas, os pés descalços. Unidos sob o mesmo raio de sol, partilhando o mesmo vento, compartilhando a mesma florada, comungando o pó da mesma estrada. (Luz começa a descer em resistência anunciando a chegada da noite).

**ATORES** (Idem):

Lá vai o santo dos pobreziinhos conduzindo o menino, e uma procissão de irmãos passarinhos a envolvê-los pelo caminho. São dois corações palpitando de esperança; basta um olhar e eles se compreendem; porque um é santo e outro é criança. Saem atores. Francisco e Pitoco são deixados a sós no palco. É noite. Os dois estão sentados no chão, contemplando as estrelas. Ruídos noturnos contribuem para criar o clima de uma noite estrelada. Os próprios atores podem fazer esses ruídos, como os de grilos e corujas.

**PITOCO:** Sabe, Francisco, eu fico imaginando se as irmãs estrelas, que estão lá no alto e que enxergam tudo o que acontece aqui embaixo, não podiam nos ajudar a encontrar o Jeremias.

**FRANCISCO:** Por que não pede a elas, Pedro? Veja só quantas e quantas estão esparramadas no céu. Olhe lá... as Três Marias, a Ursa Maior... (Noutro tom). Vou lhe contar um segredo: as estrelas são muito sensíveis, sabe? E a melhor maneira de se conversar com elas é lhes assobiar uma canção. Não há nada que as gentis irmãzinhas do firmamento apreciem mais!

**PITOCO:** Você pode me ensinar, Francisco?

**FRANCISCO:** Uma música para você assobiar? Hmm... Que tal essa? (Assobia algumas notas e Pedro repete). Isso! Agora pense, com todas as suas forças que vai conseguir realizar o seu sonho...

**PITOCO** (Fecha os olhos e repete, confiante): Vou conseguir realizar

o meu sonho...Vou conseguir realizar o meu sonho! (Abre os olhos, toma fôlego e assobia para as estrelas).

Um tempo. Uma estrela assobia-lhe de volta a mesma melodia. Pedro fica pasmo. Ergue a cabeça e assobia novamente. Uma outra estrela responde agora. Francisco também se põe a assobiar. Outras estrelas respondem e logo ouve-se o som de milhares de estrelinhas assobiando a melodia de Francisco, que rege, da terra, aquela sinfonia celeste. Francisco e Pedro saem, saltitantes e sempre assobiando.

Entram Ator 1 e Atriz 2. Enquanto falam, vão se vestindo, diante do público, como Corvina e Corbaccio.

**ATOR 1:** E o Jeremias? Ah, o bom Jeremias! Foi trancado numa jaula feito bicho feroz, e levado a dançar nas praças e nas feiras do país, enchendo os bolsos dos dois malfeitores com moedas de ouro! Crau!

**ATRIZ 1:** Até que um dia, a saudade do amigo Pitoco virou uma tristeza tão grande, mas tão grande, que Jeremias esqueceu a dança!

**ATOR 1:** Aconteceu numa hospedaria, na cidade de Tarento, quase no fim da primavera!

Corbaccio e Corvina puxam para dentro do palco uma jaula sobre rodas coberta com uma cortina de cetim colorida, onde se lê: "Jeremias, o burro que dança". Estamos no pátio interno de uma sórdida hospedaria freqüentada por salteadores, assassinos e mulheres grosseiras.

**CORBACCIO:** Venham, venham, senhores! Venham ver este fenômeno da natureza! Um burro que dança!

**CORVINA:** Isso mesmo, gentis senhoras e senhores! Um burro que dança! Nunca se viu nada de tão bizarro e extraordinário!

**CORBACCIO:** E tudo isso por apenas cinco moedas! Cinco moedinhas para ver este fenômeno! Aproximem-se, nobres cavalheiros e damas!

Corvina apanha um chicote. Corbaccio puxa uma cordinha que ergue a cortina colorida e Jeremias é revelado dentro da jaula. Ouvem-se gargalhadas.

**CORVINA:** Engraçado, não é? Diríamoss mesmo que é ridículo, senhoras e senhores! Mas esperem até vê-lo dançar! Há! Há! Há! (Estala o chicote). Mas não se aproximem! Não se aproximem ou poderiam assustar o bicho! Se ele se assusta...é um periiiiigo!

**CORBACCIO** (Abrindo a jaula): Senhoras e senhores! Com vocês... o incrível, o sensacional, o fenomenal... JE-RE-MI-AAAAS!!!!

**CORVINA** (Estalando o chicote): Vem, Jeremias!

Jeremias sai da jaula cabisbaixo. Ouve-se uma gargalha de escárnio.

**CORVINA** (Estala o chicote): Muito bem, Jeremias! Agora dance para o respeitável público! (Tempo). Ele é um pouco... tímido! Há! Há! Há! (Torna a estalar o chicote). Dança, Jeremias!

**OS DOIS:** É um, é dois, é três!!! Jeremias tenta dançar, mas não consegue. Ouvem-se mais risos.

**CORVINA:** O que foi, meu benzinho? Será que esqueceu de dançar? (Empurra Jeremias pelo pescoço e estala o chicote). Dança, Jeremias!

**OS DOIS:** É um, é dois, é três!!!!  
Jeremias tenta novamente. Não consegue.  
Ouvem-se ruídos de protesto por parte da assistência.

**CORBACCIO** (Para a platéia): Um momento, um momentinho, nobres cavalheiros e damas! Esperem para vê-lo dançar! Esperem e não se arrependerão! Garanto que nenhum dentre os senhores jamais viu nada semelhante a esse bicho! Ele é sensacional! Ele é fenomenal! Ele é...ele é... estupendo! Tudo pronto, Corvina?

**CORVINA:** Tudo pronto, Corbaccio! Ele agora vai dançar, não é mesmo, Jeremias? (Estala o chicote): Dança, Jeremias!

Jeremias não consegue. Tenta explicar-se zurrando tristemente.

**CORBACCIO:** Dança Jeremias!!!

**CORVINA:** Ele não quer me obedecer, Corbaccio! Parece que ele não sabe mais dançar! Crrrrrauuu! Será que ele esqueceu a dança?

Ouvem-se sons de protesto, vaias e risos. Das laterais do palco começam a chover objetos como ovos, cascas de laranja, uma dentadura, uma galinha, etc.

**CORBACCIO** (Para a assistência): Esperem! Esperem! Não percam a paciência! Não vão embora! Voltem aqui! Voltem aqui! Ele vai dançar! Ele vai... (A suposta assistência desapareceu; ele dá um chute em Jeremias). Animal ingrato!

**JEREMIAS** (Zurrando): Hiii-hooooo...

**CORVINA** (Chutando Jeremias): Depois de tudo o que fizemos por você! Esquecer a dança bem na hora do show!

**JEREMIAS:** Hiii-hooooo...

**CORVINA:** Corbaccio, é melhor passar esse traste adiante, antes que nos dê mais prejuízo! Vamos vendê-lo?

**CORBACCIO:** Vender? E quem é que iria comprar um burro idiota, ingrato, ingrato e inútil, Corvina?

**CORVINA:** Crrraaau! É mesmo! Ele não serve para montar porque é muito fraco,

**CORBACCIO:** ele não serve para carregar mercadorias porque é muito pequeno,

**CORVINA:** ele não serve nem para dançar e nos fazer ganhar dinheiro!

**OS DOIS:** Ele não serve para nada! Craaaauuu!!!

**CORBACCIO:** E de quem foi a idéia de roubar esse burro idiota? Foi sua!

**CORVINA:** Nada disso! A culpa foi toda sua!

(Os dois vilões vão saindo de cena enquanto brigam entre si, empurrando a jaula consigo).

**CORBACCIO:** Você é que tem toda a culpa! Estúpida!

**CORVINA:** Você não passa de um trapalhão que só tem idéias imbecis!

**CORBACCIO:** E você é tão pamonha que é incapaz sequer de ter idéia! Cérebro de lesma!

**CORVINA:** Tutano de pulga! (Saem). Jeremias fica só no palco. Continua tentando dançar, mas não consegue. Chama por alguém: "Hi-ho! HI-HO! Hiii-Ho!!"

Começa a andar de um lado para outro, como que desnorreado, beirando o desespero, quando subitamente... uma estrelinha começa a assobiar para ele. Uma estrela lilás que brilha forte enquanto assobia. Jeremias estanca, ouve o assobio,

tranqüiliza-se e vai deixando a cena como que seguindo um caminho indicado pela estrela lilás.

Entram Francisco e Pitoco correndo, cantando um trecho de sua canção.

**OS DOIS:**...Toca o seu coração como corda de violão...

**FRANCISCO** (Estanca): Olhe lá, Pedro, o nosso irmão Sol se pondo!

**PITOCO:** Como ele está lindo e majestoso hoje!

**FRANCISCO** (Abrindo os braços): Salve, irmão Sol!

**PITOCO:** Salve, irmão Sol!

**FRANCISCO** (Extasiado, canta):

Louvado seja, meu Senhor,  
por todas as tuas criaturas,  
especialmente pelo irmão Sol,  
pois ele é o dia e nos ilumina por si.  
Ele é belo e radiante  
e nos traz o teu sinal, ó altíssimo!  
Ouve-se, repentinamente, a voz  
retumbante do sol em off:

**O SOL:** Francisco! Francisco, meu filho;  
já faz tempo que deixaste as  
obras de reconstrução da igreja  
em Assis, não é?

**PITOCO:** É que nós estamos  
procurando o meu amigo  
Jeremias, irmão Sol!

**O SOL:** Eu sei; e daqui de cima  
também eu o estou procurando  
com os meus raios. Mas Francisco,  
o Senhor Deus quer que retornes  
o quanto antes para restaurar a  
ua casa. Ele tem pressa. Não te  
demore, Francisco.

**FRANCISCO:** Mas irmão...

**O SOL:** Ele tem pressa. Não te  
demores...

Um tempo. Francisco e Pitoco ficam observando o pôr do Sol num silêncio constrangedor.

**FRANCISCO** (Respirando fundo):  
Bem...você ouviu o que disse o

Irmão Sol. Amanhã pela manhã  
devo partir de volta para Assis.

**PITOCO** (Sem encarar Francisco,  
olhando para o chão): Eu sei.

**FRANCISCO:** Vem comigo?...

**PITOCO** (Sempre olhando o chão,  
balança a cabeça  
negativamente): Não posso.  
Tenho de encontrar o Jeremias  
primeiro. Eu sei que ele deve  
andar em algum lugar  
precisando de mim...

**FRANCISCO:** É... Acho que o certo é  
você continuar procurando.  
Aqueles que se amam não  
deviam separar-se nunca, não é?

**PITOCO** (Vendo que há lágrimas nos  
olhos de Francisco): Eu nunca vou  
te esquecer, Francisco! (Abraça-  
o).

**FRANCISCO:** Mesmo?

**PITOCO:** Claro! Você me ensinou tantas  
coisas! Eu agora não vou me  
sentir mais sozinho como antes!  
Espere só para eu mostrar todos  
os meus irmãos para o Jeremias!

**FRANCISCO:** Foram dias inesquecíveis,  
não foram, Pedro? (Retira do  
pescoço seu tosco crucifixo  
franciscano e o coloca no  
pescoço do amigo.) Meu muito  
amado irmão Pedro.

**PITOCO:** Francisco!... Você... você está  
triste!...

**FRANCISCO:** Ora, não seja bobo!...

**PITOCO** (Enxugando os olhos de  
Francisco): Escuta... Quer que eu  
te conte um segredo? Eu vou te  
ter pra sempre aqui no meu  
coração. É! Quando o sol  
despontar, em todas as manhãs  
de minha vida, eu me lembrarei  
de você!...

**FRANCISCO:** E eu me lembrarei de  
você quando a primavera encher

de papoulas as campinas de Assis e houver uma flor solitária precisando ser alegrada.

**PITOCO:** Quando eu vir alguma coisa tão bela que sinta que o peito se arrebenta de alegria, eu vou escutar a tua voz a cantar!...

**FRANCISCO:** Quando o vento me desarrumar os cabelos e der risadas, eu vou me lembrar de você, menino travesso...

**PITOCO:** Eu vou me lembrar de você, sempre que ouvir uma estrela assobiando no céu!...

**FRANCISCO:** Como é mesmo, Pedro?

**PITOCO:** O quê?

**FRANCISCO:** A dança!

**PITOCO:** Assim, Francisco!

Pitoco se põe a dançar. Francisco bate palmas marcando o ritmo. Os dois vão ficando animados, quando, subitamente, ouve-se um trovão, e um relâmpago ilumina o palco.

**FRANCISCO:** Parece que a nossa irmã chuva vem vindo por aí, Pedro! É melhor procurarmos um abrigo para passarmos a noite!

**PITOCO:** Mas será que alguém nessa cidade vai querer nos receber?

Relâmpago.

Ouve-se um assobio vindo do alto.

A estrela lilás começa a piscar no fundo do palco.

**FRANCISCO:** Olhe lá, Pedro!

**PITOCO:** Quem é ela?

**FRANCISCO:** É a estrela lilás! E está nos apontando uma direção!

**PITOCO:** Na certa algum lugar onde nos darão abrigo.

**FRANCISCO:** Está apontando para aquele palacete, está vendo?

**PITOCO:** Parece uma casa de fidalgos.

**FRANCISCO:** Vamos apertar o passo! Francisco toma Pedro pelas mãos e saem. Desaba a tempestade. Entra

Jeremias cabisbaixo, andando lentamente sob a chuva forte.

Subitamente a estrela lilás assobia para ele a música de Francisco e começa a piscar freneticamente.

Jeremias ergue a cabeça para a estrela e sai na direção em que saíram Francisco e Pitoco.

Os atores entram para preparar a cena seguinte. Penduram um estandarte onde se lê: Pádua.

Desenrolam um tapete vermelho. Ator 1 senta-se no chão à esquerda, cobrindo-se com um cobertor. Será agora um velho morimbundo. Atriz 1 será sua criada que está junto à cabeceira. Outros atores fazem parentes mudos que estão orando. Francisco e Pitoco chegam à portaria da casa e tocam uma sineta.

**VELHO (Tossindo):** Cof! Cof! Cof! Vai ver quem é!... (Faz um sinal para que a criada vá atender. Ela vai até a porta).

**FRANCISCO:** Que a paz esteja nesta casa. Somos peregrinos da cidade de Assis e estamos pedindo alimento e pousada, por caridade.

**VELHO:** Cof! Cof! Cof! Quem é?... Cof! Cof!

**CRIADA:** Mendigos, patrão! Pedem comida e pousada.

**VELHO:** Cof! Cof! Pelos fundos! Cof! Cof! Cof!

**CRIADA:** Entrem pelos fundos! Mas limpem os pés primeiro!

Francisco e Pitoco dão a volta e se aproximam do leito do velho.

**FRANCISCO:** Que o Senhor saiba recompensá-lo por ter acolhido dois pobres.

**VELHO:** Bah! O Senhor! Cof! Cof! Cof! Recompensas! Cof! Cof! Idiotices! Sandices!

**FRANCISCO** (Para a criada): O que é que ele tem?

**CRIADA:** Seus dois filhos estão brigando como cão e gato por causa de seu dinheiro. Então, ele foi ficando cada vez mais triste, amargurado e ranzinza, até que caiu doente. Os médicos dizem que está morrendo de tristeza, o pobre homem!...

**FRANCISCO:** Irmãos brigando por dinheiro... Céus, que coisa mais triste!

**CRIADA:** Já fizeram até um tratamento intensivo à base de cócegas, mas não arrancaram dele nem um sorrisinho amarelo que fosse! Perdeu a vontade de viver! (Cai em prantos). Acho que não passa de hoje!...

**PITOCO:** Francisco! E se eu dançasse para ele? (Para o fidalgo): Ei, senhor... excelência... Eu conheço uma dança que deixa as pessoas felizes! Quer ver?

Os atores que fazem os parentes, e o próprio velho rechaçam com veemência o oferecimento do menino, dizendo coisas como: "Ora, ora!" "Vá saindo, moleque intrometido!" "Fora pirralho!" "Aqui não é lugar de fedelhos!"

O velho sente uma pontada no coração e todos os presentes gelam. Parece que o fim chegou.

**FRANCISCO** (Olhando para o alto):  
Mestre, pai; eu nunca lhe pedi nada semelhante, mas olhando o sofrimento desse próprio pai, morrendo de tristeza pelo ódio de seus filhos, eu lhe peço, Senhor: salve a vida desse homem!

Um tempo. Todos se concentram em suas orações. Ouve-se o assobio distante da estrela lilás e um coro de

crianças. Por alguns segundos a cena como que vira um quadro: Francisco em primeiro plano com o olhar fixo no alto; Pitoco olhando para o velho e os demais com as mãos contraídas a rezar.

Subitamente, pelo fundo da cena, entra um burrinho pequeno, cabisbaixo e desesperançado, que veio se abrigar da chuva por algum misterioso desígnio, naquele local. Vem todo molhado, espirrando, pisando no tapete vermelho. A criada, passados alguns segundos percebe a sua presença.

**CRIADA** (Alarmada): Meu Deus! Um burro na sala!...

**VELHO:** Cof! Cof! Cof! Chô! Chô!!!

**CRIADA:** Meu tapete bizantino!!!

Pitoco se volta para a porta, lentamente, quase sem acreditar.

**PITOCO:** Jeremias?...

Jeremias olha para Pitoco. Os dois se encaram, se reconhecendo.

**PITOCO:** Meu Jeremias!

Pitoco vai até Jeremias e o abraça efusivamente.

**PITOCO:** Jeremias! É você mesmo!  
Você voltou pra mim! Você voltou!  
Jeremias!

**FRANCISCO** (Para a criada): É o burro dele! Não se preocupe com o tapete! Se ele sujar, eu limpo tudinho!

Jeremias está tão contente que começa a dançar de alegria. Pitoco o acompanha.

Subitamente o moribundo parece que vai ter um novo ataque e todos estancam apreensivos, como se agora, finalmente, tivesse mesmo chegado a sua hora.

**VELHO** (Com falta de ar): A...A...Ah...

**CRIADA** (Desesperada): Patrão!

**FRANCISCO:** Oh, Deus!

**VELHO** (estoura numa sonora gargalhada): Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

Todos se entreolham sem entender.

**VELHO**: AH! AH! AH! AH! Um burro que dança! Isso é magnífico! AH! AH! AH!

**CRIADA**: Patrão! O senhor está curado da tristeza!

**VELHO** (levantando-se da cama): Estou curado, Nicoletta! (Começa a saltitar pelo palco, de camisola, tentando imitar a dança): Há! Há! Há! Me sinto cada vez melhor! Que dança mais engraçada! Me sinto cada vez melhor! Há! Há! Há!

Agarra a criada e começa a dançar com ela.

**CRIADA**: Patrão!

**VELHO**: Veja, Nicoletta, como é engraçado! Hááááá! Há!

A criada também começa a rir. Em pouco tempo, todos estão rindo e tentando imitar a dança.

**VELHO** (Para Francisco): Diga-me, jovem, como posso recompensá-los pelo bem que me fizeram?

**FRANCISCO**: Bem... Talvez... nos auxiliando na reconstrução de nossa igreja na cidade de Assis. Temos muita dificuldade em conseguir pedras, areia, cimento, madeira... Tudo isso é muito caro, sabe?

**VELHO**: Formidável! Explêndido! (Torna a rir e a dançar, enquanto fala). Mandarei vir pedras da Terra Santa! Areias do deserto do Saara! E encomendarei os mais lindos vitrais para a sua igreja! Que maravilha!

**FRANCISCO**: (Exultante): Que maravilha! (Um tempo, olha para o alto, como que respondendo a um chamado dos céus): O quê?...

(Tempo): Só pedras?! (Para o velho): Só pedras...

**VELHO**: Bem então... Eu lhe mandarei uma montanha de pedras! Que esplêndido!

**FRANCISCO** (Para o alto, suspirando): Uma montanha de pedras!... Tudo para carregar sozinho... Oh, meu Pai, minhas mãos estão que... Não, não! Eu não estou reclamando, não! Eu sei que fui eu que escolhi assim! (Para Pitoco): Bem, Pedro; parece que a tempestade já passou e o dia está quase amanhecendo. Vamos?

**PITOCO**: Vamos, Jeremias? Nós agora temos uma casa para onde voltar! Vamos morar com Francisco em Assis! E nunca mais vamos nos separar! No caminho eu vou te contar uma porção de coisas! Nós temos um milhão de irmãos, sabia?

Jeremias dança.

Os atores se dão as mãos e cantam a música final.

**TODOS** (Cantando):

Irmão é o Sol,

Irmã é a Lua,

E por que não o sapo e a rã?

O mosquito e a minhoca

são irmãos,

tal e qual você e eu!

Ser irmão

é a certeza de

que você não está só!

Não, nunca está!

ATOR que fez o papel de Francisco volta à sua condição de Ator de uma companhia de saltimbancos e fala diretamente à platéia, descaracterizando-se do papel que interpretou até aqui.

**ATOR**: E aqui termina essa história, que

pode ser sonho, que pode ser lenda e que pode acontecer todos os dias no coração de todos nós; um coração que abrigue um santo, um burrinho e uma criança que andem juntos e de mãos dadas, rindo e cantando pelo caminho, que à noite assobiem para as estrelas e que depois tenham sonhos. Afinal, para ser santo é preciso ser homem; e para ser um homem de verdade, é preciso ser

pequeno, sensível e dócil... Agora... se vocês não entenderam nada da história, não tem problema! Não tem problema porque eu começo TUDO de novo: "Era uma vez, na Itália, em 1210..."

O Ator é impedido de prosseguir, pois os companheiros alegremente o tomam nos braços e o carregam para fora de cena, despedindo-se do público enquanto o pano cai e entra em OFF a música de abertura.

**FIM**

# CANÇÃO DE NATAL

Peça teatral em 1 ato

Ricardo Leite

Inspirada num conto homônimo de Charles Dickens

## PERSONAGENS:

---

Scrooge  
Norman  
Mary  
Garoto 1,2 e 3  
Taberneiro  
Homem 1 e 2  
Homem do realejo  
Emily  
Mulher  
Espírito 1 e 2  
Helen  
George  
Luise  
Smith

## CENÁRIO:

---

Um velho escritório de notas, antiquado e mal iluminado pela luz das lamparinas fracas. Duas mesas, uma onde trabalha o velho Scrooge e a outra do humilde empregado Norman.

**SCROOGE:** Contas, contas...  
(Nota-se que na folhinha é dia 24 de dezembro. Uma voz de fora irradia um "Feliz Natal". Norman tenta sorrir.)

**SCROOGE:** Natal... Pois sim. O Natal não passa de um dia a mais para se ter desculpa de não trabalhar. Bobagem. Não se ganha dinheiro num dia assim. Despesas e mais

nada. E hoje ainda tenho que dispensar o Norman mais cedo... Não o faria se a lei não me obrigasse.

**NORMAN:** Me desculpe senhor Scrooge?

**SCROOGE:** O que é?

**NORMAN:** Eu...

**SCROOGE:** Fale logo homem, e volte

ao trabalho.

**NORMAN:** Queria... Um pouco de carvão para o aquecedor; minhas mãos estão frias, não estou conseguindo escrever.

**SCROOGE:** Sabe quanto custa o carvão?

**NORMAN:** Mas...

**SCROOGE:** Sem mas, Norman, volte ao trabalho, já perdeu muito tempo nesse lenga-lenga. Agüente um pouco o frio, já está quase na hora de fechar. (À parte.) Qualquer dia desses, mando embora esse molenga.

(Músicas natalinas ecoam no frio que vem de fora. A porta recebe delicadas batidas, em seguida entra Mary, carregada de compras.)

**MARY:** Olá, titio.

**SCROOGE:** Céus, de onde você saiu?

**MARY:** Vim pela porta. O senhor devia estar muito concentrado.

**SCROOGE:** Estou trabalhando, o que quer?

**MARY:** Vim lhe desejar um Feliz Natal.

**SCROOGE:** Tolice.

**MARY:** Está querendo dizer que o Natal é uma tolice?

**SCROOGE:** Isso mesmo que você ouviu.

**MARY:** Deixe disso titio.

**SCROOGE:** Ora Mary, que direito tem você de ser feliz.

**MARY:** Tenho meu marido, filhos e amigos... E o senhor? Que direito tem de se estar descontente, já que é tão rico?

**SCROOGE:** Sou rico porque trabalho... Não passo meus dias pensando em festas... Ou como gastar dinheiro com... Presentes.

**MARY:** O senhor não devia dizer essas coisas, hoje é um dia especial...

**SCROOGE:** Pode pensar o que quiser,

mas deixe-me festejar o Natal à minha maneira.

**MARY:** Não quero discutir com o senhor, não hoje.

**SCROOGE:** Então me deixe em paz. Já perdi bastante tempo com você.

**MARY:** Venha almoçar conosco amanhã, assim estaremos todos juntos.

**SCROOGE:** Nada disso, tenho contas a rever... Agora sou apenas um nesse escritório. Faz muito pouco tempo que Marley morreu, ainda não consegui me localizar...

**MARY:** Pobre Marley, tinha um coração de ouro.

**SCROOGE:** Ora Mary, você não vai me conquistar assim.

**MARY:** Ele era realmente um bom sujeito.

**SCROOGE:** Um gastador isso sim. Sempre com um largo sorriso e esbanjando dinheiro, principalmente em doações de Natal.

**MARY:** No entanto hoje, deve descansar em paz.

**SCROOGE:** Não quero saber o que está fazendo o velho Marley. Quero sim, continuar o meu trabalho, será que posso?

**MARY:** Eu ainda vou conquistá-lo, titio.

**SCROOGE:** Vá embora, vá, boa tarde.

**MARY:** Não quer mesmo almoçar conosco?

**SCROOGE:** Boa tarde.

**MARY:** Ora titio...

**SCROOGE:** Boa tarde Mary Annie.

(Mary vai saindo.)

**MARY:** Feliz Natal Norman.

**NORMAN:** Obrigado, para a senhora também.

**SCROOGE:** Com quinze xelins por mês

e mulher para sustentar, esse idiota ainda fala em Feliz Natal... Não sei porque essa gente toda fica tão feliz no Natal.

(Relógio acompanha o funcionamento do escritório, numa atmosfera lenta e monocórdia. Batidas na porta, Norman atende.)

**NORMAN:** Boa tarde.

(Entram dois homens.)

**HOMEM 1:** Boa tarde.

**HOMEM 2:** Gostaríamos de falar com o senhor Scrooge ou senhor Marley?.

**SCROOGE:** Volte ao trabalho Norman, eu cuido disso. Marley morreu há alguns meses.

**HOMEM 1:** Perdão, não sabíamos.

**HOMEM 2:** Mas a tabuleta lá fora ainda traz os dois nomes, então...

**SCROOGE:** Então o quê? Não sabem quanto custa uma tabuleta nova? Uma pequena fortuna.

**HOMEM 2:** Desculpe.

**SCROOGE:** O que querem afinal? Estamos no meio do trabalho.

**HOMEM 1:** Viemos recorrer à sua generosidade, senhor.

**SCROOGE:** Generosidade? Não entendo, deve ser algum engano.

**HOMEM 2:** Veja nossas credenciais.

**SCROOGE:** Pra quê? Ainda não me disseram o que estão querendo.

**HOMEM 1:** Angariamos fundos para o Natal dos pobres, senhor.

**SCROOGE:** E daí?

**HOMEM 2:** Como e daí? Deixamos as crianças pobres um pouco mais confortadas.

**HOMEM 1:** Compramos roupas, brinquedos e ainda promovemos um grande almoço...

**HOMEM 2:** Floreado por músicas natalinas cantadas pelo coral

que as próprias crianças ensaiaram...

**HOMEM 1:** É uma grande alegria...

**HOMEM 2:** Que quantia posso anotar em seu nome?

**SCROOGE:** Nenhuma.

**HOMEM 1:** Oh. Sim, prefere permanecer anônimo?

**SCROOGE:** Prefiro que me deixem em paz. Eu não festejo o Natal, não vou ajudar os outros a festejar... Que absurdo.

**HOMEM 2:** Se me permite insistir...

**SCROOGE:** Não permito nada, a porta está ali.

**HOMEM 1:** Mas senhor Scrooge...

**SCROOGE:** Creio ter sido claro, senhores, a porta é ali.

(Os dois homens vão saindo.)

**HOMEM 2:** Senhor Scrooge...

**SCROOGE:** O que foi agora? Porque não está trabalhando?

**NORMAN:** O relógio senhor.

**SCROOGE:** Ah... Está na hora de fechar.

**NORMAN:** Sim.

**SCROOGE:** E já sei... Quer folgar amanhã, não é mesmo?

**NORMAN:** Se não for incômodo.

**SCROOGE:** É incômodo sim, se descontasse do seu salário não iria gostar não é mesmo?

**NORMAN:** Natal... Uma boa desculpa para se enfiar a mão no bolso dos outros... Mas infelizmente sou obrigado a lhe dar folga amanhã. (Junta alguns papéis.) Enquanto se divertem eu trabalho. Feche bem a porta, apague a lamparina e veja se chega na hora depois de amanhã.

**NORMAN:** Sim senhor, muito obrigado. (Scrooge sai.)

**NORMAN** (apagando a lamparina):

Pobre homem rico.  
(CENÁRIO: Uma rua nevoenta, o sino da igreja badala ao longe. Scrooge caminha a passos rápidos. Aproxima-se um garotinho com uma lamparina.)

**GAROTO:** Quer que eu ilumine o seu caminho senhor? É só uma moeda.

**SCROOGE:** Uma moeda? Para iluminar o caminho? Não preciso disso, enxergo muito bem.

**GAROTO:** Mas o nevoeiro está forte.

**SCROOGE:** Saia daqui garoto, deixe-me em paz.

(CENÁRIO: Uma taberna, Scrooge entra e pendura o casaco.)

**TABERNEIRO:** Boa noite Scrooge, o que vai querer?

**SCROOGE:** O de sempre. Meia porção de assado, pão seco e um copo de água.

**TABERNEIRO:** Mas Scrooge, hoje é véspera de Natal, não quer um prato especial... Acompanhado de um pedaço de bolo?

**SCROOGE:** Eu disse o mesmo de sempre. Não vejo porque hoje seja diferente dos outros dias. Meu dinheiro não é capim... E garanto que esse prato especial tem também um preço especial.

**TABERNEIRO:** Um pouco mais caro...

**SCROOGE:** Pois me traga o de sempre.

**TABERNEIRO:** Está bem.

(Taberneiro dirige-se à sua mulher.)

**TABERNEIRO:** Faça o de sempre ao velho... Sempre fechado e solitário como uma ostra...

**MULHER:** Agora vai pedir o jornal para ler de graça, quer apostar?

**SCROOGE:** Taberneiro... O jornal.

**MULHER:** Eu não disse?

**TABERNEIRO:** Silêncio... Quer que ele a ouça?

**MULHER:** E pensar que com o dinheiro

que ele tem, podia fazer tanto bem.

**TABERNEIRO:** Aqui está o jornal. Quer um copo de vinho? É bom para esquentar... E é por conta da casa, fique tranqüilo...

**SCROOGE:** A troco de que essa gentileza?

**TABERNEIRO:** Creio que o espírito do Natal tomou conta de mim Scrooge.

**SCROOGE:** Ora essa, você deve estar querendo alguma coisa de mim.

**TABERNEIRO:** Não quero nada não, Scrooge. Tome o vinho, está azul de frio.

**SCROOGE:**...

**MULHER:** Aqui está a comida.

(Scrooge, começa a comer, lendo o jornal. Na taberna entra um homem com um realejo.)

**HOMEM DO REALEJO:** Tirem a sorte do Natal... A sorte...

**TABERNEIRO:** Olá companheiro.

**HOMEM DO REALEJO:** Onde estão os fregueses?

**TABERNEIRO:** Hoje é véspera de Natal meu amigo, todos devem estar com suas famílias. Afinal é dia de amor e paz.

**MULHER:** E a sorte do Natal está florindo o ar...

**HOMEM DO REALEJO:** E aquele lá?

**TABERNEIRO:** Esqueça-o...

**MULHER:** Ele jamais lhe daria algum trocado para pagar uma música de sorte.

**HOMEM DO REALEJO:** Não devo insistir?

**TABERNEIRO:** A menos que queira fazê-lo de graça.

**HOMEM DO REALEJO:** Aceito... Afinal é o último cartão de sorte que tenho aqui...

**MULHER:** Boa sorte.

**HOMEM DO REALEJO:** Boa noite.

**SCROOGE:** O que quer?

**HOMEM DO REALEJO:** Gostaria de tirar a sorte?

**SCROOGE:** Minha sorte é o trabalho.

**HOMEM DO REALEJO:** Aceite meu último cartão... Senhor...?

**SCROOGE:** Scrooge... E não quero o seu cartão.

**HOMEM DO REALEJO:** Eu faço questão, está amargurado, senhor Scrooge.

**SCROOGE:** As pessoas só se aproximam de mim com interesse no meu dinheiro.

**HOMEM DO REALEJO:** Nem todas as pessoas são como o senhor pensa...

**SCROOGE:** O que está querendo dizer?

**HOMEM DO REALEJO:** Nada... Aceite o cartão.

**SCROOGE:** O que tenho que dar em troca?

**HOMEM DO REALEJO:** É meu presente de Natal para o senhor.

(O Homem aciona o realejo e retira o cartão.)

**SCROOGE** (lendo): "O destino se faz... O homem desenha seu próprio caminho. O acúmulo de dinheiro representará uma corrente pesada para o espírito. A arrogância e a desconfiança trará a tortura do remorso. Mas o destino pode ser mudado... depende de você. Na noite mágica... Receberás a visita de três espíritos... Sem a presença deles não há salvação. Espere o primeiro quando soar a uma hora. O segundo virá às duas... E o terceiro quando soar a última badalada das três horas..."  
Quanta tolice...

(Scrooge rasga o papel... O Homem do Realejo afasta-se assustado.)

**HOMEM DO REALEJO:** Estranho... Não me lembrava daquele cartão.

**TABERNEIRO:** E então?

**HOMEM DO REALEJO:** Dei o meu presente, afinal.

**MULHER:** Já pode ir pra casa descansar.

**HOMEM DO REALEJO:** E vocês?

**TABERNEIRO:** Estamos quase fechando.

**HOMEM DO REALEJO:** Até logo.

**MULHER:** Até logo.

**TABERNEIRO:** E não se esqueça... Amanhã não abriremos.

**HOMEM DO REALEJO:** Adeus... (Tempo.)

**SCROOGE:** Taberneiro, a conta.

**TABERNEIRO** (trazendo a conta): Pronto, Scrooge.

**SCROOGE:** Dê-me o troco.

**TABERNEIRO:** Aqui está. Boa noite e Feliz Natal Scrooge.

**SCROOGE:** Ora...

(CENÁRIO: A casa de Scrooge. Emily esconde uma peça de prata no decote. Entra Scrooge.)

**SCROOGE:** Ainda aqui, senhora Emily?

**EMILY:** É dia de pagamento, senhor Scrooge.

**SCROOGE:** Claro que sim, do contrário, já teria acabado o serviço não é mesmo? Colocado a sujeira sob o tapete e outras coisas.

**EMILY:** Senhor...

**SCROOGE:** Às vezes penso que teria sido melhor se meu sócio Marley tivesse me deixado de herança uma casa menor, que me fosse possível limpar sozinho.

**EMILY:** Mas o senhor me chama a cada dois meses, senhor Scrooge.

**SCROOGE:** O que tem isso? Se a idade me permitisse limpar este casarão depois do dia de

serviço... Você estaria no olho da rua.

**EMILY:** Desculpe senhor...

**SCROOGE:** Nada de desculpas, mulher... Conheço muito bem todos vocês.

**EMILY:** Chegaram algumas cartas... Estão sobre o aparador.

**SCROOGE:** Contas não podem ser, estou em dia com minhas dívidas.

**EMILY:** Devem ser amigos distantes, afinal é Natal.

**SCROOGE:** Tolice, Emily, eu não tenho amigos... Todos se aproximam de mim por causa do meu dinheiro. E agora já chega de conversa. Aqui, está seu pagamento, vá embora... eu preciso descansar.

**EMILY:** Sim senhor. Adeus.

**SCROOGE:** Adeus.

**EMILY** (à parte): Velho miserável.

(Observa a peça que roubou.)

(Músicas natalinas soam ao longe, enquanto Scrooge coloca a roupa de dormir, pega um livro de notas, uma pena, senta-se e começa a fazer contas.)

**SCROOGE:** Saldos... Balanço anual. Uma boa dose de dinheiro acumulado... Lucro, cifras. Boa Scrooge... (Sono.) As portas já estão bem trancadas. Somente há névoa lá fora. Basta um pouco de sono e o Natal se vai... (Sono.)

(Scrooge adormece... As músicas natalinas começam a se distanciar mais e mais. No silêncio completo, ouve-se o relógio da igreja badalar meia-noite. Scrooge acorda assustado.)

**SCROOGE:** Meia-noite? Devo ter adormecido bastante. (Espia pela janela.) A cidade está imersa na

escuridão e não há sinal de vidas nas ruas. Estranho... Não consigo parar de lembrar na profecia do realejo. Quanto mais eu penso, menos consigo entender, e se não procuro pensar... Aí é que penso... Isso nunca me aconteceu antes. Ora, pare com isso Scrooge. Um bom chá pode me acalmar os nervos.

(Sai e volta com um chá fumegante.)

**SCROOGE:** Será que sonhei tudo isso? Afinal que dia é hoje? Natal...

Noite mágica... Que bobagem.

(Ilumina-se a árvore de Natal da praça... Piscante e encantadora na sua distância. Aos poucos vai se apagando a imagem. Scrooge está sentado pensativo... Já terminou de tomar o chá.)

**SCROOGE:** Falta pouco pra uma hora.

E pelo que me disse o realejo, logo receberei a visita de um fantasma.

(Relógio da igreja badala a uma hora.)

**SCROOGE:** Uma hora. E não aconteceu absolutamente nada, como eu esperava... Fui um tolo em me preocupar. A casa continua vazia como minha xícara de chá....

(As cortinas da janela se agitam. Scrooge fecha-a.)

**SCROOGE:** Maldito vento.

**ESPÍRITO 1:** Boa noite velho Scrooge.

**SCROOGE:** Quem é você? O que quer de mim?

**ESPÍRITO 1:** Fique tranqüilo...

**SCROOGE:** Como entrou aqui?

**ESPÍRITO 1:** Através de você...

**SCROOGE:** Devo estar sonhando.

**ESPÍRITO 1:** Não está.

**SCROOGE:** Isso não pode acontecer é irreal.

**ESPÍRITO 1:** Não tenha medo.  
**SCROOGE:** Não vai me dizer que você é o tal espírito...  
**ESPÍRITO 1:** Sim, sou o espírito dos natais passados.  
**SCROOGE:** Não posso acreditar.  
**ESPÍRITO 1:** Você precisa de nós...  
**SCROOGE:** Nós?  
**ESPÍRITO 1:** Logo você vai entender.  
**SCROOGE:** Qual é o objetivo dessa visita?  
**ESPÍRITO 1:** O seu bem estar... E uma possível conversão.  
(Pequena pausa.)  
**ESPÍRITO 1:** Venha comigo.  
**SCROOGE:** Aonde?  
**ESPÍRITO 1:** Silêncio.  
**SCROOGE:** Já se faz tarde e está muito frio lá fora.  
**ESPÍRITO 1:** Vamos depressa.  
**SCROOGE:** Já não sou tão ágil como uma criança.  
**ESPÍRITO 1:** Fique tranqüilo. Comigo você poderá superar provas maiores do que essa... Vamos desprezar o tempo, venha depressa Scrooge.  
(Chegam na praça.)  
**SCROOGE:** Conheço este lugar... Poderia andar por aqui de olhos fechados.  
**ESPÍRITO 1:** O que diz é verdade?  
**SCROOGE:** A mais pura.  
**ESPÍRITO 1:** Por que nunca mais voltou aqui durante todos estes anos?  
**SCROOGE:** Eu precisava trabalhar... Pensar no dinheiro, levar a firma adiante.  
**ESPÍRITO 1:** Dinheiro...  
**SCROOGE:** O que seria de mim sem ele.  
**ESPÍRITO 1:** Veja...  
(Entram alguns garotos cantando e trocando presentes.)  
**SCROOGE:** Esses garotos...

**ESPÍRITO 1:** São apenas sombras do passado... Não podem nos ver.  
**SCROOGE:** Estou reconhecendo a todos... Isso é fantástico.  
**ESPÍRITO 1:** Sabe quem são?  
**SCROOGE:** Claro que sim... Meus colegas de escola...  
**ESPÍRITO 1:** Isso mesmo.  
**SCROOGE:** Tony... Charles... Milton... Como estão?  
**ESPÍRITO 1:** Não...  
**SCROOGE:** Esqueci que eles não podem me ver...  
**GAROTO 1:** Feliz Natal.  
**GAROTO 2:** O mesmo pra você.  
**GAROTO 3:** Felicidades.  
**GAROTO 1:** Vejo vocês no próximo ano...  
**SCROOGE:** Como parecem felizes...  
**ESPÍRITO 1:** E estão.  
**GAROTO 2:** Onde está Scrooge?  
**GAROTO 3:** Aquele chato.  
**GAROTO 1:** Ele diz odiar o Natal.  
**GAROTO 2:** Não sabe o que está perdendo.  
**GAROTO 3:** Vai ser sempre solitário...  
**GAROTO 1:** E resmungão.  
(Todos riem.)  
**GAROTO 2:** Vocês convidaram ele para a festa?  
**GAROTO 3:** Eu não queria, mas Milton insistiu.  
**GAROTO 1:** E ele vai?  
**GAROTO 3:** Claro que não... E ainda me disse que Natal era dia de gente folgada.  
**GAROTO 2:** É mesmo um chato.  
**GAROTO 1:** E esquisito.  
(Todos riem.)  
**GAROTO 3:** Azar o dele.  
**GAROTO 2:** Vai ficar de novo durante todo o Natal estudando.  
**GAROTO 1:** Pelo menos no próximo ano vai ser o primeiro em matemática de novo...

**GAROTO 3:** E de que adianta?  
**GAROTO 2:** Não vai se dar bem na redação de Natal.  
(Todos riem.)  
**SCROOGE:** O que o Natal foi pra mim?  
**ESPÍRITO 1:** Pobre pequeno Scrooge.  
**SCROOGE:** Gostaria que tivesse sido diferente.  
**ESPÍRITO 1:** E pode...  
(Scrooge chora.)  
**ESPÍRITO 1:** Está chorando pelo pequeno Scrooge?  
**SCROOGE:** Não, pelo garoto que queria me ajudar com a luz.  
**ESPÍRITO 1:** Entendo.  
**GAROTO 1:** Vamos logo...  
**GAROTO 2:** Senão vamos nos atrasar.  
**GAROTO 3:** Também acho melhor irmos depressa, antes que o Scrooge mude de idéia.  
**GAROTO 1:** Não quero a presença dele na festa.  
**GAROTO 2:** Ia ser desagradável demais.  
**GAROTO 1:** Ele nem sabe cantar...  
**GAROTO 3:** E é sensível como um cacto...  
**GAROTO 2:** E doce como um limão.  
(Todos riem.)  
**GAROTO 1:** Vamos embora...  
(Saem rindo.)  
**SCROOGE:** Quero ir embora daqui...  
**ESPÍRITO 1:** Sinto muito Scrooge.  
**SCROOGE:** Leve-me.  
**ESPÍRITO 1:** Alguns anos depois...  
(Entra Helen, ansiosa, enxuga as mãos num pequeno lenço.)  
**ESPÍRITO 1:** Reconhece aquela moça?  
**SCROOGE:** Sim... Era minha noiva.  
**ESPÍRITO 1:** Muito bem Scrooge...  
(Scrooge retira o roupão e caminha até ela.)  
**HELEN:** Por que demorou tanto?  
**SCROOGE:** Ocupações.  
**HELEN:** Mas hoje é Natal.

**SCROOGE:** Pouco me importo.  
**HELEN:** Antes, só havia lugar para mim em seu coração... Agora...  
**SCROOGE:** Eu sempre fui o mesmo.  
**HELEN:** Não... Quando ficamos noivos você era diferente.  
**SCROOGE:** Eu era muito jovem, não tinha juízo.  
**HELEN:** Ora Scrooge...  
**SCROOGE:** O que quer afinal Helen?  
**HELEN:** Como assim?  
**SCROOGE:** Estou ficando cheio de suas cobranças.  
**HELEN:** Sinto saudades do tempo em que você era pobre.  
**SCROOGE:** Fiquei mais rico e mais sábio.  
**HELEN:** Sábio? Ora, não diga besteira. Você se deixou escravizar pelo dinheiro.  
**SCROOGE:** Você é quem está tentando me escravizar...  
**HELEN:** Scrooge.  
**SCROOGE:** É isso mesmo, Helen.  
**HELEN:** Eu não pretendia brigar com você, não hoje.  
**SCROOGE:** O que tem hoje de especial? É Natal não é mesmo?  
**HELEN:** Por que mudou tanto?  
**SCROOGE:** Deixe de ser tola e criança.  
**HELEN:** Gostaria simplesmente de me aconchegar nos braços do Scrooge que eu conheci há algum tempo.  
**SCROOGE:** Felizmente aquele Scrooge não existe mais.  
**HELEN:** Que coisa horrível você está dizendo.  
**SCROOGE:** Não tenho mais tempo a perder, Helen. Diga o que quer de mim de uma vez por todas.  
**HELEN:** Você é um grosseiro.  
**SCROOGE:** E então?  
(Pausa pesada.)

**HELEN** (quase chorando): Eu... Eu acho que está na hora de lhe devolver sua liberdade.

**SCROOGE**: Eu lhe pedi isso?

**HELEN**: Com palavras não...

**SCROOGE**: De que modo então?

**HELEN**: Mudando seu caráter...  
Endurecendo o seu coração.  
Você perdeu as esperanças. Hoje você não tentaria me conquistar, estou mentindo?

**SCROOGE**: Você tem a cabeça no mundo da lua, não tem os pés no chão. Se soubesse como o dinheiro...

**HELEN**: Chega, não me venha falar em dinheiro Scrooge, por favor.

**SCROOGE**: Ora Helen...

**HELEN**: Eu... Eu quero romper o noivado.

**SCROOGE**: Preste atenção... É você quem está dizendo isso.

**HELEN**: Você já disse há muito tempo... Com o coração.

**SCROOGE**: Adeus... Se é isso que você quer.

**HELEN** (chorando): Espero que você seja feliz na vida que escolheu.

**SCROOGE**: Pois bem.  
(Ela sai correndo. O Espírito 1, coloca o roupão nos ombros de Scrooge.)

**SCROOGE**: Me leve deste lugar horrível, por favor.

**ESPÍRITO 1**: São apenas sombras das coisas que passaram.

**SCROOGE**: Eu não agüento mais.

**ESPÍRITO 1**: Foi assim que aconteceu, não foi?

(Scrooge corre para a cadeira onde adormeceu.)

**SCROOGE**: Vá embora... Deixe de me perseguir.

**ESPÍRITO 1**: Adeus Scrooge...

**SCROOGE**: Suma daqui...

**VOZ DO ESPÍRITO EM OFF**: Não se

esqueça nunca do que viu e ouviu velho e solitário Scrooge...

**SCROOGE**: Não... Não... Não...  
(O relógio da igreja badala as duas horas.)

**SCROOGE** (acordando): Hein? Onde estou? Duas horas?

**VOZ DE SCROOGE EM OFF**: O segundo virá as duas...

**SCROOGE**: Deus... O que estará acontecendo comigo? Será que foi o vinho do taberneiro?

(Barulho.)

**SCROOGE**: Quem está aí?  
(Uma luz vem do outro aposento.)

**SCROOGE**: Eu me lembro de ter apagado todas as lamparinas, de onde virá essa luz?

(Entra o Espírito 2.)

**ESPÍRITO 2**: Olá Scrooge?

**SCROOGE**: Quem é você?

**ESPÍRITO 2**: Sou o segundo.

**SCROOGE**: O segundo?

**ESPÍRITO 2**: O espírito deste Natal Scrooge.

**SCROOGE**: Você é o tão falado espírito natalino?

**ESPÍRITO 2**: Sim... Todos ficam felizes hoje, porque eu espalho sobre eles minha magia.

**SCROOGE**: Entendo...

**ESPÍRITO 2**: Segure no meu manto e venha comigo.

**SCROOGE**: Sair agora? Às duas da manhã?

**ESPÍRITO 2**: Há uma pequena alteração... Já estamos na manhã deste Natal.

**SCROOGE**: E o que faremos?

**ESPÍRITO 2**: Faremos algumas visitas.

**SCROOGE**: Estou de roupão...

**ESPÍRITO 2**: Não se preocupe... As pessoas não poderão nos ver.

**SCROOGE**: Como no passado?

**ESPÍRITO 2**: Isso mesmo.

**SCROOGE:** Para onde estamos indo afinal?

**ESPÍRITO 2:** Para o bairro mais pobre da cidade... Chegamos.

**SCROOGE:** Quem mora aqui?

**ESPÍRITO 2:** Você verá... Vamos ficar em silêncio.

(Entra Loise e coloca a mesa de café.)

**LOISE:** Venha Norman.

(Entra Norman.)

**SCROOGE:** É Norman...

**ESPÍRITO 2:** Silêncio.

**LOISE:** Fiz rabanadas... Que você tanto gosta, querido.

**NORMAN:** Ora Loise... Eu amo você.

**LOISE:** Tenho uma surpresa...

**NORMAN:** Conte-me.

**LOISE:** É especial... Por isso deixei para contar somente hoje.

**NORMAN:** Está me deixando aflito, Loise.

**LOISE:** Estou tão feliz.

**NORMAN:** O que foi afinal?

**LOISE:** Eu estou esperando um bebê...

**NORMAN:** Querida...

**SCROOGE:** Um filho? Ele ganha muito pouco. Como podem ficar felizes?

**ESPÍRITO 2:** Não é somente o dinheiro que traz felicidade, Scrooge.

**NORMAN:** Estou muito feliz, querida.

**LOISE:** Falou com o senhor Scrooge sobre aquele pequeno aumento?

**NORMAN:** Não consegui achar o momento apropriado.

(Pausa pesada.)

**LOISE:** Você nunca acha o momento apropriado, Norman. Seu patrão explora você.

**NORMAN:** Por favor...

**LOISE:** Você sabe o que eu penso do senhor Scrooge...

**NORMAN:** Hoje é Natal...

(Pausa.)

**LOISE:** Tem razão. No fundo eu tenho pena dele. Com todo o dinheiro que tem é um pobre infeliz...

**ESPÍRITO 2:** Ouviu isso?

**SCROOGE:** Claro que sim.

**NORMAN:** Amanhã falarei com ele... Eu prometo.

(Saem Norman e Loise, som de festa.)

**SCROOGE:** Onde estamos agora?

**ESPÍRITO 2:** Essa é a nossa segunda visita.

**SCROOGE:** Ei... Essa é a casa de minha sobrinha.

**ESPÍRITO 2:** A festa parece estar animada.

**SCROOGE:** Ela me convidou para o almoço.

**ESPÍRITO 2:** Olhe só.

(Vozes fora de cena. Entra Mary amparada por George.)

**MARY:** A festa está linda.

**GEORGE:** Graças a você, Mary.

**MARY:** Ora George... Graças a nós... Você me ajudou bastante.

**GEORGE:** Todos se divertem e esperam o almoço.

**MARY:** Não pude comprar grandes coisas... Acabou o dinheiro.

**GEORGE:** Eles irão gostar mesmo assim, querida.

**MARY:** Sabe, George?

**GEORGE:** O quê?

**MARY:** Estou pensando no titio.

**GEORGE:** O velho e rabugento Scrooge?

**MARY:** Ele me disse que o Natal é uma tolice... E o pior é que ele acredita mesmo nisso.

**GEORGE:** Pobre Scrooge.

**MARY:** Eu não consigo me zangar com ele, por mais que eu queira.

**GEORGE:** Você é boa demais, querida.

**MARY:** No fundo gosto dele. Me

lembro quando era pequena, adorava quando ele me pegava no colo. Era estranho, ele sempre fazia isso longe dos outros... Me olhava com doçura. Mas sempre que entrava alguém ele disfarçava a emoção.

**GEORGE:** Ele é amargo.

**MARY:** Pobre titio.

**SCROOGE:** Eu gosto muito dela... À minha maneira.

**ESPÍRITO 2:** Eu tenho certeza que sim.

**VOZ:** Onde está o casalzinho apaixonado?

**GEORGE:** Já já estaremos aí.

**VOZ:** Venham ouvir a última...

**GEORGE:** Vamos Mary?

**MARY** (levantando a taça): Um bom Natal ao titio Scrooge. Acho que ele não aceitaria meus votos... Mas que eles o alcancem de alguma forma.

**SCROOGE:** Mary...

**ESPÍRITO 2:** Vamos embora...

**SCROOGE:** Não... Quero trocar os votos e agradecer.

**ESPÍRITO 2:** Sabe muito bem que isso é impossível.

(Relógio da igreja badala o quarto de hora.)

**ESPÍRITO 2:** Nossa... Já está na minha hora... Vamos voltar.

(O Espírito 2 e, deixa Scrooge na sua cadeira.)

**ESPÍRITO 2:** Preciso ir agora... Mas um terceiro espírito virá até você daqui a pouco... Adeus...

**SCROOGE:** Um terceiro espírito... Exatamente como previa o realejo... Estou com medo... Onde afinal está você terceiro espírito?

(As luzes se apagam num estalido. De repente uma figura de negro rompe na cena com uma tocha de fogo.)

**SCROOGE:** Você é o fantasma dos

natais futuros? Tem... Tem certeza de que só quer o meu bem? O que foi?

**ESPÍRITO 3:**...

**SCROOGE:** Não pode falar comigo? Não me responde?

**ESPÍRITO 3:**...

**SCROOGE:** Estou pronto para ir com você. A noite passa depressa e o tempo é precioso para mim. Guie-me espírito.

(O Espírito 3, leva-o para a praça, onde os dois homens que arrecadam fundos para o Natal dos pobres conversam.)

**HOMEM 1:** Veja, a firma Marley & Scrooge... Fechada...

**HOMEM 2:** Você não soube?

**HOMEM 1:** O quê?

**HOMEM 2:** O avarento morreu.

**HOMEM 1:** Quando foi isso?

**HOMEM 2:** Parece que foi ontem à noite.

**HOMEM 1:** O que fez com o dinheiro?

**HOMEM 2:** Ninguém nunca vai saber.

**HOMEM 1:** Bem, para mim é que não foi.

(Risos.)

**SCROOGE:** De que eles estão falando?

**HOMEM 1:** Alguém vai ao enterro?

**HOMEM 2:** É muito pouco provável.

**HOMEM 1:** Morreu no dia certo.

**HOMEM 2:** Encontrou seu fim. Mas agora vamos... Temos muitas empresas a visitar.

(Um terceiro homem apareceu no meio da conversa dos dois e ficou esperando por alguém enquanto olhava para o relógio. Segundo depois entra Emily.)

**SMITH:** Senhora Emily... Senhora Emily...

**EMILY:** Bom dia senhor Smith.

**SMITH:** E então?

**SCROOGE:** A senhora Emily...

**SMITH:** Conseguiu alguma coisa?

**EMILY:** Sim... A sobrinha está viajando, a casa está sozinha. Veja o que encontrei.

(Mostra objetos de prataria.)

**SMITH:** Muito bem, senhora Emily... Devem valer um bocado.

**SCROOGE:** Ei... Essas coisas são minhas. Então...

**EMILY:** Não sinto remorso de ter roubado um pouco para mim... Ele só pensou nele a vida toda.

**SMITH:** A senhora tem razão.

**EMILY:** Espero que o senhor me faça um preço...

**SCROOGE:** Não... Eles estão falando de mim... O que é isso?

**SMITH:** A senhora vai receber uma bolada.

**EMILY:** Infelizmente o velho não tinha muita coisa... Era um avaro miserável.

**SMITH:** Vamos para minha loja, senhora Emily.

**SCROOGE:** Esperem... Não podem me ouvir.

(O Espírito 3, começa a mostrar outro caminho.)

**SCROOGE:** Minhas coisas... Onde estamos indo agora?

(Chegam ao velório... Um caixão, algumas velas e nenhuma pessoa velando.)

**SCROOGE:** Não...

(Scrooge vai olhar o caixão, mas o Espírito 3 o impede.)

**SCROOGE:** Ninguém... Não há ninguém velando... O pobre coitado.

(Entra Mary aflita.)

**MARY:** Titio... Não pode ser. Não consegui chegar a tempo. Pobre titio... Onde estão seus amigos? Os amigos da Bolsa de Valores... Justo neste dia, titio? Gostaria de

ter lhe feito um último carinho; o senhor poderia ter escrito para mim... Sabia que a doença era grave. Titio, não me deixe assim.

(Pausa.)

**MARY:** Tome... Leve isto com o senhor. (Mary coloca uma rosa dentro do caixão.)

**SCROOGE:** Não... Mary. Piedade espírito... Não sou mais o que era.

(O Espírito 3 leva Scrooge de volta à casa. Continua aceso o foco de Mary, acende-se o foco da árvore de Natal, onde Helen está. O outro foco é em Scrooge, sentado na poltrona.)

**SCROOGE:** Por favor espírito, diga que ainda posso mudar as coisas que vi.

**ESPÍRITO 3:** Pode sim.

**SCROOGE:** Então ainda tenho esperanças...

**ESPÍRITO 3:** Tem...

**SCROOGE:** Quanto tempo ainda tenho para remediar os erros do passado?

**ESPÍRITO 3:** Não posso dizer isso, mas lembre-se que só poderá se salvar se for sincero no seu arrependimento.

**SCROOGE:** Mas como assim?

**ESPÍRITO 3:** Tudo depende de você Scrooge. Preciso ir.

(Com a tocha de fogo, o Espírito 3 ordena que o foco de Helen se apague, depois o de Mary, e por fim o de Scrooge; o Espírito 3 desaparece com a tocha.)

**SCROOGE:** Não... Não...

(Scrooge acorda assustado.)

**SCROOGE:** Não me deixe espírito... Juro que serei bom...

(Pausa.)

**SCROOGE:** Ora... Tudo não passou de um pesadelo, deve ter sido por que dormi sentado.

(Scrooge levanta-se, deixando cair a rosa que Mary colocou em seu caixão.)

**SCROOGE:** O que é isso? Agora compreendo tudo. Obrigado. Quero mudar de vida... E sei que não é tarde demais para isso... Pois me sinto forte e diferente... Sinto-me feliz...

(Sinos da igreja.)

**SCROOGE:** Quanto tempo terei ficado com os espíritos?

(Olha pela janela.)

**SCROOGE:** Ainda é Natal... Natal... Noite mágica... A mais bela das noites. vamos logo seu velho tolo, já perdeu muito tempo.

(Scrooge retira o roupão, pega seu chapéu e sai para a praça apressado. Encontra somente o frio da rua deserta e a estrela da árvore de Natal da cidade acesa. Scrooge bate palmas para chamar Mary.)

**GEORGE** (de dentro): Quem está aí?

**SCROOGE:** Sou eu George... Scrooge.

**GEORGE:** Senhor Scrooge? O que o senhor deseja?

**SCROOGE:** Preciso falar com Mary.

**GEORGE:** A essa hora?

**SCROOGE:** Não pode ser um minuto mais tarde.

**GEORGE:** Está bem senhor Scrooge. Entre.

**SCROOGE:** Desculpe, mas não quero entrar, peça a ela que venha até aqui... Quero continuar sob a noite respirando o espírito natalino.

**GEORGE:** Sim... Sim senhor.

(Acende-se o fogo dentro da casa de Mary.)

**MARY** (acordando assustada): O que está havendo George?

**GEORGE:** Isto é estranho...

**MARY:** O que é estranho querido?

**GEORGE:** Tem uma pessoa chamando você aí fora.

**MARY:** Quem?

**GEORGE:** Seu tio.

**MARY:** Titio Scrooge?

**GEORGE:** Não é estranho?

**MARY:** Não pediu para ele entrar?

**GEORGE:** Está com uma conversa estranha...

**MARY:** Será que ele está bem?

**GEORGE:** Vá até ele ver o que ele quer.

**MARY:** Vou chamá-lo para dentro... Faz frio lá fora.

**GEORGE:** Vá.

(Mary chega lentamente na praça e caminha lentamente até o tio que tem os olhos cobertos por lágrimas...)

**MARY:** Titio... O que foi? O senhor está bem?

**SCROOGE:** Mary... Minha pequena Mary. Queria lhe pedir perdão.

**MARY:** Titio...

**SCROOGE:** Deixe-me abraçá-la... Infelizmente a idade não me permite pegar você no colo. Eu amo você pequena Mary... Amo de coração.

(Os dois se abraçam.)

**SCROOGE:** Queria lhe dizer...

**MARY:** O quê?

**SCROOGE:** "Feliz Natal"...

(Aos poucos os focos vão se apagando, deixando acesa somente a árvore de Natal, e na praça, todos os atores cantam "Noite Feliz".)

FIM



# **Maiores de 14 anos**

(e para amadores adultos)

**As Aventuras de Ripió Lacreia**

Chico de Assis



# As Aventuras de Ripió Lacraia

Chico de Assis

## PERSONAGENS:

---

Contador  
Rosinha  
Ripió  
Coronel Militão  
Liminão  
Rasga-Bucho  
Zé-Castigo  
Lisório  
Velho  
Zileu  
Gogão  
Cego#1  
Cego#2  
Ciclópio  
Velha/Ripió  
Cego/Ripió  
Garimpeiro/Ripió  
Cangaceiro/Ripió  
Padre/Ripió

## CANÇÕES

---

Canção do Prólogo (Contador, com Coro)  
Canção do Descanso dos Jagunços (Jagunços)  
Canção de Ripió Lacraia (Jagunço/Ripió, solo)  
Canção da Vida de Jagunço (Jagunços)  
Canção da Receita do Fechamento de Corpo (Ripió, solo)  
Canção da Morte (Ripió, solo)  
Canção de Rosinha (Rosinha, solo)  
Canção do Caminho (Zileu, Gogão, Rosinha)  
Canção da Meia Estória (Contador)  
Canção da Vida de Jagunço (Jagunços)  
Canção do Cego/Ripió (Ripió)

Canção dos Cegos Indo pro Eito (Coro de Cegos)  
Canção do Patrão (Ciclópio e Cegos)  
Canção do Retrato I (Ciclópio e Cegos)  
Canção de Mestre Inácio (Ripió)  
Canção do Retrato II (Rosinha e Cegos)  
Canção de Silêncio (Ripió)  
Canção do Que se Leva Deste Mundo (Jagunço/Ripió, solo)  
Canção Final (Coro de Camponeses)  
Canção de Retirada (Todos)

### CENA 1

Canção do Prólogo  
Que começa com uma canção, na  
qual um contador de estórias se  
propõe aos ouvintes.

#### CONTADOR:

Viajante chegou nessa porta  
Tanta gente ninguém viu  
Morreu infeliz passarinho  
Dentro de sua gaiola oi  
Meu canto não vale nada  
Vou dar no pé vou-me embora

#### CORO:

Ó de fora

#### CONTADOR:

Ó de casa  
Tem gente na porta  
Na beira da estrada  
Pedindo guarida  
Pedindo pousada

#### CORO:

Se é gente do povo  
É gente honrada  
É gente que é pobre  
E que num tem nada

Se é gente do povo  
É gente honrada  
É gente que é pobre  
E que não tem nada

#### CONTADOR:

Só causos da vida  
Que vi no caminho  
Que guardo pra mim  
É estória pra ser contada.

### CENA 2

Apresentação de Ripiô Lacraia

#### CONTADOR:

É de longe que eu venho. O pé  
que leva.  
Andanças que só eu só, jeito de  
vida.  
Assim fui sempre, desde menino,  
Moleque pequeno, guri... Gosto.  
Há os que ficam, então se fincam.  
Gente que diz: é bom dar parada  
e criar raiz.

#### CONTADOR:

Sei lá, pobre nunca tem nada de  
seu.  
Então, eu ando, sei lá.  
Ando porque anda andarilho  
andejo.  
Por ser assim, eu sou que nem  
Ripiô Lacraia.  
Quem é? Pois é o Lacraia!

#### CONTADOR:

Não me admira que não se  
conheça por esse nome.

Tem muitos nomes e sobrenomes,  
Alcunhas, apelidos, pronomes,  
Assim como caras, roupas,  
disfarces e peles.  
Já vi chamar "Seu Ripió" de  
tantos...  
Como: Zeferino, Taturana, Pedro  
Corneta,  
Godofredo Barrios, Barrica,  
Benevides,  
Tatu, Lau, Tito, Dois, Treis,  
Decamarte, Desidério, Carnegão  
E por aí vai indo assim,  
Até muitos que nem sei eu  
Dei no esquecimento  
Já se viu quem o topasse  
Como Vaqueiro, mascate, doutor,  
Soldado, fantasma, farmacêutico.  
E até como Bispo, padre, mulher,  
menino...  
Assim é seu Ripió.  
Muda muito: de jeito, de lugar, de  
nomes.

**CONTADOR:**

Pois no respeito de não ter  
parada,  
Sou como Ripió que sempre dizia  
assim:  
Eu me fiz ser como semente de  
paineira pequena.  
Logo que a paineira ganha  
tamanho,  
Disposta a dar lenha, paina e  
sombra, ou flor,  
Subo do chão, me estalo no alto  
E me mando de novo a voar.

**CONTADOR:**

Sou como ele, isso eu sou... se sou.  
Se dá que as paineiras crescem  
depressa demais.  
Deixando então uma  
vagabundagem muito erma.  
De vez em quando dá um só, um  
só afinado,  
Meio assim como ferida,

machucando.  
Então, paro onde encontro  
gente...  
Paro, conto.  
São uns fatos que, de passagem,  
Se vê, se ouve, se guarda,  
Depois se junta tudo...  
Mais uma bossa, um jeitão de  
recontar  
E são os causos, estórias,  
lendagens.  
Por falar, me bateu um...  
Então eu conto...

**CONTADOR:**

Um houve que era uma vez nos  
tempos,  
Um fazendão muito extenso  
Nas bandas do meio do sertão,  
Logo ali, pra quem passa a serra.  
O Coronel Poderoso dono das  
terras  
Era um Militão Nãoseiquelá de  
Brito  
Um ainda herdeiro da gente  
portuguesa antiga.  
No fazendão dele a Lei era fome,  
reio e tiro.  
Dava trato aos lavradores,  
Como é comum dos coronéis:  
"Qué, qué. Num qué, istrada!"

**CONTADOR:**

Era um tal ruim que só gente ruim;  
Que é o que há de pior no  
mundo.  
Tanto, que tinha para sua defesa  
e ataque  
Um bando de jagunços armados  
Que fazer faziam mortes, surras,  
incêndios  
Só ele mandasse. Quando não,  
Faziam só por se traquejar,  
Que era essa a profissão deles.

**CONTADOR:**

Nesse fazendão, vivia um velho  
De nome Riano ou Ribano, nem

me lembro.  
Pois o tal velho Ribano morava  
com uma menina  
Que tinha apanhado a criar, por  
ser órfã.  
Rosinha, a menina tinha por  
nome.  
O velho mourejava no armazém  
do Coronel.  
Deu que um dia o Coronel  
Achou de achar falta  
De uns trens e mantimentos.  
Chegou, apertou o velho.  
Então, soube que alguém estava  
Desviando mercadoria do  
armazém...  
Pois é aqui quando a narrativa  
ganha ação.  
Este aqui é o Coronel Militão.

### CENA 3

Primeiro Episódio

Entra o Coronel, de rebenque na mão.

**CORONEL** (gritando): Lisório, ô cabra  
safado!

Entra Lisório.

**CORONEL**: Onde é que estão, seu  
cabra do cão? Cadê o velho e  
mais a menina que mandei trazer  
aqui pra dar punição?

**LISÓRIO**: Ai, meu patrão, meu coronel,  
meu protetor! Num me bate, num  
me bate, mas deu desgraça  
terrível!

**CORONEL**: Dê nas falas. O que foi o  
acontecido?

**LISÓRIO**: Buscar eu fui... Mas não dei de  
encontro. Vim saber deram no pé,  
logo quando souberam que o  
patrão mandou buscar pra dar  
castigo.

**CORONEL**: Ai, pelos cornos do capiroto,  
que isso vai dar tragédia! Vai  
daqui, cabra mole, e mande vir  
meus jagunços, com seu chefe

Liminão.

**LISÓRIO**: Num pé e volto noutro. (sai)

**CORONEL** (para o público): Isso  
comigo não se é de fazer. Todos  
sabem que sou justo da velha  
justiça. A quem me fez prejuízo  
não dou trégua. Sigo, persigo e  
mando alcançar. É só o tempo de  
campear. Que aqui nestas  
bandas não tem perna comprida  
que carregue um longe do meu  
castigo. Aí vem meus jagunços!  
Num tropel de cavalos entram  
três jagunços, carreirando e  
parando brusco.

**CORONEL**: Liminão!

**LIMINÃO**: Aqui pra tudo, patrão!

**CORONEL**: Rasga-Bucho!

**RASGA-BUCHO**: Onde é o fogo?

**CORONEL**: Zé-Castigo!

**ZÉ-CASTIGO**: Pronto pra castigar!

**CORONEL**: É um serviço de urgência...

**LIMINÃO**: Qual é o rumo da missão?

**CORONEL**: Dar caça a dois danados  
que me deram roubo e prejuízo.  
Me busque, aonde for, o velho  
Ribano mais a menina Rosinha.

**RASGA-BUCHO**: Qual é o crime da  
Rosinha?

**CORONEL**: Desmonte! Ouviu?

**RASGA-BUCHO**: Ouvi!

**CORONEL**: É fato.

**RASGA-BUCHO**: É fato? (levanta-se  
devagar)

**CORONEL**: De joelhos! Ouviu?

**RASGA-BUCHO**: Ouvi!

**CORONEL**: É fato.

**RASGA-BUCHO**: É fato?

Rasga-Bucho vai ajoelhar-se.  
Hesita. O Coronel faz um sinal. Os  
outros jagunços dão com os  
cavalos, pinchando Rasga-Bucho  
no chão. O Coronel vai até ele e  
dá-lhe de rebenque.

**CORONEL**: Pois é: uma, duas, três, as

quatro e cinco!

**RASGA-BUCHO:** Pois me bateu!?

**CORONEL:** Bati. Assim o côro arde e não dá nunca mais vontade de espicular perguntas das coisas que mando. Aprendeu?

**RASGA-BUCHO:** Aprendi.

#### CENA 4

Segundo Episódio: Clareira na mata

**CONTADOR:**

Segundo episódio,  
No qual se vai ver de como  
O velho e a menina se escondem  
No mato para passar a noite.  
Aonde irão de estar os  
perseguidos?  
Serão encontrados pelos  
jagunços?  
Se assim for, como será?  
Será o que tiver que ser.  
No mais, é bom que me mande,  
Não posso dar de encontro com  
os jagunços.

Ruído de vozes.

**CONTADOR:** São eles.

Clareira na mata. Entram, com  
trouxas, o velho e Rosinha.

**ROSINHA:** Está mal, avozinho?

**VELHO:** Cansado só. É uma corrida  
que não termina nunca mais. Se,  
ao menos, a gente topasse uma  
cidade. (senta-se no chão, ao  
centro)

**ROSINHA:** Aqui, eles não encontram a  
gente!

**VELHO:** O danado Coronel, a estas  
horas, já deve ter botado Liminão  
e os jagunços no nosso rastro.

**ROSINHA:** A gente escapa. Não  
desanima, vô... Tudo fica bom.

**VELHO:** E dizer que nem culpa temos!  
Ano mais ano passei sem um grão  
de milho do Coronel. Ano mais  
ano, vi gente morrer de fome na

porta do armazém... Nunca,  
apesar da dor que sentia, nunca  
tomei um nada pra matar a fome  
dos desgraçados... E essa agora,  
quase no fim da vida.

Rosinha chora.

**VELHO:** Não chora, filhinha.

**ROSINHA:** Sabe, vô... Eu queria que  
tudo desse certo, que a gente  
desse de escapar e que, saindo  
daqui, a gente chegasse num  
lugar diferente... Onde houvesse  
riso e dança, sempre. Onde o vô  
pudesse descansar a velhice em  
paz. Onde houvesse moços e  
moças alegres... Comida farta...  
Trabalho justo.

**VELHO:** Só morrendo e sendo bom. Esse  
lugar que você qué não se  
encontra na terra... É o céu, o  
reino de Deus. Lá, tudo é assim.

**ROSINHA:** Avô, como é que Deus  
parece?

**VELHO:** Deus é como uma coisa  
grande, sem tamanho... Que não  
se vê, não se pega, só se ouve  
falar... Dizem que mora nas  
nuvens em cima do céu, bem  
longe do grito e do cheiro dos  
homens... De onde há de vir para  
julgar os vivos e os mortos.

**ROSINHA:** Os vivos e os mortos?

**VELHO:** Assim dizem...

**ROSINHA:** É triste a gente ter que  
morrer pra vivê do jeito que a  
gente quer.

**VELHO:** Morrer parece triste fim, mas é  
um prêmio.

**ROSINHA:** Sei não... Às vezes, penso  
que, aqui mesmo na vida, a  
gente pode ter uma paz...

**VELHO:** Assim como um tesouro!

**ROSINHA:** Assim como um tesouro?

**VELHO:** Falando assim, você me  
lembra seu pai, ele também viveu

buscando um tesouro!

**ROSINHA:** Encontrou?

**VELHO:** Sei lá... Sei não... Não sei.

**ROSINHA:** Por que meu avô nunca me fala do meu pai? E nem da minha mãe?

**VELHO:** Porque sei lá... Nem sei... Um dia, eu falo. Um dia, eu falo tudo de uma vez.

**ROSINHA:** Que seja logo...

Ruído de cavalos em disparada.

**VELHO:** Os jagunços...

Os dois se escondem no mato. Logo surgem os jagunços em disparada, gritando aos capangas.

## CENA 5

Terceiro Episódio: Ripió vira Velha

**CONTADOR:**

Terceiro Episódio,  
No qual se vai ver  
De como os jagunços param  
para descansar  
E agora, veremos um sensacional  
Aparecimento de um novo  
personagem  
Que virá modificar de toda nossa  
estória.  
Beira de um córrego. Entram os  
três jagunços.

**LIMINÃO:** Parada! Descanso na procura.

**RASGA-BUCHO:** Arre! Paramos.

**ZÉ-CASTIGO:** Estou com a bunda chateada de sela.

**LIMINÃO:** Folgamos um pedaço de manhã. Longe não hão de estar.

**ZÉ-CASTIGO:** Ainda mais que estão nas pernas. O rastro logo se acha.

**LIMINÃO:** É bom dar tempo na procura, que dá mais valor no trabalho.

**RASGA-BUCHO:** Verdade coisa vista que até jagunço descansa.

**ZÉ-CASTIGO:** Pois se há um sol...

**LIMINÃO:** Uma sombra.

**ZÉ-CASTIGO:** Um banhado de água boa.

**JAGUNÇOS** (cantam Canção do Descanso dos Jagunços):

Até jagunço tem gosto em descansar

Pois se há um sol, uma sombra,  
um banhado de água boa

Até a morte pára um pouco pra esperar

Que é manhã bonita, bem bonita  
de verão

Até as nossas armas se  
aconchegam na bainha  
Até o fogo dorme dentro do fuzil  
Até a briga se desmancha num  
sorriso

Que é manhã bonita, bem bonita  
de verão

Que é manhã bonita, bem bonita  
de verão

Que é manhã bonita, bem bonita  
de verão

Ouve-se uma gargalhada  
esganiçada.

**LIMINÃO:** Quem é que riu  
Nova gargalhada.

**ZÉ-CASTIGO:** Sai do mato, sinão vai  
bala pra todo lado.

Nova gargalhada.

**RASGA-BUCHO:** Olhe o fogo na risada.  
Barulho no mato, de um lado. Os  
jagunços atiram juntos na direção  
daquele lado. Risada vem do  
outro lado: os jagunços atiram. De  
um outro lado, cai de uma árvore  
uma velha, parecida com uma  
bruxa.

**VELHA/RIPIÓ:** Aqui, meus jagunços!  
Os jagunços se viram.

**LIMINÃO:** Quem és tu, velha bruxa? O que quer com os jagunços?

**VELHA/RIPIÓ:** Que pode querer uma velha como eu? Um bate-papo e companhia, que há muito ninguém vem nestes ermos, e é de proveito e diversão saber coisas como vão indo... pelos lados da serra ou da cidade...

**LIMINÃO:** Não está vendo, velha, que somos jagunços e não estamos pra conversa?!

**VELHA/RIPIÓ:** Quim, quim, caia, pinduricaia. Quim, quim, cão, penduracão. Sapo anda com sapo, cobra anda com cobra e cão anda com cão. Três jagunços malvados, nada melhor pra companhia de uma velha danada como eu.

**ZÉ-CASTIGO:** Sai pra lá, obra do demônio! Te esconjuro! (Faz o "em nome do pai"). Estas falas, estas caras são para mim engenhos do cachorro, fuzueira do diabo!

**VELHA/RIPIÓ:** Pois fique sabendo que ele está com vocês. Fique notando que não é outro o protetor das guerras, matanças e tudo o mais. Padre se tem com a Trindade, jagunço com o cão amizade.

**LIMINÃO:** Credo em cruz, me benzo!

**RASGA-BUCHO:** Pra lá, velha maluca!

**VELHA/RIPIÓ:** Pra cá, meus jagunços! Tem aí uma pinga, um pedaço de fumo?

**ZÉ-CASTIGO:** Toma lá o fumo, mas não chegue perto, apanha no chão! (joga o fumo).

**VELHA/RIPIÓ:** Que é isso, meu neto? Está com medo da vovó? Cachaça, não tem?

**RASGA-BUCHO:** Tem não.

**LIMINÃO:** Olá, ô velha indecente! Não

viu passar por estes lados um velho mais uma menina?

**VELHA/RIPIÓ:** Um velho enrugado e antigo, velho quase acabado?

**LIMINÃO:** Pois certo!

**VELHA/RIPIÓ:** Mais uma menina moça, muito jovem e muito linda?

**LIMINÃO:** Pois certo!

**VELHA/RIPIÓ:** O velho mais a menina, os dois juntos duma veis?

**LIMINÃO:** Pois certo, certíssimo!

**VELHA/RIPIÓ:** Pois, assim assim, não! Vi um velho e uma menina, mas o velho foi no mês passado e a menina não faz uma semana ainda

**LIMINÃO:** Então, não viu nada que preste, velha porcaria, pois estamos atrás de uns assim, que ainda ontem por aqui devem ter alcançado.

**VELHA/RIPIÓ:** Não vi, mas posso ver. O porquê estão por eles?

**LIMINÃO:** São foragidos criminosos. Tem culpa de roubo de certos pertences do Coronel Militão.

**VELHA/RIPIÓ:** Conheço muito bem o grande Coronel. Não sabia que tinha exércitos, uma jagunçagem especial. O que roubaram os tais?

**LIMINÃO:** Chega de porquês, velha. Não há o que comer em tua casa?

**VELHA/RIPIÓ:** Vê, minha casa é aqui mesmo. De comer, só um rato morto falecido e amanhecido, que posso preparar guisado na lama, se agrada!...

**LIMINÃO:** Nojenta! Velha bruxa!

**VELHA/RIPIÓ:** Si nunca comeu num sabe o gosto que deu...

**RASGA-BUCHO:** Ei, velha... Sabe se este rio é de dar pé a quem num sabe nadar?

**VELHA/RIPIÓ:** É rasilho por demais.

Aqui nunca se afogou ninguém.

**RASGA-BUCHO:** Pois então vou me lavar.

Rasga-Bucho vai atrás de uma moita, tira a roupa e a coloca em cima de um arbusto.

**LIMINÃO:** Sabe onde há gente morando em casa, aqui perto?

**VELHA/RIPIÓ:** Logo ali adiante, na curva.

**LIMINÃO:** Segue no banho, Rasga-Bucho, que vamos eu e Zé-Castigo dar uma espiada, logo voltamos... Fica aí, velha, toma conta do cavalo e da roupa. Os dois saem a cavalo.

**VELHA/RIPIÓ** (indo até o arbusto): Tá na água, meu filho?

**RASGA-BUCHO:** Inteiro, velha porca. Delícia de água boa. A velha se modifica. Tira a saia, aparece a roupa de homem por baixo. Pega as roupas de Rasga-Bucho, monta a cavalo. Tira o lenço da cabeça e coloca o chapéu de jagunço de Rasga-Bucho.

**VELHA/RIPIÓ:** Tá bom o banho, meu filho?

**RASGA-BUCHO:** Muito bom, velha nojenta. Um dia precisas tomar um!...

**VELHA/RIPIÓ:** Tenha bastante proveito! Adeus, meu filho... (sai).

## CENA 6

Quarto Episódio: Ripió Vira Jagunço

**CONTADOR:**

O que é, o que é?  
Que, agora é jagunço,  
Há pouco atrás já foi mulher?  
O que é, o que é?  
Uma clareira. Entram o velho e Rosinha.

**VELHO:** Água, por aqui, deve haver!

**ROSINHA:** Procurando...

**VELHO:** É um ermo de floresta.

**ROSINHA:** Melhor é seguir sempre numa direção só. Assim, a gente dá de encontro em alguma paragem a salvo.

**VELHO:** Queria seguir firme, mas já não agüento ir lá das pernas...

**ROSINHA:** Descansa. Mais logo então a gente segue.

**VELHO:** Será que, dali se olhando, não se avista algum fumo ou fogo? Uma casa de gente, já seria de grande auxílio.

**ROSINHA:** Eu vou dar uma olhada pra ver.

Rosinha sobe na clareira e logo ouve-se um barulho no mato. O Velho se assusta.

**VELHO:** Rosinha, minha filha! O que é que se deu?  
O velho corre até à beira do mato. Atrás dele surge Ripió, de jagunço, segurando Rosinha e tapando a boca dela. O velho se volta.

**JAGUNÇO/RIPIÓ:** Boa tardes, vovô. E por que o susto?

**VELHO:** Por Deus, não faça nada à menina!

**JAGUNÇO/RIPIÓ:** Quem sou eu, por Santo Antonio do Currealinho, pra fazer de mal a um vivente cristão? Faça nada, não!

**VELHO:** Então, por Deus, solte a moça.

**JAGUNÇO/RIPIÓ** (ri): Quem sou eu, por São Bonifredes do Pito Virado, pra soltar alguém que o Coronel Militão mandou prender?...

**VELHO:** Nós não fizemos nada. Não temos nada.

**JAGUNÇO/RIPIÓ:** Mas quem sou eu, por Santo Anastácio das Porretadas, pra dar juízo e saber fazer diferença da vossa palavra

e da palavra do Coronel? Inda mais que ele é um grande coronel, dono de muitas terras, e vós sois um velho e uma menina sem nem bagagem. Ainda mais que fujões e corridos.

**VELHO** (jogando-se aos pés dele): Por amor de sua mãe, solta a menina. Quem ajuda os pobre fica bem com Deus.

**JAGUNÇO/RIPIÓ**: Por amor de minha mãe é que não posso, pois minha mãe não conheci e quem não conhece não ama. O mesmo vale pra Deus, que eu ainda não tive o prazer... Todo caso, vou soltar por meu descanso, mas não vão dar jeito de fuga, que mando fogo e logo faço brotar nesse mato duas cruces. Ripió solta Rosinha, que corre e se abraça ao velho.

**ROSINHA**: Voltar nós não voltamos, se quiser que leve a gente morto.

**JAGUNÇO/RIPIÓ**: Quem sou, por São Benedito dos Anzóis Carapuça, para matar dois que tenho de levar de volta?... Prefiro levar vivos... Quá... Vão pelos pés próprios, o que é muito melhor...

**VELHO**: Olhe, seu jagunço... Sei que é novo no serviço do Coronel, inda não conhece bem aquele homem. Ele é mau como peste! Nós num temo dinheiro, mas prometo e dou palavra que si deixar a gente seguir, logo juntamos algum com trabalho e pagamos a fuga.

**JAGUNÇO/RIPIÓ**: Por Santo Antão das Dificuldades! Quem sou eu, pra fazer serviço fiado? Trabalho de jagunço é de ser pagado na hora, ou antes. Deixar pra depois é risco demasiado, pois nunca se

sabe se si fica vivo nos finais. No mais, acho que o destino de vós dois está por demais marcado e demarcado. Que diantava querê mudança?

**ROSINHA**: Não adianta, avô... Que leve a gente duma veis...

**JAGUNÇO/RIPIÓ**: Quem sou eu, por São Eleutério do Umbigo Seco, pra ter presos, neste mundo vagarento? Olhem lá... Vós sois meus prisioneiros. Atenção, atenção nos meus ditos e nas minhas decisões. Calma e respeito, que a lei do jagunço vira fácil do lado da morte e, aí, não tem mais o que se discuta... No máximo, umas missas, umas preces, umas velas. Então, pergunto, o que escolhei vós dois? Caminhar comigo até o Coronel ou uma santa hora de morte aqui, neste nosso instante?

**ROSINHA**: Eu pra lá num volto, já falei!

**VELHO**: Mate este velho, que não presta pra mais nada e deixa a menina seguir. Diga que ela deu de escapar, o Coronel quer mesmo é a menina.

**JAGUNÇO/RIPIÓ**: Tá... si... Pedido de moribundo é ordem, não posso deixar de atender. Está acertado. Mato o velho e levo a menina.

**ROSINHA**: Não, avô. Se tem que morrer um, que morram os dois. Mate a gente de uma veis.

**JAGUNÇO/RIPIÓ**: Olha, que por minhas andanças jagunceiras... Francamente. Não por si. É a primeira vez que vós estais me pedindo!

**VELHO** (correndo para um lado): Atire, vamos!  
Ripió faz pontaria. Rosinha se lança sobre o velho.

**JAGUNÇO/RIPIÓ:** Olha a bagunça na hora do trabalho. Assim, de juntamente, não dá pra ser...

**VELHO:** Filhinha, pelo amor de Deus. Deixe que seja assim!  
O velho empurra Rosinha com força, para um lado. Ripió, frio, atira. O velho cai. Rosinha se joga contra Ripió, batendo nele com os punhos cerrados. Ripió a domina e a afasta de si.

**JAGUNÇO/RIPIÓ:** Pra lá, menina. Vê direito se o velho esticou mesmo.

**VELHO** (mexe-se, levanta-se, a calça cai): Pegou raspando!

**JAGUNÇO/RIPIÓ:** Claro! Quem sou eu, por Santo Ambrósio da Caveira de Burro Branco, pra dar tiro no suspensório e acertar dono da calça?!...

**ROSINHA:** Seu malvado, miserável. Se diverte com a desgraça da gente!

**JAGUNÇO/RIPIÓ:** A desgraça acabou... Podeis dar no pé... Já, os dois, vão!...

**VELHO:** O quê?

**ROSINHA:** Podemos ir?

**JAGUNÇO/RIPIÓ:** Podem, não! Tem que ir. Hoje é dia do meu aniversário e resolvi, em veis de comemoração, deixar vós dois viver em sossego. Vou dar "um, dois e três". No três, quando olhar, não quero nem ver nenhum dos dois, senão mudo de idéia... Lá vai um...

**ROSINHA:** Obrigada!

**JAGUNÇO/RIPIÓ:** Lá vão dois...  
Os dois correm desesperados.

**JAGUNÇO/RIPIÓ:** Lá vão ussssssssssss...

**JAGUNÇO/RIPIÓ** (canta Canção de Ripió Lacreia):  
Deste mundo a gente leva  
Só o bem vivido e rido

Deste mundo a gente leva  
O que se fez divertido

Deixa pra lá  
Tudo o que for sem graça  
Bota pra trás  
O que for triste passa  
O que não presta  
Não serve para ser vivido

A vida tem de ser festa  
Viver é tão divertido!  
Olhar o céu é riso  
Cheirar o mato é riso  
Correr no campo é riso  
Tomar cachaça é riso  
Beijar mulher é riso  
Contar estória é riso  
Brigar de faca é riso  
Fazer trapaça é riso  
Dormir na palha é riso  
Viver assim é riso

## CENA 7

Quinto Episódio

**CONTADOR:**

Quinto episódio:  
No qual se verá  
De como a estória  
Volta sobre si mesma  
Num zás.

**RIPIÓ** (continua a cantar):

Deste mundo a gente leva  
Só o bem vivido e rido  
Deste mundo a gente leva  
O que se fez divertido

Deixa pra lá  
Tudo o que for sem graça  
Bota pra trás  
O que for triste passa  
O que não presta  
Não serve para ser vivido  
No fim da canção, Ripió ouve um tiro. Estanca. Deita-se e vai se

arrastando pegar a arma junto à pedra.

**LIMINÃO** (fora ainda): Num pegue! (entrando). Não pega as armas! Cadê a velha?!

**RIPIÓ**: Cadê quem, pois não?

**LIMINÃO**: A velha, pois sim!

**RIPIÓ**: Que velha, pois não?

**LIMINÃO**: A que te deu o cavalo, estas roupas e estas armas!

**RIPIÓ**: Foi velha não, seu jagunço. Eu conto... Vinha andando no meu caminho quando, até com meio susto, deparei com estes trens. Chamei muito em volta, a vê si o dono estava por perto. Nada de resposta. Achei por justo de levar comigo pra, um dia topasse o dono, fazer devolução.

**LIMINÃO**: E por que vestiu?

**RASGA-BUCHO**: Ah, seu jagunço, eu achei por bem ao menos aparentar... O senhor sabe, foi pelas estórias de tiro e luta, que sempre a gente ouve contar nas bodegas ou nas rodas sabidas. Liminão dá um sinal de assovio. Rasga-Bucho surge do mato, metido em uma barrica.

**RASGA-BUCHO**: Cadê aquela miserável velha do capeta? (avança para Ripió, a barrica cai)

**LIMINÃO**: Tá aí a sua roupa! (dá outro assovio)

**RASGA-BUCHO**: Tire a roupa já, seu moleque. Só pode ser o filho da velha. Zé-Castigo vem do mato, trazendo o velho e a menina, amarrados.

**LIMINÃO**: Cuidado com os bichinho, que senão dão na escapada.

**ROSINHA** (vendo Ripió de costas, se atira aos pés dele): Ah, seu bom jagunço, mande soltar a gente!

Ripió se volta e ela não o reconhece.

**LIMINÃO**: Pode pedir à vontade, que este não atende ninguém. Não é jagunço, não.

**RASGA-BUCHO**: É o filho de um velha nojenta. Vá já tirando a roupa que sua mãe me roubou. Ripió tira a roupa, pede para Rosinha se virar, fica de ceroula, entra na barrica no lugar de Rasga-Bucho.

**RIPIÓ**: Posso ir andando, no mais, pois sim?... Assim, sem roupa, é capais de me dar uma espinhela caída ou mal maior.

**LIMINÃO**: Pelo sim, pelo não, acho melhor prender sua senhoria. Pelo roubo das roupas, cavalo e armas de meu comparsa.

**RASGA-BUCHO**: Assim é de ser feito. Morte ao filho da velha.

**RIPIÓ**: Mas eu não sou filho de velha nenhuma.

**LIMINÃO**: Descanse que logo será julgado e condenado. Vamos, minha gente, a cavalo. Assim chegamos cedo. Surge Zé-Castigo que estava montando guarda no mato.

**ZÉ-CASTIGO**: Vem gente no mato. Dois, em duas montarias.

**LIMINÃO**: Prenda e traga a ver quem são.

## CENA 8

Os Burreiros

Logo vem pelo mundo dois burreiros, com seus burros carregados de mercadorias, cachaça, carne, farinha, panelas, etc.

**LIMINÃO**: Parada! Pois então, quem são tais burreiros, que andam perdidos neste perigo de mataria?

**GOGÃO:** Estamos perdidos, não. É cortando caminhos que a gente caminha na mata.

**LIMINÃO:** E que mercadoria é que os burreiros carregam, pode-se saber?

**GOGÃO:** Umas poucas barricas de cachaça, carne seca e farinha para vender no mercado.

**LIMINÃO:** Cachaça, carne e farinha? É de boa qualidade a sua mercadoria?

**GOGÃO:** Da melhor. A cachaça é da primeira alambicada. A carne seca é das melhores partes do boi e a farinha, nem se fala.

**LIMINÃO:** E qual o apreçamento do lote por inteiro?

**GOGÃO:** Olhe que, por tudo, vai por... Deixe ver... Trinta e quatro mais setenta e quatro, mais noventa e quatro e dez por cento, e um pelo outro... Fica por cinco contos Bem barato, pra economizar a viagem ao mercado. Se sirva.

**LIMINÃO:** Zé-Castigo, desmonta as mercadorias. Olha aqui, seu burreiro, fique sabendo de que foi roubado em cinco contos, mas em compensação, sobra a alegria de saber que está dando almoço de grandes farnéis a três jagunços do Coronel Militão, mais dois prisioneiros.

**GOGÃO:** Ai, as minhas mercadorias... Por favor, seu jagunço, é a minha falência.

**RIPIÓ:** Paciência. Os jagunços tem fome e precisam de comer. Pagar comida é de muito pouca dignidade. Aceite sua sorte e vá sentando aí pra comer conosco.

**GOGÃO:** Eu vou é mimbora!

**LIMINÃO** (dá um tiro no chão, pra assustar): Vai ficar é aí mesmo, e

o outro burreiro. Se solto vão chamar a polícia pra trazer tormento na calma. Vamos, meus jagunços, é um banquetão em festejo à prisão dos fugitivos.

**GOGÃO:** Ai, ai minha mercadoria!...

**LIMINÃO** (para Ripió): Você aí, ô filho da velha. Arrume os comes e bebes e sirva aos jagunço.

**RIPIÓ:** É pra já.

**RASGA-BUCHO:** Vamos a essa cachaça de primeira e amaciada.

**LIMINÃO:** Alto lá, Rasga-Bucho. Cachaça amolece e dá sono, você dorme e eles te caem na pele. Vamos tomar só um pouco, o suficiente pra dar alegria. O que der uma borracha, é boa medida. O resto levamos pra uma festa melhor, na nossa volta.

**ZÉ-CASTIGO:** É certo.

**RASGA-BUCHO:** Vamos nos por a gosto com tais especiarias. Salve o bom burreiro.

**ZÉ-CASTIGO:** Salve, salve todos os burreiros previdentes, que carregam farnéis pelas matas pra dar de comer aos jagunços com fome.

**GOGÃO:** Agradeço, mas se sobrasse algum eu gostaria de levar.

**ZÉ-CASTIGO:** Há de sobrar, há de sobrar. (ri)

**RIPIÓ** (arrumando as coisas para servir): Aqui está, pra princípio, a borracha de cachaça. Assim, prepara o dente pra receber a carne de sol com farinha.

**LIMINÃO:** Que venha. Vamos, meus jagunços, não se esqueçam, uma borracha só.

Os jagunços avançam na cachaça. Zileu olha Rosinha amarrada e vai até ela. Olham-

se.

**RIPIÓ:** Aqui está, carne com farinha. É bom apetite, nobres jagunços.

**LIMINÃO:** Esse filho da velha está saindo melhor que a encomenda, como servente!

**RIPIÓ:** É de honra servir tão augustos comensais...

**RASGA-BUCHO:** Morte ao filho da velha...

**LIMINÃO:** Não fica bem tanta comida e cachaça sem uma cantoria. Vamos lá, canção dos jagunços. Os jagunços cantam a Canção da Vida de Jagunço.

**RASGA-BUCHO** (canta):  
Nós somos três jagunços  
Nosso chefe é Liminão  
Quem paga a jagunçagem  
É o Coronel Militão!  
Viva! Três vezes viva!  
Viva! Três vezes viva!  
Viva nosso patrão!

**ZÉ-CASTIGO** (canta):  
O jagunço quando bebe  
Cuida de não dar no chão  
Que jagunço muito alegre  
É jagunço no caixão!  
Durante a cantoria dos jagunços,  
Ripió coloca as cabaças de  
bebida dentro da barrica.

**RASGA-BUCHO** (canta):  
O jagunço quando come  
Come pelo mês inteiro  
Porque num dia ou outro lá  
Lá se vai todo dinheiro!  
Viva! Três vezes viva!  
Viva todos companheiros!

**LIMINÃO** (canta):  
O jagunço quando ama  
É com dez de cada vez  
Com todas cai na cama  
E nem assim fica freguês!  
Viva! Três vezes viva!  
A mulher que Deus nos fez!

**LIMINÃO:** Agora, meus jagunços, pra aproveitar a hora divertida, vamos ao julgamento do filho da velha.

**RASGA-BUCHO:** Morte ao filho da velha!

**ZÉ-CASTIGO:** Espera, Rasga, não se deve matar antes de um bom julgamento, que é coisa que deve se engraçado... Eu bem sei, já fui julgado e condenado.

**RIPIÓ:** Seus nobres jagunços, não é melhor deixar isso para os finais da festa?

**RASGA-BUCHO:** Morte ao filho da velha!

**LIMINÃO:** Eu sou o juiz. Rasga-Bucho acusa e Zé-Castigo defende.

**RIPIÓ:** Olha, nobre chefe da jagunçagem, não seria melhor alvitre que eu mesmo me defendesse? Não que não seja confiante no empenho do amigo, mas é que sei melhor do acontecido, e podia dar maior claridade.

**RASGA-BUCHO:** Morte ao filho da velha!

**LIMINÃO:** Negado o pedido. Réu é réu. Começamos. Estamos aqui, nesta mata, reunidos para dar julgamento e fim certo no réu que está na nossa frente. Isso em nome do Padre e do Espírito Santo, da Virgem Santíssima e nosso próprio, que somos jagunços de profissão.

**RASGA-BUCHO:** Morte ao filho da velha!

**RIPIÓ:** Esse infeliz não dá outras palavras, parece engasgado. Não seria melhor dar-lhe cachaça e ver se desengasga?

**LIMINÃO:** Não troque, por confusão, engasgue com vontade de ver

morto. Em todo caso é um bom acompanhante para este julgamento. Vamos, Rasga-Bucho, pode começar a acusação.

**RASGA-BUCHO:** Pois foi que, enquanto estava n'água, a velha mãe desse filho de uma velha – uma bruxa muito indecente, muito repelente, muito encarquilhada, muito embolorada, muito estercada – me deu na escapada com meu cavalo e meus trens de guerra, assim como roupa e tudo o mais. Me indignei, no mato andando dentro de uma barrica. E quem visse, nem diria que era Rasga-Bucho, o jagunço, mas que um graçola qualquer. Portanto, é um alto crime contra a jagunçagem nos gerais e no meu caso em especiais. Peço com toda piedade: morte ao filho da velha!

**LIMINÃO:** Muito que bem ou muito que mal, acabou-se de ouvir o atacado... Zé-Castigo, pode defender.

**RIPIÓ:** Capricha, seu Zé-Castigo, que eu estou posando de inocente.

**ZÉ-CASTIGO:** Pois se eu defendo o jagunço Rasga-Bucho, meu amigo, de tais indignidades e peço a condenação do réu, nos termos dos possíveis nesta mata virge.

**RIPIÓ:** Seu juiz, pode falar? Então, ele defende o outro?

**LIMINÃO:** Cada qual defende quem acha certo e, sem mais aquele, condeno o réu fulano à morte por tiro e tudo quanto é lado, aqui mesmo e agora mesmo.

**RIPIÓ:** Mas eu não me sobro nem pra falar em defesa?

**LIMINÃO:** Pode falar suas últimas

palavras e rezar suas últimas rezas.

**RIPIÓ:** Ora veja!

**LIMINÃO:** Faladas suas últimas palavras que, ainda não fazendo sentido, vem do coração, passemos à execução.

Os jagunços se preparam.

**RIPIÓ:** Ainda falei não. Vou falar, diante dos que vão me matar, apenas umas palavrinhas. Meu avô, que Deus o tenha, quando pra este mundo, em 1889...

**RASGA-BUCHO:** Pera lá! Que pra chegá do avô no neto, a gente já criou raiz!

**RIPIÓ:** Meu pai, quando nasceu...

**ZÉ-CASTIGO:** Olha que do pai ao filho, a gente cansa por demais...

**RIPIÓ:** Quando eu nasci, o que não faz muito tempo, me deram o nome de Jurubeba. Isso foi em homenagem ao maior jagunço que já existiu!

**LIMINÃO:** Verdade, eu conheci.

**RIPIÓ:** Pois meu pai me deu esse nome por ter pertencido ao bando de Jurubeba, a serviço do Coronel Leopoldo Sá de Correia Cavalcanti... Como todos sabem, Jurubeba tinha o corpo fechado e, portanto, nunca foi ferido nem atingido em toda a sua vida. E meu pai também, pois se foi meu avô, que era dado à magia, quem fechou o corpo dos dois!...

**ZÉ-CASTIGO:** Está falando demasiado...

**LIMINÃO:** Deixa ele falar, tenho interesses por esses tal fechamento de corpo. Uma veis me fecharam e, dias depois, levei dois tiros na barriga. Quando sarei, fechei os olhos e fechei o fechador.

**RIPIÓ:** Pois se eu garanto que esse

fechamento foi quem garantiu a vida de Jurubeba e meu pai. Se de gosto dos jagunços, antes de morrer, eu gostava de oferecer a receita.

**LIMINÃO:** Pois diga...

Ripió canta a Canção da Receita do Fechamento de Corpo.

**RIPIÓ** (canta):

O jagunço que quiser  
Ver o corpo bem fechado  
Será se ele fizer  
Tudo aqui o que vai mandado  
É um é dois é três  
Tudo aqui o que vai mandado  
É quatro é cinco é seis  
Tudo aqui o que vai mandado

**RIPIÓ** (canta):

Meia noite na sexta-feira  
Tem de ir na encruzilhada  
Levando na algibeira  
Uma faca bem afiada  
Ao chegar na encruzilhada  
Veja se ninguém passa  
Então dê uma golaça  
Na garrafa de cachaça  
É um é dois é três  
Na garrafa de cachaça  
É quatro é cinco é seis  
Na garrafa de cachaça

**RIPIÓ** (canta):

Depois grite bem sonante  
Venha cá seu Lucifér  
E verá no mesmo instante  
A faca virar colher  
Pegue então nessa colher  
Dê um bafo que ela embaça  
Diga um nome de mulher  
(cada um diz um nome de mulher)  
Beba um litro de cachaça  
É um é dois é três  
Beba um litro de cachaça  
É quatro é cinco é seis  
Beba um litro de cachaça

**RIPIÓ** (canta):

Reze então uma reza brava  
Esta aqui que vou dizer  
Que o Demo pé de cabra  
Virá logo lhe atender  
É um é dois é três  
Virá logo lhe atender  
É quatro é cinco é seis  
Virá logo lhe atender

**RIPIÓ** (canta):

Mas para rezar com raça  
É um é dois é três  
Mais um litro de cachaça  
É quatro é cinco é seis  
Pois me verá no mesmo instante  
No embaçado da colher  
Aparecer o semblante  
Do cumpadre Lucifér  
(joga a barrica para fora)  
É um é dois é três  
Do cumpadre Lucifér  
É quatro é cinco é seis  
Do cumpadre Lucifér

**RIPIÓ** (canta):

Se as pernas dé de tremê  
Mais cachaça pra beber  
É um é dois é três  
Mais cachaça pra beber  
É quatro é cinco é seis  
Mais cachaça pra beber

**RIPIÓ** (canta):

Quando o cumpadre vier  
Reze alto e com fé  
Dê pinga se ele quiser  
Que seco o diabo não é  
É um é dois é três  
Que seco o diabo não é  
É quatro é cinco é seis  
Que seco o diabo não é

**RIPIÓ** (canta):

Não faça a temeridade  
De deixar beber sozinho  
Dê pra ele a metade  
Tome metade sozinho  
Destampe com cuidado

Outra garrafa de cachaça  
(troca as cabaças)  
Vá tomando um bocado  
Que é pra a reza ter mais raça  
E reze assim reerguendo a taça  
Deus é três em um  
O diabo é só um  
O que pra Deus é duro  
O diabo faz e só  
Brinde a demoníssima unidade  
Que é mais forte  
Que a santíssima trindade

**RIPIÓ** (canta):

Deus só tem três nomes  
Padre fio espírito santo  
O diabo tem demais  
Não se sabe bem o quanto  
Brinde o cão, o demo, o diabo,  
O lucifér, cumpadre  
O pé de cabra, o tinhoso,  
O cachorro, anjo das trevas.  
No final da canção, os jagunços,  
muito bêbados, vão se  
encostando uns nos outros e  
caem, todos de uma vez.

**RIPIÓ** (tirando a roupa de  
Rasga-Bucho): Depressa, gente,  
dar no pé enquanto dá!

**ROSINHA:** Vamos vovô!

**GOGÃO:** Espera aí. Zileu, vamos  
carregar com os burros e as  
mercadorias.

**ZILEU:** Acho melhor seguir já já, sem os  
burros...

**GOGÃO:** Eu não estou pedindo, estou  
mandando. Vá lá e traga os  
burros.

**ZILEU:** Vou não.

**GOGÃO:** Filho duma vaca, quer ver  
minha falência?

**ZILEU:** Pois seja...  
Zileu volta pra buscar o velho.  
Rasga-Bucho acorda um pouco e  
dá um tiro pra qualquer lugar e  
acerta o velho. Ripió carrega com

ele e todos dão na escapada.

## CENA 9

Episódio Triste

**CONTADOR:**

Pedimos a todos que aqui estão,  
Dando olho e orelha nesta nossa  
narração,  
Um momento de silêncio.  
É um episódio triste,  
Talvez o mais triste da estória.  
Episódio no qual se verá de como  
o velho Ribano,  
Na última hora da morte,  
Dá notícia de um legado à  
menina.  
Tristura que vamos sentir.  
No qual veremos também  
Que, depois do passamento do  
velho,  
Uma proposta deslumbrante  
Se apresentou para a Rosinha,  
Zileu e o mascate Gogão.  
No mais, teremos o  
desaparecimento da velha,  
Ou do filho da velha, ou do  
jagunço,  
Ou do réu ou, sei que mais,  
Sabemos ser Ripió, o Lacraia.  
Perto das ruínas de um casebre,  
entra um vulto. É noite. É Ripió  
que vem se esgueirando lento.  
Revista o casebre e depois  
chama:

**RIPIÓ:** Podem chegar que é tudo na  
paz.  
Os outros vem, Zileu carregando o  
velho. Ripió acende uma vela  
num canto.

**ROSINHA:** Cuidado com ele...  
Depositam o velho em cima de  
uma esteira.

**ROSINHA:** O que a gente vai fazer?

**RIPIÓ** (depois de olhar a ferida): Acho  
que esperar uma paz que há de

vir depois desta dor.

**ROSINHA:** Não é nada, é mais uma mentira sua. (vai abraçar o velho)

**VELHO:** Não chegue, minha filha, que apressa minha partida e tenho muito que falar.

**RIPIÓ:** É uma ferida funda e ingrata. Tem pouco tempo, meu velho... Fale com jeito em pressa o que tem e depois descansa na morte.

**ROSINHA:** Ah! Meu Deus! Que tristeza...

**ZILEU:** Assim há de ser com nós todos um dia, por isso, amém!

**VELHO:** Minha filha... É preciso que te conte e te informe de coisas importantes... Ouve com atenção, que não terei, na certa, ocasião de repetir. Sempre fiquei de contar um dia a estória do teu nascimento.

**VELHO:** Uma vez, era ainda meio moço, morava em uma cabana nas terras de uma fazenda onde era lavrador. Me apareceu pelo meio de uma noite um cavaleiro meio despencado da sela de um cavalo muito cansado. Apeiou na minha porta com um embrulho de pano na mão. Vinha muito triste, ferido e muito mal de muitos tiros e sangrava tanto. Mais, muito mais que eu, agora. Me jogou o embrulho nos braços e caiu na minha porta. Peguei e senti um calor... Era uma criancinha. Disse que eu cuidasse dela, que ele morria na certa. Contou ainda que era por causa dela que ele tinha sido tocado. Foi por seu casamento às escondidas com a filha de um fazendeiro inimigo de seu pai, também poderoso. As famílias viviam em guerra por causos de terras e os dois se gostaram por cima de tudo. Seu

pai me contou tanto mais coisas que lhe deram as horas que restavam. Tinha em seu poder uns mapas, uns escritos que disse ser de um grande tesouro que havia descoberto nas suas andanças. Um mapa marcado por pontos maravilhosos de procura. Fenômenos perdidos no sertão os quais encontrou na sua grande busca. Me pediu que, quando você se fizesse mulher, eu lhe daria os mapas e os escritos e pediria que fosse em busca de tal tesouro, pois só o descobrindo poderiam, você e muitos outros, encontrar felicidade. Disse também pra você tomar cuidado, muito cuidado com...

**ROSINHA:** O que, avô, fala!

**ZILEU:** Mais nada, menina. Ele partiu...

**RIPIÓ:** Deus se apiede da alma dele.

**GOGÃO:** Um tesouro!

**ROSINHA:** Meu avô querido. (chora)

**ZILEU** (trazendo uma vela): Em nome do Padre, Filho e Espírito Santo, amém. (vai fazendo uma cova)

**RIPIÓ** (canta Canção da Morte):

Nem fome nem eito  
Nem dor nem mais amor  
Sua alma virou passarinho  
Lindo vôo levantou  
Foi pra longe seguir seu caminho  
Foi pro céu pra lá voou!  
O que era da terra volta pra terra  
O que era do Céu Deus já levou.  
Ripió e Zileu carregam o corpo  
atrás de uma pedra.

**RIPIÓ** (repete o canto):

Nem fome nem eito  
Nem dor nem mais amor  
Sua alma virou passarinho  
Lindo vôo levantou  
Foi pra longe seguir seu caminho  
Foi pro céu pra lá voou!

O que era da terra volta pra terra  
O que era do Céu Deus já levou.

**ZILEU:** Está já na cova esperando a  
última terra.

**GOGÃO:** E o mapa do tesouro?  
Convém procurar! Antes do  
enterramento. (vai ver o velho na  
cova)

**RIPIÓ:** Não precisa... Está aqui... Peguei  
caído no chão, ao lado do corpo.

**ROSINHA:** O que vem a ser?  
(pegando os papéis)

**RIPIÓ:** Uma papeladas muito antigas.  
Uns mapas, uns escritos.

**ROSINHA** (pega, olha): Num sei lê... É  
de proveito?

**GOGÃO:** Eu sei, deixa, eu leio... (lê:)  
"Para minha filha, no dia em que  
puder ser livre e sair na procura  
do tesouro. Nos mapas e nos  
escritos encontrará os caminhos  
por mim percorridos e, se tudo  
fizer de acordo, chegará ao  
grande tesouro. Primeira viagem  
começa se olhando o céu em  
noite de estrelas. É o prumo norte  
que é indicado pela cabeça do  
Cruzeiro do Sul. Toma caminhos os  
que levam ao contraforte da  
Serra do Espigão e de lá até o  
Fazendão Santa Luzia. Lá se vai  
encontrar a primeira maravilha" ...

**ROSINHA:** O que será essa maravilha?

**GOGÃO:** O que será esse tesouro?

**RIPIÓ:** Só indo até lá e dando com os  
olhos próprios.

**ROSINHA:** Que bom seria poder  
cumprir a vontade de meu pai e  
do velho avô que morreu inda  
pouco!...

**GOGÃO:** Isso pra uma moça é um  
despropósito de andarilhagem...  
Eu, por mim, tenho uma proposta  
a fazer. Me venda os mapas e os  
escritos, que eu vou atrais.

**ROSINHA:** Um dinheiro até que seria  
bom neste momento... Estou  
sozinha.

**ZILEU:** E se é de sua vontade, vamos os  
dois e mais o moço em busca  
destas maravilhas.

**GOGÃO:** Como é que vai indo assim,  
sem mais aquela?

**ZILEU:** Pois não tenho casa, nem  
parentes, sou livre para escolher ir  
com a moça.

**GOGÃO:** Não sabe que trabalha para  
mim?

**ZILEU:** Pois já deixei, não trabalho mais.  
Pegue os burros e leve.

**GOGÃO:** Num é de tantas facilidades  
deixar o meu emprego de uma  
hora pra outra. Quem me paga o  
que deve de adiantados?

**ZILEU:** O que trabalhei até hoje já dava  
e com sobras.

**RIPIÓ:** O quanto é a quantia devida?

**GOGÃO:** Uns dois contos, por baixo,  
pra terminar a briga.

**RIPIÓ:** Pois lhe cobra quatro por ter  
salvado a sua vida e suas  
mercadorias dos jagunços.

**GOGÃO:** O quê? Vê lá se é possível...

**RIPIÓ:** Tanto é possível que se não  
paga já já, eu lhe tiro a vida, que  
está no meu direito. (apanha o  
revólver)

**GOGÃO:** O senhor está brincando. (ri)  
Está brincando...

**RIPIÓ:** Paga ou não paga?

**GOGÃO:** Pago coisa nenhuma!

**RIPIÓ:** Isto é como aviso. (atira no pé)

**GOGÃO:** Está maluco, quer me matar?  
Este é pior que os jagunços! Você  
não faz nada, Zileu?

**ZILEU:** Ele está no seu direito. Foi quem  
salvou a gente da morte.

**GOGÃO:** Qual morte, qual nada! O  
chefe dos jagunços era meu  
amigo.

**RIPIÓ:** Pois fale com ele, que vem vindo cá atrás.

Gogão vira-se para trás e cai de joelhos, morrendo de medo.

**RIPIÓ:** Então, ele é seu amigo, pois não? Descontando o que deve Zileu, ainda falta dois contos. Fico satisfeito se me pagar em mercadorias no justo preço.

**GOGÃO:** Ai... minhas mercadorias!

**RIPIÓ:** E se faça de satisfeito, por não ter perdido tudo, mais essa sua vida miserável juntamente.

**GOGÃO:** Está certo, mas um dia você me paga!

**RIPIÓ:** Chegando o dia, a gente se vê, que quem puder mais chora menos. Zileu, está acertada sua dívida.

**ZILEU:** Fico agradecido para sempre. Aonde estiver, o que for meu, seu será também. Como é o nome de quem me fez o bem?

**RIPIÓ:** Ora pois se eu sou chamado de Gonçalão de Pedreirinha.

**ZILEU:** Pois será como disse, seu Gonçalão. Palavra por palavra de Zileu Rojão... o filho de Mané Pedro Rojão.

**ROSINHA:** Vamos passar a noite aqui?

**RIPIÓ:** Vamos, amanhã sigo o meu caminho e vocês seguem os de vocês. Zileu, puxa a mercadoria no valor de um conto, para mim, e mais um tanto igual, para você e a menina. Vão precisar de comida na viagem, que há de ser longa e cansativa.

**ROSINHA:** A qual viagem?

**RIPIÓ:** Pois não se vão em busca de tesouro, você mais Zileu?

**ZILEU:** Eu, por mim, sempre que ia, inda mais que posso dar proteção à menina.

**GOGÃO:** Eu também vou. Vamos os

treis.

**RIPIÓ:** Numa casa de caboclo, um é pouco, dois é bom, treis é demais e dá confusão. Acho que, em viagem, há de ser o mesmo igual.

**ROSINHA:** Pois vamos os quatro junto com seu Gonçalão das Pedreiras.

**RIPIÓ:** Seu Gonçalão tem mais o que fazer que andarilhar em busca do tesouro escondido, minha menina. Tenho casa e negócios na cidade.

**GOGÃO:** Pra mim dois mais que ajude é bom andar de treis... O tesouro há de ser bastante para todos nós.

**RIPIÓ:** Se eles querem, o senhor acompanha... Se não, eles partem e o senhor toma seu rumo, bem noutra direção.

**ROSINHA:** Melhor que ele não vá. É muito malvado, o miserável.

**ZILEU:** O mesmo acho eu, também.

**RIPIÓ:** Está decidido... Eles vão e vossa mercê segue comigo, pra não atrapalhar os dois.

**GOGÃO:** Pois que vão sozinhos. (ri muito) Só quero saber se vão chegar em parte alguma.

**ROSINHA:** Que é que ele deu de rir tanto?

**GOGÃO:** Só quero saber quem vai ler os escritos e olhar no mapa. Nenhum de vocês sabe ler.

**ROSINHA:** A gente aprende, seu Gonçalo ensina!

**RIPIÓ:** Aí, ele levou vantagem. Está certo o que ele diz... Ler não se aprende de uma hora pra outra.

**ZILEU:** Está certo que é assim, mas... Eu que nunca pude ter um tempo de encontrar um que me ensinasse a ler... A gente fica nas ordens dos outros, sem ter culpa nem nada.

**RIPIÓ:** Assim é o mundo, o mundo é assim, pois se até Deus precisa do Diário pro mundo seguir sendo mundo. Essa parada ganhou mesmo o Mestre Gogão, por suas artes de leitura. Mas olha lá... Lembrem-se sempre que são dois contra um, e que ele deverá andar certo na honestidade.

**GOGÃO:** Pois se eu sempre fui honesto...

**RIPIÓ:** Em sendo comerciante e mascate, acho um pouco exagerado esses elogios a respeito de si mesmo. Só digo uma coisa, Mestre Gogão, mestre em burros, preços e lábias. Só digo que, em determinadas curvas, às vezes a gente dá de cara com o que nunca esperou. Portanto, quando se tem a alma carregada, o melhor é tomar cuidado com a pele.

**ROSINHA:** Vamos nós três, então.

**RIPIÓ:** Passamos a noite aqui. Amanhã eu sigo meu caminho e voceis seguem o de voceis. Enquanto todos se preparam para dormir, Rosinha canta a Canção de Rosinha.

**ROSINHA** (canta):

O que ontem era de um jeito  
Hoje já mudou demais  
Amanhã pode ser outro  
Com o tempo outro mais  
Minha vida se figura  
Na mudança do porvir  
Como pode a criatura  
Saber tudo que há de vir...  
Todos dormem. Cartaz: E, lá pelo meio da noite, Ripió acorda, vai até a menina que dorme, tira os mapas. Vai até um canto, acende uma vela, copia o mapa e escreve um bilhete que parece

algum recado e prega na porta. Pega suas coisas, recoloca o material da menina perto dela e dá o pira. Cartaz: E no dia seguinte, Zileu acorda e vai acordar Rosinha.

**ZILEU:** Moça Rosinha?

**ROSINHA:** É hora?

**ZILEU:** O quanto mais cedo a gente for, mais cedo chegamos!

**ROSINHA:** Já está acordado o seu Gonçalão?

**ZILEU:** Não vi ele não.

**GOGÃO:** Vamos embora, minha gente, que o tesouro espera por nós.

**ROSINHA** (apanhando o bilhete no chão): O que vem de ser?

**GOGÃO:** É um recado do tal Gonçalão... "Fui embora no meio da noite. Não gosto de despedidas... Até um dia, que quem é bom sempre se encontra... Gonçalão Pedreirinha". Onde está o mapa?

**ROSINHA:** Está aqui, que pena que ele já deu no caminho! Gostava de agradecer.

**ZILEU:** Ouviu o que ele deixou escrito? Um dia a gente dá de encontrá.

**GOGÃO:** Eu, por mim, não quero nem mais ver aquele tal... Zileu, arrume os burros e vamos embora. Enquanto Zileu arruma os burros, cantam a Canção do Caminho.

**ZILEU** (canta):

Toca pé no mundo  
Pra buscá esse tesouro.

**GOGÃO** (canta):

Toca buscá logo,  
Deve ser um montão de ouro!

**ROSINHA** (canta):

Vamos nós andando,  
Vamos nós buscando.  
(coloca uma flor no túmulo do avô)

**OS TRÊS** (canta):

Caminho por caminho  
Passagem por passagem  
No vale da montanha  
Caminho por caminho  
Passagem por passagem  
Na mata e na sondagem

Talvez rio  
Talvez planura  
Talvez serra na lonjura  
Vamos nós andando  
Vamos nós buscando  
Que no fim está  
O tesouro esperando  
Vamos nós, vamos nós

**CONTADOR:**

E assim se deu por findar,  
A primeira parte da narrativa  
desta lendagem.  
Onde vimos de como  
Depois de perseguida pelos  
jagunços do Coronel Militão,  
Que acabaram por dar morte a  
seu avô,  
A menina Rosinha segue em  
busca de um tesouro  
Em companhia de Zileu, o  
burreiro,  
Mais o mascate Gogão.  
Não percam a segunda parte  
desta emocionante lendagem.  
Dentro de mais alguns minutos,  
O que sucederá aos aventureiros?  
Encontrarão o tesouro?  
E os jagunços do Coronel?  
O que se dará com eles  
Ao voltar ao fazendão de mãos  
vazias?  
Isso tudo será respondido  
Na segunda parte desta  
lendagem.  
E no mais,  
Terão o reaparecimento  
Do mais incrível e formidável

Danado de todos os tempos,  
O Ripió Lacraia.

**CONTADOR** (canta Canção da Meia  
Estória):

De tanto falar, falei  
Meia estória já contei  
Tem mais tanto pra falar  
Outra meia vou contar!

## **CENA 10**

Sétimo Episódio: A Sumanta nos  
Jagunços.

Na fazenda do Coronel Militão.

**CONTADOR:** Sétimo episódio,  
No qual haveremos de dar  
encontro  
Com os jagunços do Coronel  
Militão,  
Mais o próprio Coronel.  
No qual se verá  
De como o Coronel prende fogo  
de raiva  
Por terem o velho e a menina  
fugido.  
E também onde iremos apreciar  
De como os jagunços são  
castigados  
De uma forma original,  
E, nos finais, partirão novamente  
No encalço dos fugitivos.

Na fazenda do Coronel Militão.

**CORONEL:** Pois foi tal assim como se  
deu?

**OS TRÊS:** Bateu e disse!

**CORONEL:** Pois a culpa quem teve de  
deixar escapar? Liminão, foi sua?

**LIMINÃO:** Minha não foi, só se foi de  
outro.

**CORONEL:** Rasga-Bucho, foi sua?

**RASGA-BUCHO:** Minha não foi, só se foi  
de outro.

**CORONEL:** Zé-Castigo, foi sua?

**ZÉ-CASTIGO:** Minha não foi, só se foi de  
outro.

**CORONEL:** Não fui convencido.

Contem de novo, a ver se fica conferido.

**LIMINÃO:** Nós demos no encalço.

**ZÉ-CASTIGO:** Demos no encalço.

**RASGA-BUCHO:** Demos, de fato, no encalço.

**CORONEL:** E daí? Adiantem nas falas.

**LIMINÃO:** Encalçamos, mas houve que...

**ZÉ-CASTIGO:** Pois é, o filho da velha!

**RASGA-BUCHO:** Ah! O filho da velha!

**ZÉ-CASTIGO:** Antes veio a velha, depois o filho da velha.

**LIMINÃO:** Verdade seja dita. Primeiro a velha, e depois o filho da velha.

**CORONEL:** Que velha mais o filho da velha, quero saber dos foragidos.

**ZÉ-CASTIGO:** Pois falando de claramente, os fugidos foram pegados.

**RASGA-BUCHO:** E muito bem pegados.

**LIMINÃO:** O velho mais a menina, mais o filho da velha. Na verdade, deu no escapado.

**CORONEL:** Que diabo esta velha tem que estar metida no assunto?

**ZÉ-CASTIGO:** Tem e muito, assim como o filho da velha.

**RASGA-BUCHO:** E mais os burreiros.

**CORONEL:** Que burreiros?

**RASGA-BUCHO:** Que burreiros?

**ZÉ-CASTIGO:** Que burreiros?

**LIMINÃO:** Que burreiros? Os que traziam cachaça.

**ZÉ-CASTIGO:** Maldita cachaça, que uma cartolinha, assim, tinha mais de vinte e tantos litros.

**RASGA-BUCHO:** Uma danada cachaça, que se refazia tanto mais dela se tomasse.

**LIMINÃO:** Eu bem que tinha dado aviso e prenúncio.

**ZÉ-CASTIGO:** Isso tinha mesmo.

**RASGA-BUCHO:** Verdade. Não fosse o filho da velha...

**LIMINÃO:** Mesmo apesar da cachaça esticar na cartolinha, nós derrubamos um.

**CORONEL:** O filho da velha?

**LIMINÃO:** Não, o velho.

**CORONEL:** O velho quem? Que já não sei mais quem mais se mistura na narrativa.

**LIMINÃO:** O velho Ribano.

**CORONEL:** E a menina?

**LIMINÃO (aos jagunços):** E a menina?

**RASGA-BUCHO:** E a menina?

**LIMINÃO:** E a menina?

**CORONEL:** A menina sumiu!

**LIMINÃO (aos jagunços):** A menina sumiu.

**ZÉ-CASTIGO:** Não diga.

**RASGA-BUCHO:** Pois é... Foi embora com o filho da velha.

**ZÉ-CASTIGO:** E mais os dois burreiros.

**CORONEL:** E por que não seguiram no encalço?

**ZÉ-CASTIGO:** E por que não seguiram no encalço?

**LIMINÃO (aos jagunços):** E por que não seguiram no encalço?

**ZÉ-CASTIGO:** Pois foi assim mesmo, que o sucedido é então, deveras.

**RASGA-BUCHO:** Isso que está mesmo explicado, foi assim como foi, não é?

**ZÉ-CASTIGO:** Demais que é... Porque se não fosse, tinha dado tudo certo.

**LIMINÃO:** O que seria por demais certo, é, sem dúvida, assim nos claros como está...

**ZÉ-CASTIGO:** Certíssimo, como estou aqui em riba das pernas.

**RASGA-BUCHO:** Das pernas.

**LIMINÃO:** É isso...

**CORONEL:** Isso nem mais aquilo, corja de pinguços, beberam e caíram e os tais se sumiram no mato. Tirem as jaquetas e as camisas. Fiquem em fila um detrás do

outro. Peguem os reios! Podem começar.

**LIMINÃO:** O que, pois sim.

**CORONEL:** Vão batendo até eu mandar parar. E logo. Começam a bater devagarinho. Militão, que é o último, bate com fé.

**ZÉ-CASTIGO:** Parada! Desculpa, meu Coronel, mas eu só apanho e não dô.

**CORONEL:** Vira a fila e bate mais forte.

**RASGA-BUCHO:** Parada, meu Coronel. Eu, ficando aqui no meio, já levei couro dobrado. Não há justiça neste castigamento?

**CORONEL:** É justo! Liminão e Zé-Castigo, fiquem de banda! (para Rasga-Bucho) Agora, bata nos dois.

O bate-que-bate degradingola. Eles acabam em luta franca, quase se matando. Param quando caem de cansaço.

**CORONEL:** Agora, salmoura nas feridas. Depois, encham o bernal e sigam na pista da menina e mais o velho, mais o filho da velha. Mais os burreiros também. Vão até o inferno, mas não me apareçam aqui sem toda essa tralha.

**LIMINÃO:** Aqui pra tudo, patrão.

**ZÉ-CASTIGO:** Pronto pra castigar!

**RASGA-BUCHO:** Onde é o fogo? Os jagunços se levantam, um arruma o outro, repetem as filas para passar salmoura, enquanto cantam a Canção da Vida de Jagunço:

**JAGUNÇOS** (cantam):

Nós somos três jagunços  
Nosso chefe é Liminão  
Mas quem paga a jagunçagem  
É o Coronel Militão  
Viva! Três vezes viva

Viva! Três vezes viva  
Viva nosso patrão!

## CENA 11

Oitavo Episódio: Ripió vira Cego

**CONTADOR:** Oitavo episódio  
No qual se verá  
Em seguimento a esta  
emocionante lendagem  
De como, e assim será visto,  
Rosinha, Zileu e Gogão se perdem  
Na rota da caverna da pedra  
furada.  
Veremos também que  
encontrarão um cego  
E, deste encontro,  
Nascerá a descoberta do  
caminho.

Um local na mata. Encruzilhada.

**GOGÃO:** Já rodamos horas e horas e acabamos dando de encontro nas paragens parecidas, sempre as mesmas.

**ZILEU:** Eu, por mim, arriscava dizer que a gente deu de se perder.

**ROSINHA:** Já olhou bem certo nos mapas, seu Gogão?

**GOGÃO:** É certo e claro que olhei, peçonha do tinhoso! Esse mapa está errado.

**ZILEU:** Ou, então, o senhor não soube ler certo o caminho.

**GOGÃO:** Demos de andar onde estava marcado. Se quiser, leia você, se puder.

**ZILEU:** Vamos seguir em nova tentativa, às vezes erramos um pouco. E seguem pela trilha em frente. Parado no meio da estrada está um ceguinho. Os três param.

**ZILEU:** Olhe lá!

**GOGÃO:** Parece que é cego...

**ZILEU:** De nada pode servir.

**ROSINHA:** Mas de alguma coisa deve saber.

Os três descem dos cavalos e se aproximam do homem que permanece sentado, descansando.

**ZILEU:** Boas, meu senhor!

**GOGÃO:** Somos de paz.

**ROSINHA:** Estamos perdidos neste mato...

**GOGÃO:** Quem é o senhor?

**CEGO/RIPIÓ:** Como vai, gente boa?

**GOGÃO:** Quem é o senhor?

**CEGO/RIPIÓ:** Sou um cego andejo, que vive por estas bandas. E vocês, quem são?

**ZILEU:** Somos três viajantes. Buscamos um tesouro.

O cego ri.

**GOGÃO:** Quem sabe, senhor cego, vós podeis nos ajudar?

**ROSINHA:** Procuramos um tal Fazendão. Nos ajude, meu sinhô.

**CEGO/RIPIÓ:** Um tal de Fazendão?

**GOGÃO:** O senhor conhece por estas bandas, um tal de Fazendão?

**CEGO/RIPIÓ:** Conheço um que vive cheio de cego, e tem um tal de Coronel...

**GOGÃO:** Vamos logo, seu ceguinho, pra que rumo fica esse tal?

**CEGO/RIPIÓ:** Sigam em frente, só entrem na estrada quando avistarem uma roça de algodão. Mas, cuidado que lá é terra de cego, e em terra de cego, quem tem um olho é rei.

**ROSINHA:** Que Deus nos ajude.

**ZILEU:** Vamos embora! A pista parece certa.

Os três montam em seus cavalos e saem à procura do tesouro que está no Fazendão.

O cego pega a viola e, com ares de satisfação, começa a cantar a Canção do Cego/Ripió.

**CEGO/RIPIÓ** (canta):

Cada qual no seu caminho  
Eu também já tenho o meu  
Vou andando devagarinho  
Pra chegá onde vou eu.

Aproximam-se três cavaleiros.

**LIMINÃO:** Boas, meu sinhô. Mora nestas paragens?

**CEGO/RIPIÓ** (cantando):

Andando devagarinho,  
Vou seguindo o meu caminho...

**RASGA-BUCHO:** Conhece este lugar, então?...

**CEGO/RIPIÓ:** Si cunheço? Até demais!

**ZÉ-CASTIGO:** Procuramos um tal Fazendão Santa Luzia, que parece ser nestas paragens.

**LIMINÃO:** Será que vossa sinhoria pode ajudar estes jagunços?

**CEGO/RIPIÓ:** Posso sim, meu sinhô.

Deixe vê... Fazendão Santa Luzia...  
Ah, é só segui em frente, por ali, sempre em frente. Quando avistá uma porteira, é lá o tal Fazendão.

**LIMINÃO:** Galope, minha gente!  
Os três cavaleiros saem na disparada, gritando.

**CEGO/RIPIÓ:** Olhe que foram e nem agradeceram. Também, não sei se seria certo agradecer a informação de um cego que bem podia ter-se enganado de direção.

**CEGO/RIPIÓ** (canta):

Cada qual no seu caminho  
Eu também já tenho o meu  
Vou andando devagarinho  
Pra chegá onde vou eu.

## CENA 12

Chegada ao Fazendão

**CONTADOR:** Rosinha, Zileu e Gogão

Iniciam uma porção de acontecimentos terríveis, Jamais vistos e vividos.

Primeiro, vamos ver a chegada

em um fazendão  
Perdido no meio do sertão  
Que, nos mapas e nos escritos,  
Era o ponto marcado "xis".

**CONTADOR:** E mais,  
De como pedirão emprego ao  
capataz caolho.  
E mais,  
Que aparecerá um retratão  
maldito.  
E mais,  
Que haverá a mais extraordinária  
festa,  
A qual se possa imaginar.  
E mais,  
Que verão jagunços cegos e um  
garimpeiro.  
E mais que mais,  
Que só vendo para acreditar.  
Uma roça de algodão, tendo ao  
fundo uma casa negra de  
fazenda. Entram os três num  
canto da cena.

**GOGÃO:** Demos, sem dúvida, de  
chegar certo. Este deve ser o tal  
Fazendão de Santa Luzia do qual  
fala o escrito.

**ROSINHA:** O que mais dizia o indicado?

**ZILEU:** Se bem me lembro, estava  
escrito de que aqui  
encontraríamos indicação certa  
de onde estava o tesouro. E tinha  
aquele verso...

**GOGÃO:** O que será tem de ver o  
verso com o tesouro... (lê)  
"Em terra de cego  
Quem tem um olho é rei  
Um dia terei dois olhos  
E mais do que rei serei.  
Procurar o caminho  
É de fácil solução  
Desde que procure  
Bem no olho do patrão  
Todo tesouro escondido  
Não se alcança fugindo do

perigo."

**ROSINHA:** Por que será que meu pai  
assim deixou escrito? Bem que  
seria mais fácil um indicado claro,  
que este, assim, é confuso.

**GOGÃO:** Foi pra atrapalhar a vida da  
gente!

**ZILEU:** Eu acho que foi na intenção de  
fazer a gente dar mais no  
pensamento e achar de modo  
mais perfeito.

**ROSINHA:** Pode ser que, assim, seja  
mais certo.

**GOGÃO:** Estamos no Fazendão. Vai ver  
que vamos ter que arrancar o  
olho do patrão pra dar de  
encontro com o tesouro. Enfim,  
todo o sacrifício será  
recompensado.

**ZILEU:** Quem é essa gente?

**GOGÃO:** São lavradores.  
Vêm os camponeses cantando.  
Vêm em fila, um segurando no  
outro, pois são todos cegos.  
Vestem-se de andrajos. São  
magros e amarelos e estão com  
vendas de pano preto cobrindo  
os olhos. Cantam Canção dos  
Cegos Indo pro Eito.

**CEGOS (cantam):**

Toca para o eito  
Ei lá, ei lá...  
Nascer pra comer pouco  
É a sina do sujeito  
No eito daná louco  
Com bandulho insatisfeito  
Toca para o eito  
Ei lá, ei lá  
O mundo já está feito  
Afeito e refeito  
Então não tem mais jeito  
Toca pro eito  
Nessa vida tudo morre  
Morre bicho, morre flor  
Nós também vamos morrer

Morre riso, morre amor  
Nós também vamos morrer  
Então toca companheiro  
Toca pro eito  
Toca pro eito  
Ei lá, ei lá.  
Os cegos chegam no eito e  
começam a trabalhar em silêncio.  
Num canto da cena, os três.

**GOGÃO:** Que aconteceu mais  
diferente! São todos cegos...

**ZILEU:** Mas têm tanto costume da  
enxada que nem precisam de  
visão.

**ROSINHA:** Que gente mais triste!

**GOGÃO:** Vamos perguntar onde é a  
casa do patrão. Olá!

**CEGO#1:** Quem está?

**GOGÃO:** Uns viajantes de passagem.

**CEGO#1:** É bom desviar seu caminho  
deste lugar, enquanto é tempo.

**GOGÃO:** Este não é o Fazendão Santa  
Luzia?

**CEGO#1:** É aqui mesmo. Desde onde  
se pode andar em cada direção,  
é tudo terra do nosso patrão.

**GOGÃO:** Eu preciso falar com o vosso  
patrão.

**CEGO#1:** O patrão não está. Não vive  
aqui. É melhor que vão embora,  
esta é uma terra de cegos. Os de  
visão não são bem recebidos, só  
trazem desgraça para si mesmos.

**ROSINHA:** É melhor a gente ir embora.

**GOGÃO:** E deixar o já feito por nada?  
Esses cegos não sabem de nada!  
Olha aqui, meu caro, será que a  
gente podia parar um dia ou dois  
nesta terra para descansar da  
nossa viagem?

**CEGO#1:** Acho melhor que os viajantes  
sigam seu caminho. O patrão não  
gosta de gente com visão... Os  
que passam aqui se dão mal  
toda vida.

**GOGÃO:** Não tem um que não seja  
cego por estas bandas?

**CEGO#1:** Só o capataz, é caolho. Ele é  
que vê tudo para o patrão.

**GOGÃO:** E o patrão, onde vive?

**CEGO#1:** Dizem que num lugar muito  
longe daqui, na beira do mar, tão  
longe que nem se andando um  
ano se chega.

**ZILEU:** A gente podia dar uma  
conversa com o capataz?

**CEGO#1:** Poder pode, mas aconselho  
a darem no pé de volta, e  
sumirem neste mundo.

**ROSINHA:** Por que os daqui todos não  
tem visão?

**CEGO#1:** O que se conta é que, no  
tempo de dantes, vieram  
trabalhar nesta fazenda umas  
famílias de cegos... E todos os  
filhos nasceram cegos e os netos,  
mais os bisnetos e mais nós agora  
e por diante, nossos filhos...

**GOGÃO:** Que fenômeno mais  
extraordinário!

**ZILEU:** Acho melhor a gente mudar de  
rumo e pensar outra coisa.

**ROSINHA:** A gente perde o rumo do  
caminho de meu pai.

**GOGÃO:** O que tem acontecido às  
gentes com visão que  
encontraram por aqui?

**CEGO#1:** O certo, ninguém sabe, mas  
se fala muita coisa. Uns dizem que  
morrem, outros que ficam cegos.  
Muitos causos se contam, mas a  
gente não sabe ao certo. Vão de  
uma vez que é melhor.

**GOGÃO:** Estou concordando também  
que seria melhor a gente sair  
daqui.

**ZILEU:** Me deu na cabeça que a gente  
podia dar um jeito de ficar aqui  
uns dias.

**ROSINHA:** O qual é?

**ZILEU:** Se a gente fosse cego também?

**GOGÃO:** Mas não somos.

**ZILEU:** Mas a gente pode fingir. É só eles não falar.

**CEGO#1:** Por nós, se é assim que querem, podem ter confiança que ninguém fala nada. Vem um outro cego e cochicha no ouvido do Cego#1.

**CEGO#1:** A gente não fala nada e até ajuda. Mas, em troca, vão ter que fazer uma coisa que a gente pedir.

**GOGÃO:** Dinheiro não tem.

**CEGO#1:** O que é isso?

**GOGÃO:** Então, não sabe o que é dinheiro?

**CEGO#1:** Não. E como não sabemos, não é isso que vamos pedir. O que queremos, depois saberão.

**ZILEU:** Então, toca a se fantasiar de cego pra falar ao capataz.

**CEGO#1:** Tomem cuidado, que se alguma coisa acontecer, nós não poderemos ajudar em nada. O cego que cochichou reúne os outros e combina alguma coisa. Fazem um burburinho de aprovação e riem em pouco.

**GOGÃO:** A gente diz que somos pedintes... E tomem cuidado pra não deixar perceber que não somos cegos.

**ZILEU:** A gente conta que ouviu dizer que aqui se dava trabalho aos cegos.

**CEGO#1:** Hoje é um dia de festa... É o dia do patrão, logo mais à noite vai ter os festejos. Prestem bem atenção em tudo o que vai acontecer, pois nosso pedido tem coisa com o que se vai passar.

**GOGÃO:** Vamos vendiar os olhos, mas com jeito pra espiar por baixo. Quem é que vai levar a gente ao

capataz?

**CEGO#1:** Eu mesmo... Vamos!

## CENA 13

Décimo Episódio

**CONTADOR:** Décimo episódio,  
No qual voltamos a encontrar  
Liminão e seus jagunços  
Que não desistem da procura por  
nada deste mundo.  
Onde veremos que,  
Após encontrar a caverna da  
pedra furada,  
Seguirão também para o  
fazendão dos cegos.

Na caverna da pedra furada.

**RASGA-BUCHO:** Não há dúvida que o  
rastros vinha até aqui.

**ZÉ-CASTIGO:** Que diacho teriam os  
danados encontrado aqui?

**RASGA-BUCHO:** Abrigo, ao de certo. É  
um lugar bem escondido.

Na frente da casa do capataz.

**CEGO#1:** É por aqui que mora o  
capataz.

**GOGÃO:** Aqueles são presos? Por  
quê? (olha os gemidos por baixo  
da venda)

**CEGO#1:** Não é boa hora de fazer  
perguntas. Vou chamar o  
capataz.

**GOGÃO:** Aí que eu me borro todo.  
Cuidado, vocês dois, que senão a  
gente acaba ali preso, igual a  
eles.

**CEGO#1:** Seu Ciclópico! Ó seu Ciclópico!  
Ó de casa!  
Aparece o enorme homem com  
um olho vendado e uma cara de  
mau.

**CICLÓPIO:** O que é que vem fazer na  
casa grande, deixando o eito de  
lado? Quem são esses aí?

**CEGO#1:** São três viventes que se  
achegaram para estas bandas,

em busca de trabalho. Disse que ouviram que aqui davam trabalho aos cegos.

**CICLÓPIO:** Ah, muito bem! Não vivo eu dizendo a todos vocês que se não tivessem um patrão tão jovem e tão belo e generoso iam morrer de fome? Ninguém quer saber dessa raça assombrada que não pode enxergar o mundo... De onde vem essa gente?

**GOGÃO:** De muito longe, atrás da serra. Andarilhamos quase trinta dias e trinta noites pra chegar por aqui.

**CICLÓPIO:** E como souberam chegar por aqui?

**GOGÃO:** Demos de ouvir falar.

**CICLÓPIO:** Quem falou?

**GOGÃO:** Um outro cego que encontramos na estrada.

**CICLÓPIO:** Mau, mau, mau... Estamos ficando conhecidos... Pois emprego tem, que o patrão dá trabalho a todo mundo. Desde que sejam cegos. São parentes?

**GOGÃO:** São meus filhos.

**CICLÓPIO:** Pois podem ficar. Mas quero que saibam qual é a lei aqui. Ali tem um tronco... Para que saibam, é um lugar de prender o pé, mão e pescoço e ficar de pança ao sol até secar bem sequinho, sem água e sem comida. Isso é pra quem amolece no eito. Quem rouba semente e vai fazer roça no mato por conta própria. Tenho um olho só, mas está olhando tudo e sempre. Pra vocês, que não têm nenhum, não se façam de besta que o castigo é duro! Se ficam aqui, podem catar madeira, barro e capim na mata pra fazer casa.

**CICLÓPIO:** Comida é aqui que tem, no

armazém, e só se come o que se dá. Uma vez se come, o resto trabalha pra merecer a vida e dar honra ao patrão. E chegaram num dia muito especial de bom. Hoje é o dia da festa do patrão. Logo mais, à noite, haverá canto e dança. A menina também pode vir, viu ceguinha? Leve os três para o eito pra conhecer a lidança. Ah, e antes que me esqueça, não quero uma palavra entre os cegos novos e a cegaiada velha que está aí. Se pegar, o tronco e o pau estão esperando. Podem ir.

Os quatro se afastam.

**CICLÓPIO** (batendo com um reio, um pouco, nos presos): Toma seus danados, vão aprender a criar galinha escondido do patrão.

**PREPOS:** Piedade Deus... Ai meu lombo... Nossa Senhora!

**CICLÓPIO:** Pode esgoelar de chamar quem quiser na terra ou no céu! Aqui o Deus e a Nossa Senhora são nosso santo patrão e como eles estão no céu, no lugar deles fico eu.

## CENA 14

Começa a Festa do Patrão  
Desce um cartaz. Começa a festa do patrão. Todos os cegos reunidos. Zileu, Gogão e Rosinha também. Vem Ciclópio, todo vestido de gala. Os cegos cantam na chamada de Ciclópio: Canção do Patrão.

**CICLÓPIO** (canta):

Seus cegueiros imundos, danados  
e vagabundos

Me respondam que dia é hoje?

**CEGOS** (cantam):

Dia de festa, de respeito e  
diversão

É o santo dia, do nosso patrão.  
**CICLÓPIO** (canta):  
Quem é o mais bom e mais justo  
e mais certo?  
**CEGOS** (cantam):  
É o nosso santo patrão!  
**CICLÓPIO** (canta):  
Quem manda, enxerga e vigia?  
**CEGOS** (cantam):  
É o nosso santo patrão!  
**CICLÓPIO** (canta):  
Desde muitos anos e muitos dias,  
Neste mesmo dia do ano se faz  
esta festa.  
Que sempre é do comando de  
quem?  
**CEGOS** (cantam):  
Do seu Ciclópio, nosso santo  
capataz!  
**CICLÓPIO** (canta):  
E, antes de mim, foi outro  
E, antes de antes do outro,  
E, antes de antes de antes,  
Inda foi outro,  
Sempre de um olho só.  
**CEGOS** (cantam):  
De um olho só  
Mas tudo vê  
Vê tudo que a gente faz  
Esse um sempre foi sempre  
Nosso santo capataz.  
**CICLÓPIO** (canta):  
Seus cegueiros imundos,  
Danados e vagabundos,  
Pra quem não enxerga,  
Onde é que termina o mundo?  
**CEGOS** (cantam):  
Termina logo além da cerca  
Quem sair não volta mais  
Ficará sempre perdido  
No poder do Satanás!  
**CICLÓPIO** (canta):  
Então, viva nosso patrão!  
**CEGOS** (cantam):  
E também o capataz!

**CICLÓPIO**: Vamos continuar a festança.  
Como é sabido, neste santo dia, o  
patrão não quer ninguém no  
tronco, nem no pau. Pode soltar  
os prendidos.  
O pessoal solta.  
**CICLÓPIO**: E agora, vamos entrar no  
ponto mais importante do festejo.  
Tragam o retratão.  
Vêm dois cegos trazendo um  
enorme retrato de corpo inteiro  
de um latifundiário: baixo, feio,  
balofa, subdesenvolvido, fim de  
raça, etc. Colocam de um lado.  
Todos murmuram.  
**CICLÓPIO**: Como em cada festa, em  
cada dia, de cada ano, eu vou  
ter a honra e a alegria de contar  
a todos os infelizes sem visão,  
como é a figura grandiosa do  
nosso grande e santo patrão! Ah,  
se vocês e sua corja pudessem  
dar pelo menos com meio olho  
neste maravilhoso retrato!  
Começa.  
Cegos e Ciclópio cantam a  
Canção do Retratão I.  
**CEGOS** (cantam):  
Não vemos essa nobre cara  
Essa nobre cara  
Pois nossa vista está coberta de  
um véu  
Nos alumeia, nos alumeia  
Nos alumeia com seu olho só...  
Como é nosso patrão?...  
**CICLÓPIO**: É alto como um gigante,  
quem é, quem é?  
**CEGOS**: É o nosso santo patrão.  
**CICLÓPIO**: É forte, esguio e altivo,  
quem é, quem é?  
**CEGOS**: É o nosso santo patrão.  
**CICLÓPIO**: Tem o rosto como o dos  
anjos, quem é, quem é?  
**CEGOS**: É o nosso santo patrão.  
**CICLÓPIO**: Um sorriso de amor e

bondade, quem é, quem é?  
**CEGOS:** É o nosso santo patrão.  
**CICLÓPIO:** Um olhar de santidade,  
quem é, quem é?  
**CEGOS:** É o nosso santo patrão.  
**CICLÓPIO:** Tem no mundo vivente mais  
perfeito?  
**CEGOS:** Ter é que num tem não!  
**CICLÓPIO:** Por isso, damos graças a  
Deus!  
**CEGOS:** Dele ser nosso patrão!  
**CICLÓPIO:** Viva o santo nome do  
Coronel Romilo Sá de  
Albuquerque Rêgo de Alcântara!  
**CEGOS:** Viva, reviva, treviva!  
**CICLÓPIO:** Viva o nome do santo  
capataz Ciclópio Santo dos  
Bispos!  
**CEGOS:** Viva e reviva!  
**CICLÓPIO:** Viva o santo tronco que  
conserta o mal e só faz o bem de  
todos.  
**CEGOS:** Viva!  
**CICLÓPIO:** E agora, bebida para a  
cegaiada toda, mais dança e  
canto pra quem quiser, pois  
mandei vir um cego musicista  
com sua viola, para alegrar o dia  
do patrão.  
**CEGO/RIPIÓ** (canta Canção do  
Mestre Inácio):  
Aqui estou,  
Meus iguais de infortúnio  
Sou o cego Mestre Inácio  
Cantador e tocador  
Quando chego numa festa  
O povo muda de cor  
Sou filho de Malaquias  
Neto sou de João Ubaldo  
Primo irmão de Ananias  
Sobrinho de Aderaldo.  
**CEGO/RIPIÓ:** Esse é quem foi mesmo  
na verdade o rei dos cegos.  
Quando meu tio abraçava a  
viola e cantava e desafiava na

roda mais sabida, ninguém mais  
piava.  
Zileu, Gogão e Rosinha  
conversam num canto.  
**ZILEU:** É o cego que topamos na  
estrada.  
**GOGÃO:** Se ele descobre a gente,  
vamos se dar de mal a pior!  
**ROSINHA:** Se a gente não fala, ele não  
conhece.  
**GOGÃO:** Então, é ficar de bico  
fechado.  
**ROSINHA:** Acho que não pagou a  
pena vir na busca do tesouro.  
Parece que não vamos mais  
adiante na busca.  
**ZILEU:** Tenha fé que a gente ainda dá  
com ele quando menos esperar.  
**GOGÃO:** Fica quieto que o Ciclópio  
vem aí...  
Vem Ciclópio se arrumando todo.  
**CICLÓPIO:** É muito bonitinha. Quer ter  
a honra de dançar comigo?  
**GOGÃO:** Ela tem muita honra sim!  
**ZILEU:** Não...  
**CICLÓPIO:** O quê?!  
**GOGÃO:** Ela tem a honra, sim.  
**CICLÓPIO:** Então vamos, ceguinha.  
(grita) Oh, cego do inferno, puxa  
uma dança pra todos, que o  
baile vai começar.  
**CEGO/RIPIÓ:** É pra já, meu  
patrãozinho!

## CENA 15

Começa o baile: O capataz dança...  
Começa a tocar e cantar uma dança.  
Os cegos bebem e dançam. Zileu  
morde os lábios de raiva, Gogão o  
acalma, enquanto Ciclópio dança e  
bebe. Logo aperta a boca de Rosinha  
e a levanta nos braços e carrega com  
ela pra dentro da casa da fazenda.  
Zileu corre em cima, mas Gogão o  
segura. Logo o cego cantador entra

atrás de Ciclópio e da menina na casa. Zileu rola no chão, lutando com Gogão. Logo Zileu se solta e corre para a casa. Topa com Rosinha que vem saindo meio assombrada.

**ZILEU:** Filho da peste. O que ele te fez?

**ROSINHA:** Nada.

**ZILEU:** Mas ele levou você pra dentro.

**ROSINHA:** Pois fiquei apavorada. Logo que ele me botou no chão, deu uma risada. Eu, então, sai correndo por um corredor, mas ele não veio atrás. Levantei a venda dos olhos e voltei: ele estava carrapachado na rede dormindo.

**ZILEU:** Dormindo?

**ROSINHA:** Dormindo.

**GOGÃO:** Foi melhor assim.

**ZILEU:** Não entendo como ele foi dormir de uma hora pra outra.

Enquanto falam, sai ao fundo o cego com o violão arrebetado. Joga o violão de lado e se aproxima.

**CEGO/RIPÍÓ:** Estou conhecendo essas vozes. Raios me partam se não são os amigos que topei na estrada, há uns vinte dias. Como vai a mocinha? Como estão, gente boa?

**GOGÃO:** Não somos não.

**CEGO/RIPÍÓ:** Somos sim, como não! Somos nós mesmos. Como vai mocinha e você, meu rapaz? Como vieram parar aqui neste fim de mundo? E agora eu os encontro nesta festa de cegos. Que coisa mais extraordinária!

Vem uma comissão de quatro cegos.

**CEGO#1:** Olá vocês três, está na hora de pagar nossa ajuda. O capataz bebeu demais e foi dormir. Os cegos estão esperando.

**GOGÃO:** O que estão esperando?

**CEGO#1:** Todos querem saber a

verdade: como é o retratão do patrão. Está aqui pra vocês dizerem pra gente.

**ZILEU:** Por quê?

**CEGO#1:** Porque nosso patrão é ele que manda botar no tronco, bater, matar de fome e que só manda plantar coisa que não se come, tendo tantas terras em volta, mas deixa os cegos morrer de fome, não dá remédio, não pode ser assim, como desde sempre foi contado.

**ROSINHA:** Na verdade, não é não.

**CEGO#1:** Espere que vou pedir silêncio e depois diga como é, então, o retrato do patrão. (aos cegos) Silêncio, minha gente, que o Ciclópio está dormindo. Pode contar moça, todos estão na escuta.

Faz-se grande silêncio. Rosinha fala bem baixo.

**ROSINHA:** Pois vou contar...

Rosinha e Cegos cantam a Canção do Retrato II.

**CEGOS (cantam):**

Não vemos essa nobre cara  
Essa nobre cara  
Pois nossa vista está coberta de véu  
Nos alumeia, nos alumeia  
Nos alumeia com sua visão  
Como é nosso patrão?

**ROSINHA (canta):**

É baixo como que nem um anão.

**CEGOS (cantam):**

O carrasco do patrão?

**ROSINHA (canta):**

É gordo que nem um capão.

**CEGOS (cantam):**

O porco do nosso patrão!

**ROSINHA (canta):**

Tem a cara muito feia.

**CEGOS (cantam):**

O diabo do nosso patrão?

**ROSINHA** (canta):

Um olhar de jagunço assassino.

**CEGOS** (cantam):

O triste do nosso patrão.

**ROSINHA** (canta):

Um sorriso de maldade.

**CEGOS** (cantam):

O doente do nosso patrão.

**ROSINHA** (canta):

Enfim, nunca botei os olhos  
Num homem tão feio e terrível.

**CEGOS** (cantam):

É o nosso patrão?!  
O cego músico vai até o retrato,  
tateia, encontra o olho, fura-o.

**CEGO/RIPIÓ** (canta):

Tem o olho de galinha.

**CEGOS** (cantam):

O nosso santo patrão.

**CEGO/RIPIÓ** (canta):

Pescoço de abobrinha.

**CEGOS** (cantam):

O nosso santo patrão.  
Os cegos avançam no retrato e  
vão rebentando tudo e  
cantando. Num canto, ficam  
Zileu, Rosinha e Gogão.

**ZILEU** (canta):

Olha lá.

**CEGOS** (cantam):

O nosso santo patrão.

**ROSINHA** (canta):

Que foi?

**CEGOS** (cantam):

O nosso santo patrão.

**ZILEU** (canta):

No olho furado do retrato,  
Está aparecendo uma tira de  
papel.

**CEGOS** (cantam):

O nosso santo patrão.

**GOGÃO** (canta):

E isso é o verso no olho do patrão.  
(vai até lá e pega)

**CEGOS** (cantam):

O nosso santo patrão.

**ROSINHA** (canta):

É a continuação do mapa.  
(abraça Zileu)

**CEGOS** (cantam):

O nosso santo patrão.

**ZILEU** (meio sem graça): Agora, está  
tudo bem.

Rosinha percebe que estava  
abraçada e se solta. Vem Gogão  
e os cegos continuam a festa.

**CEGO/RIPIÓ**: Como é, seu mascate. O  
que é que o senhor tirou lá do  
retrato?

**GOGÃO**: Nada que lhe interesse.

**CEGO/RIPIÓ**: Se precisarem de mim,  
estou por aí.

**GOGÃO** (lê): "Quem encontrar esta,  
sabente de que a situação deste  
povo não mudará pelos anos.  
Fica aí escondido pra quem  
quiser de encontrar este escrito, o  
segredo deste fazendão que é  
triste mas trará alegria a muita  
gente, assim como um tesouro  
escondido que aqui mesmo se  
encontra. Antes, é preciso que se  
conte a grande verdade.  
Ninguém aqui é cego, apenas  
são vendados desde o  
nascimento e o capataz coloca  
cera nos olhos. Faz isso a mando  
do patrão, para que nunca  
vejam a miséria em que vivem e  
continuem acreditando que a  
única salvação é o santo patrão.  
Assim é desde muito tempo, de  
pai para filho, o patrão é sempre  
o patrão. O capataz é sempre  
caolho e os lavradores são filhos  
dos cegos. Até que se diga a  
verdade, pois serão precisos todos  
para encontrar o tesouro. Pois ele  
está enterrado"...

GOGÃO: Está meio rasgado o papel.  
ZILEU: Precisamos dar a boa nova aos cegos!

ROSINHA: E o capataz?

CEGO/RIPIÓ (que estava escondido):  
Está amarrado na rede.

GOGÃO: Você estava aí, seu danado de uma figa.

Entram os cegos com o retrato furado.

CEGO/RIPIÓ: Cheguel agora...

ZILEU: Vamos contar aos cegos a descoberta.

GOGÃO: Deixa que eu falo. Peça silêncio.

ZILEU: Silêncio de novo, gente. Tem uma nova para ser ouvida.

CEGO/RIPIÓ (canta Canção de Silêncio):

Faz silêncio minha gente  
Faz silêncio neste instante  
Vamos ouvir notícia urgente  
Que é muito importante

(falando) Tem a palavra o mascate Gogão.

GOGÃO: Meus respeitáveis amigos cegos. Uma coisa muito importante foi descoberta por mim e fará mudar muito o rumo de vocês. Peço apenas que, depois que lhes der a notícia, todos se proponham a me ajudar a encontrar um enterrado que está na fazenda. E agora, tirem as vendas, molhem os olhos com panos d'água e eu vou fazer um milagre acontecer.

CEGO#1: É preciso fazer tudo isso? Todos sabem que não devem tirar as vendas dos olhos, que dá uma ferida braba que come a cara inteira.

ROSINHA: Podem tirar, sim. Por confiança no meu pai, que deixou uns escritos, sabemos a

verdade sobre esta terra de cegos.

CEGO/RIPIÓ: Acho melhor ouvir a mocinha e fazer o que ela diz.

CEGO#1: Deixe então só eu tirar. Se não acontecer nada, os outros vão atrás.

Rosinha vai até ele, tira a venda, molha um pano e vai removendo a cera e termina.

ROSINHA: Abra os olhos devagar, quem nunca viu luz pode deslumbrar de tanto brilho.

CEGO#1: Vou abrir... Então é assim, meu Deus... (grita chorando) Vamos minha gente, venham comigo ver o mundo, que se deu um milagre.

Todos correm a fazer o mesmo.

CEGO/RIPIÓ: Toca buscar o Ciclópio, antes que ele venha estrogar a festança do milagre.

CEGO#1: Vamos, gente, buscar o danado do Ciclópio.

CEGO#2: Vamos dar o gosto do tronco ao desalmado.

CEGO#3: Melhor é matar de uma vez. Ciclópio é trazido com rede e tudo.

CICLÓPIO: Que é que se deu? Santa Maria, Cruz credo em Deus padre, Santo Patrão. Isto virou um inferno, só vejo alma penada em torno de mim!

CEGO#1: Alma penada é a sua, e a do santo patrão. Um milagre se deu a gente passou a ver as coisas do mundo. Agora são dois olhos de cada um contra esse seu olho donado.

CICLÓPIO: Me soltem, seus cegos danados, que eu pego um por um e dou o merecido.

CEGO#1: Vai pegar mais ninguém e nunca mais. Ficamos toda vida no escuro, por vosso trabalho na

nossa vista. Mas agora vendo tudo e mais de sobra uma bruta vontade de ver e apreciar e mais entender tudo de novo. O que fazemos com ele?

**POVO:** Mata, esfola, capa, tira o couro, bate nele, fura o outro olho, mete cera nele, o tronco, o tronco, o tronco...

**CEGO#1:** É melhor que, de acordo com a vontade da maior parte, se bote ele no tronco a fim de experimentar o castigamento que sempre houve de dar pra nós no tempo da cegueira. Ponha ele no tronco.

**CICLÓPIO:** Seus danados. (liberta-se e enfrenta o pessoal)

É vencido pela maioria e o colocam no tronco. Apanha com galhos das mulheres. Jogam pedras. De repente, ouvem-se tiros. Todos se escondem.

## CENA 16

Os jagunços entram na dança  
Três jagunços entram atirando para o alto.

**LIMINÃO:** Parada! Que ninguém se mexa, senão vai bala em toda direção.

**ZÉ-CASTIGO:** Olha lá os burreiros e a menina.

**GOGÃO:** Pelo amor de sua mãe e da santíssima, não me mate!

**RASGA-BUCHO:** Pois se depois desse tempão a gente volta a se encontrar.

**LIMINÃO:** Separa os nossos desse resto. Zé-Castigo separa.

**LIMINÃO:** Amarra bem, que desta vez ninguém escapa. Dá uma olhada e vê se o filho da velha está por aí.

**RASGA-BUCHO:** Que conheça, tá não.

**LIMINÃO:** Que é que faz este homem amarrado? Pelo semblante, parece ser pessoa de bem.

**RASGA-BUCHO:** Verdade, parece muito distinto.

**LIMINÃO:** Que é que faz aí preso, bom homem?

**CICLÓPIO:** Sou o capataz desta fazenda. Esses danados lavradores me prenderam aqui e querem acabar comigo e com a lei do patrão. Soltai este homem de bem, meus salvadores!

**LIMINÃO:** Quem é o seu patrão?

**CICLÓPIO:** É o santo Coronel Romílio Sá de Albuquerque Rêgo de Alcântara.

**LIMINÃO:** Pois nós somos jagunços do Coronel Militão Buarque Correia de Melo Brito. Estamos aqui prendendo estes dois burreiros e a menina, por ordem do Coronel. Rasga, solte este nosso companheiro. Gente de bem ajuda gente de bem. E até pode ser que o Coronel patrão dele seja amigo e parente do nosso Coronel.

**CICLÓPIO:** Agora, seus danados, vocês me pagam. Vou com eles defendido até o santo patrão e volto com mais gente pra me ajudar. Na volta a gente acerta.

**LIMINÃO:** Melhor é matar de uma vez os burreiros e só levar a menina.

**ZÉ-CASTIGO:** Taí uma medida boa. Os jagunços levantam as armas. Nisso, entra um garimpeiro, com as mãos cheias de pepitas de ouro.

**GARIMPEIRO/RIPIÓ:** É ouro, minha gente, na flor da terra. Tem para todos, é só pegar e ficar rico. Tem ouro que não acaba mais.

**GOGÃO:** O tesouro!

**LIMINÃO:** Ouro na flor da terra... Toca,

minha gente danada, no galope!  
Saem em disparada. Ciclópio corre  
atrás. Gogão hesita entre os dois  
grupos, pois o outro correu para o  
lado oposto e acaba seguindo os  
jagunços. O garimpeiro joga as  
pepitas fora e vai, calmamente,  
encontrar os jagunços.

### CENA 17

Ripió vira Cangaceiro

Os jagunços procuram o ouro.

**LIMINÃO:** Onde se meteu o ouro que  
estava à flor.

**RASGA-BUCHO:** Talvez cavando um  
pouco...

**GOGÃO:** Talvez se olhando ali mais  
embaixo.

**LIMINÃO:** Já olhei, não estava.

**GOGÃO:** Tem que estar, é o tesouro.

**LIMINÃO:** Você já estava sabendo  
deste ouro?

**GOGÃO:** Pois foi atrás dele que  
cheguei aqui.

**ZÉ-CASTIGO:** Veja só, ouro nenhum.  
Será aqui mais acima?

**GOGÃO:** Já escrafunchei...

**LIMINÃO:** Só se...

**RASGA-BUCHO:** Só se...

**ZÉ-CASTIGO:** Só se...

**GOGÃO:** Só se...

**LIMINÃO:** Só se o garimpeiro deu de...

**RASGA-BUCHO:** Deu de...

**GOGÃO:** Deu de o quê, pois não?

**CICLÓPIO:** De mentir e enganar a  
gente.

**LIMINÃO:** Canalha miserável, filho da  
peste!

**RASGA-BUCHO:** Reboque de Igreja,  
sapiquá de lazarento.

**ZÉ-CASTIGO:** Muro de igreja, corrimão  
de escada de quartel.

**CICLÓPIO:** Nojento, desgraçado,  
vagabundo.

**GOGÃO:** Filho da mãe, filho da égua,

sacripanta, filho do Satanás.

Onde é que já se viu dar engano  
numa coisa desta. Se eu pego  
esse miserável, torço a cabeça,  
depois joga no rio. Vê lá se isso é  
possível!

Todos olham para ele como que  
achando que ele não é do  
bando.

**GOGÃO:** Filho da égua, eu bem que  
queria pegar o danado. Nós  
precisamos fazer alguma coisa.  
Vamos, nobres jagunços e  
também o senhor, seu capataz,  
correr atrás do tal e pegar para  
dar o justo castigo. Que se não  
pego ele hoje, não durmo.

**LIMINÃO:** É o fim?

**GOGÃO:** Fim nada. Fim só depois de  
pegar o tal garimpeiro.

**LIMINÃO:** Acabou de fazer o seu  
discurso?

**GOGÃO:** Tinha mais o que falar, mas já  
todos estão sabendo.

**RASGA-BUCHO:** Pois é...

**ZÉ-CASTIGO:** Pois é...

**LIMINÃO:** Pois é...

**CICLÓPIO:** Pois é...

**GOGÃO:** Pois é... Pois é o quê, pois  
não?

**LIMINÃO:** Rasga, joga uma corda aí na  
árvore.

**ZÉ-CASTIGO:** Dê um laço primeiro.

**GOGÃO:** Se quiser, eu sei dar laço  
forte, tô acostumado a fazer  
embrulho.

**LIMINÃO:** Pois pode dar o laço. E faça  
bem forte, pra que agüente um  
porco gordo.

**GOGÃO:** É pra já.

**CICLÓPIO:** Deixe que eu amarro na  
árvore.

**LIMINÃO:** Zé, traga aquele tronco.

**GOGÃO:** Está bem forte o laço?

**LIMINÃO:** Você é quem vai saber.

**GOGÃO:** Eu?

**LIMINÃO:** Pois então se meteu no meio dos jagunços e do capataz e pensou que ia sair vivo daqui? Inda mais que os outros escaparam. Vou descontar toda raiva em você, seu burreiro. Levem ele.

**GOGÃO:** Ave Maria, cheia de graça... Não me mate... Pelo amor de vossos filhos.

**LIMINÃO:** Aqui ninguém quer mordê Deus não. Pronto, então vai, empurra o tronco.

**GOGÃO:** Santa Rita dos Afogados! Vem da mata dois tiros, e logo atrás, o mais temível cangaceiro que se possa imaginar, armado até às gengivas, com duas garruchas em cada mão.

**CANGACEIRO/RIPIÓ:** Qual é o perigo?

**LIMINÃO:** Quem é você, cabra?

**CANGACEIRO/RIPIÓ:** O que é que estão fazendo na minha mata? Não sabem que esta mata pertence ao cangaceiro Pescocinho Taturana?

**ZÉ-CASTIGO:** Pescocinho Taturana?

**RASGA-BUCHO:** O Taturana em pessoa.

**CANGACEIRO/RIPIÓ:** Ao primeiro movimento falso, meu bando está escondido no mato com um trabuco em cima de cada um de vocês. Vou dar um sinal, (assovia; um outro assovio responde) Tá vendo? O estripador já deu o recado que o cerco está feito. Que absurdos são esses de invadir sem mais nem menos minha mata?

**LIMINÃO:** Que muito me perdoe, mas o senhor é mesmo o Pescocinho? O mesmo que tacou fogo na igreja velha, lá na Vila das Dores?

**CANGACEIRO/RIPIÓ:** Taquei fogo na

igreja só, não. Queimei o padre também e fiz o povo comer o churrasco dele.

**LIMINÃO:** É o mesmo que cortou as duas orelhas e o nariz do delegado e da guarnição de Pião Batido?

**CANGACEIRO/RIPIÓ:** Cortei só isso não, cortei mais. Mas o principal o jornal não deu.

**LIMINÃO:** Eu me apresento. Sou Liminão e esses são meus comparsas. Somos jagunços do Coronel Militão.

**CANGACEIRO/RIPIÓ:** Esse caolho aí, quem é?

**CICLÓPIO:** Sou capataz do Fazendão Santa Luzia.

**CANGACEIRO/RIPIÓ:** Não gosto de caolho.

**LIMINÃO:** E este, que está na corda, é um mascate miserável, culpado de vários crimes contra o Coronel e a jagunçagem.

**CANGACEIRO/RIPIÓ:** Cabra ruim está aí. Só que não gosto de morte assim, sem mais diversão. Mata na corda é coisa que me dá gerisa.

**LIMINÃO:** É que a gente estava apressado...

**CANGACEIRO/RIPIÓ:** Pois então, vão se embora que eu mato esse danado.

**CICLÓPIO:** Melhor matar agora mesmo.

**CANGACEIRO/RIPIÓ:** Não gosto de caolho...

**LIMINÃO:** Se a sua senhoria mostrasse um jeito melhor...

**CANGACEIRO/RIPIÓ:** Eu, por mim, gosto de tirar primeiro a pele dos braços e das pernas pra começar e depois momelar de melaço e tacar formiga. E assim deixo três dias, que é boa conta.

**CICLÓPIO:** É que a gente tem que acabar logo com ele, pra voltar.

**CANGACEIRO/RIPIÓ:** Não gosto de caolho.

**LIMINÃO:** Então, a gente dá um jeito de matar ele agora, de uma vez.

**CANGACEIRO/RIPIÓ:** Aqui na minha mata, quem tira a vida sou eu.

**CICLÓPIO:** Então, tira de uma vez.

**CANGACEIRO/RIPIÓ:** Não gosto de caolho.

Cangaceiro/Ripió dá um tiro em Ciclópio, que cai morto.

**LIMINÃO:** Pra falar a verdade, eu também não gostava muito não.

**CANGACEIRO/RIPIÓ:** Vê lá se a gente pode gostar de alguém que tem um olho só e, ainda por cima, a gente nunca sabe certo pra que lado está olhando. Me dá nervoso.

**LIMINÃO:** Então, peço licença e levo o prisioneiro pra matar mais adiante, fora de sua mata, a qual respeito.

**CANGACEIRO/RIPIÓ:** O Senhor Liminão não sei porque anda em jagunçagem. Dava mesmo era para um belo cangaceiro. Jagunço é criado de Coronel, cangaceiro é livre. Pra dar susto até no governo. Não lhe atrai?

**LIMINÃO:** Na verdade, eu já tinha pensado nisso.

**CANGACEIRO/RIPIÓ:** Pois pense... Se quiser, tem uma vaga no meu exército.

**LIMINÃO:** Eu acho que não...

**CANGACEIRO/RIPIÓ:** Tem razão, sua dignidade de chefe não pode ser perdida. Forme o seu bando, que já tem aí dois jagunços que serão grandes cangaceiros, e pra começar pode atacar até seu próprio Coronel, pois conhece a

região muito bem.

**LIMINÃO:** Não podemos não. Somos jagunços do Coronel Militão. Ele não haveria de gostar de saber que deixamos o serviço dele.

**CANGACEIRO/RIPIÓ:** Ah, já sei, já percebi. É um homem muito macho o tal de Coronel Militão.

**LIMINÃO:** Oi lasca, está querendo dizer que eu não sou?

**CANGACEIRO/RIPIÓ:** Virgem Nossa Senhora, nem me passou pela idéia de ofender. Sei que o companheiro é muito por demais macho, também.

**LIMINÃO:** Sei lá o que há de ser.

**CANGACEIRO/RIPIÓ:** Pois se não tem confiança na machidão de seus dois cabras, eu até aconselho a não encetar luta contra o Coronel.

**RASGA-BUCHO:** Olha aqui, ô Pescocinho... Está chamando a gente de ximbungo não, não é?

**ZÉ-CASTIGO:** Não haveria de ser coisa boa que, mesmo tendo bando, muito sangue corria.

**CANGACEIRO/RIPIÓ:** Eu mais meus companheiros de decidido, não me dão desentendimento. Vê lá se ia chamar dois cabras tão valentes e sacudidos de essas coisas. Chamei não. Estou só meio desconfiado do medo que todos têm do tal Coronel.

**LIMINÃO:** Pois fique sabendo que eu mais os dois aí não temos medo de Coronel nenhum.

**CANGACEIRO/RIPIÓ:** Que gente macha. Nunca vi tanta machidão junta. Meus respeitos e minhas penas de saber que três cabras tão assim machíssimos estão posando de jagunços do Coronel. É uma coisa triste!

**LIMINÃO:** Falar verdade, essa estoriada de virar cangaceiro está me dando nas vontades.

**CANGACEIRO/RIPIÓ:** Pois é certo que tem que dar. É uma profissão por demais dignificante trabalhar por conta própria.

**LIMINÃO:** Pois olhe que já estou mudando!

**CANGACEIRO/RIPIÓ:** Isso homem, esteja decidido.

**ZÉ-CASTIGO:** Por mim, também aceito e faço fé.

**RASGA-BUCHO:** Eu ia ficar de fora? Nunca, estamos juntos companheiros!

**CANGACEIRO/RIPIÓ:** Muito bem, meus filhos. E já que deram decidimento, vou dar uma ajuda para o início desse novo exército. (vai a um canto e volta com um saco) Parece que tinha pensado em tudo. (abre e vai tirando aparatos de cangaceiro: chapéus, roupas, cartucheiras, facas, etc) Se sirvam. É um chapéu que foi de presente do Pescocinho Taturana. (pega um chapéu) Este chapéu foi de Hildebrando, o Forra Tripa, meu braço direito, cabra morto em um ataque em Cariri. Tome, Zé, e honre este chapéu, que foi de um cabra mais macho e de melhor pontaria que conheci. Este outro aqui, com este furo de bala, foi do falecido Chico Cutucão, cognominado Surjão, por manias de tirar a pele sem machucar a carne. Apanhe, seu Rasga, e use dignamente. Este aqui é muito especial, foi o chapéu que Lampião usou no dia em que morreu. É uma relíquia do cangaço, que passo para suas

mãos, chefe Liminão. E mais estas roupas e mais as cartucheiras estão aí para que levem. Foram todas de gente corajosa, que morreu na luta e na guerra do cangaço. Agora, segundo o costume que todos tem que obedecer, vou apadrinhar e sagrar o bando. Acocorem-se, jagunços do Coronel Militão. Eu, Pescocinho Taturana, que sagrado por Lampião, venho com todo poder sagrar estes cabras na Ordem do Cangaço. Para tanto, eu bato que bato e torno a bater (dá uma lambada nos três) e faço que se levantem Capitão Liminão, Tenente Zé-Castigo e Contra:Mestre Rasga-Bucho.

**LIMINÃO:** Todos os agradecimento são pouca coisa pelo que fez por nós.

**CANGACEIRO/RIPIÓ:** Tem nada, não. Quanto mais gente no cangaço, melhor. Maior será nosso poder.

**LIMINÃO:** Agora temos que partir em busca de ataques.

**CANGACEIRO/RIPIÓ:** Pra começar, pode atacar o próprio Coronel Militão, pois conhecem tudo por lá tão bem.

**ZÉ-CASTIGO:** Inda mais que estou lembrando de uma certa sumanta de fila, um atrás do outro, que até agora me dá vergão.

**RASGA-BUCHO:** Pois não é que também a tal de sumanta não me passou na goela.

**LIMINÃO:** Pois é, também pra mim a tal de sumanta não passou na goela. Vamos devolver a surra que ele fez a gente se dar.

**CANGACEIRO/RIPIÓ:** Pois, então, vá com seu exército cangaceiro e

faça o que deve.

**ZÉ-CASTIGO:** É verdade, estou lembrando da surra que ele fez a gente dar na gente mesmo.

**RASGA-BUCHO:** Pois não é que me veio na lembrança isso também!

**CANGACEIRO/RIPIÓ:** Pois, então, vá com seu bando, Cangaceiro Liminão, e faça o que deve. E deixe este comigo, que dou um bom fim nele.

**LIMINÃO:** A cavalo, minha gente, meus exércitos. Em nome do cangaço, rumo ao Coronel Militão, nosso antigo patrão, que tantas contas velhas me deve. Por minha honra, Seu Pescocinho Taturana, ainda vai ouvir falar de mim.

**CANGACEIRO/RIPIÓ:** Já estou ouvindo... Liminão, o grande matador de coronel. Felicidades.

**LIMINÃO:** Toca, minha gente danada. Galope, em nome do cangaço. O cangaceiro olha Gogão, que se mijou de medo.

**CANGACEIRO/RIPIÓ:** E tu, meu caro, vais entrar na faca agora mesmo... Gogão não consegue falar. O cangaceiro pega a faca e vai até ele. Gogão treme, uiva. O cangaceiro dá um golpe soltando Gogão, que cai no chão.

**CANGACEIRO/RIPIÓ:** Só digo uma coisa, mestre Gogão. Mestre em burros, preços e lábias Só lhe digo que, no dobrar das esquinas, às vezes a gente dá de cara com o que nunca esperou, portanto, quando se tem a alma carregada, o melhor é tomar cuidado com a pele. Vai, cagão, e se torne um homem de bem. Gogão beija os pés dele e sai

correndo.

Epílogo e Narrativa: onde tudo se encerra da melhor maneira. Um local no mato.

**CONTADOR** (canta Canção do Que se Leva Deste Mundo):  
Deste mundo a gente leva  
Só o bem vivido e rido  
Deste mundo a gente leva  
O que se fez divertido  
Deixa pra lá...

Entram cegos.

**CONTADOR** (continua canto):  
Tudo que for sem graça  
Bota pra trás  
O que for triste passa  
O que não presta  
Não serve pra ser vivido  
A vida tem de ser festa  
Viver é tão divertido  
Olhar o céu é riso  
Cheirar o mato é riso  
Correr no campo é riso  
Tomar cachaça é riso  
Beijar mulher é riso  
Contar estória é riso  
Brigar de faca é riso  
Fazer trapaça é riso  
Dormir na palha é riso  
Viver assim é riso!

Assim que sai Cangaceiro, entram Rosinha e Zileu.

**ZILEU:** Pois é como eu digo, o tesouro está enterrado em alguma parte da fazenda.

**ROSINHA:** Mas a terra não é nossa, não podemos cavar e procurar.

**CEGO#1:** Moça, quem foi desde o começo que trabalhou aqui nela?

**ROSINHA:** Os cegos!

**CEGO#1:** Quem foi enganado durante todo o tempo, e lidando, plantando e colhendo?

**ROSINHA:** Os cegos.

**CEGO#1:** Quem sabe agora, com visão melhor que nunca, ela pode dar...

**ROSINHA:** Os que eram cegos e não são mais.

**CEGO#1:** É por isso que digo agora, na frente de todos: vamos todos juntos procurar o tesouro de que falamos.

**ROSINHA:** E, quando achado, cada um terá sua parte.

**CEGO#1:** Viva o tesouro!

**TODOS:** Viva!

**CEGO#1:** Amanhã mesmo a gente começa na cerca norte a cavar a terra.

**ZILEU:** A gente pode ficar aqui e trabalhar juntos.

**CEGO#1:** Quanto mais, melhor. Agora que a terra é nossa... Inda mais que trouxeram essa mudança em nossa vida!

**ZILEU:** Moça Rosinha, eu não tenho ninguém por mim. Gostaria de ter.

**ROSINHA:** Moço Zileu Rojão, filho de Mané Rojão, é como também acontece comigo.

**ZILEU:** Tinha pensado que neste tempo curto de andar junto, já tinha dado pra gente se conhecer.

**ROSINHA:** E já deu.

**ZILEU:** Quer ser minha mulher?

**ROSINHA:** É o que mais quero nesta vida.

Os dois se abraçam e os outros batem palmas.

**ZILEU:** Então, é pra já. Gente, onde tem um padre?

**CEGO#1:** Aqui não tem, meus filhos, só a dez dias de viagem.

**ROSINHA:** Que pena!

**ZILEU:** Então, como é que a gente faz?

**ROSINHA:** Olha lá!

Súbito aparece, andando pela estrada e lendo um breviário, um

padre.

**ZILEU:** Parece até um milagre, é um padre!

**PADRE/RIPIÓ:** Meus filhos, eu sou o Missionário Josimar de Jesus, em viagem por estas bandas. Sabem onde posso descansar por esta noite?

**CEGO#1:** Aqui mesmo, padre. Contanto que nos faça um favor... Case estes filhos de Deus.

**PADRE/RIPIÓ:** Casar? É simples, meus filhos. Ajoelhem. Deusorum olharum por estesorum filhorum que querem casorum e abençorum, enquanto é temporum, senão eles vão se amarzorum aí no matorum sem a vossa bençorum. A menina aceita o moço como esposo e promete ser fiel a vida inteira?

**ROSINHA:** Aceito e prometo.

**PADRE/RIPIÓ:** O rapaz aceita a menina e promete amá-la sempre, a vida inteira?

**ZILEU:** Aceito e prometo.

**PADRE/RIPIÓ:** Eu te casorum em nome do amorzorum e deixorum eu ir emborum logorum, antes que descubrorum que eu não sou padrorum. Pronto, meus filhos.

**ZILEU:** Quanto é, seu padre?

**PADRE/RIPIÓ:** Qualquer coisa serve, é pra Deus mesmo.

**ZILEU:** É tudo o que tenho.

Padre pega, embolsa e sai.

**CEGO#2:** Na zona norte é meu lugar de procurar tesouro.

**CEGO#3:** Não sei porque eu também moro deste lado. Começa uma gritaria generalizada. Cada qual quer uma parte da terra, que só cessa quando uma luz vermelha da aurora invade a cena.

**CEGO#1:** O que é isso?

**ROSINHA:** É nada, é só o dia que está nascendo. O sol vem vindo.

**MULHER:** O sol é aquele calor que dana a gente.

**CEGO#2:** Que faz o corpo deitar água no cansaço da lida.

**CEGO#3:** Que bate na testa, faz gotejar e cair de queimado.

**CEGO#1:** Agora é diferente. É esta luz benvinda que alumia nossa visão. Os camponeses cantam baixo a canção final: Canção Final.

**CAMPONESES** (cantam):

Quem é seu Ripió?  
O seu Ripió quem é?

Já foi padre, foi ceguinho  
Foi homem já foi muié  
Quem é seu Ripió  
O seu Ripió quem é?

Foi juiz já foi soldado  
Foi jagunço e coroné  
Quem é seu Ripió  
O seu Ripió quem é?

Foi de antes e de agora  
E será de sempre até  
Quem é seu Ripió  
O seu Ripió quem é?

É o grito do menino  
É o amor de uma muié  
É o canto do caboclo  
É um gole de café  
Quem é?

É um beijo uma trapaça  
Uma vontade de viver  
É um gole de cachaça  
É criança a nascer

**CONTADOR:**

Seu Ripió é bem como se fosse  
Alguém que só vivesse  
Uma vida vivida grande

É como se alguém juntasse  
De cada homem de bem  
Os pontos de sua vida  
Os mais melhores e belos  
O melhor do mais melhor  
De cada homem de bem  
Seu Ripió é todos  
E também não é ninguém.  
Assim é seu Ripió  
Ripió assim que é.

## CENA 19

Final

**CONTADOR:**

E assim chegam ao final  
Estas aventuras e lendagens.

Se perguntam se encontraram o tesouro,  
Posso dizer que procuraram muito,  
Cavaram a terra e a revolveram.  
Nada estava.

Então, plantaram e assim foi indo  
Até que ninguém mais se importava com o tesouro...  
Existem tesouros e tesouros.  
A terra, os homens irmanados são tesouros...

Isto eu sei pois sou assim como Ripió,  
Que dizia assim:

Eu me fiz ser como semente de paineira  
Estalo no alto, e me mando a voar.  
Largo um vôo no vento, até dar no chão.

Aí viro plantinha, paineira pequena.  
Quando a paineira ganha tamanho,

Disposta a dar lenha  
Ou paina ou sombra ou flor,  
Subo do chão, me estalo no ar  
E me mando de novo a voar.

De vez em quando dá um só.  
Então parto  
E são gente e estórias de gente.  
Paro, conto.

São uns fatos que, de passagem,  
Se vê, se ouve, se guarda,  
Depois se junta tudo.

Mais uma bossa, um jeitão de  
recontar  
E são os causos, estórias,  
lendagens.

Todos cantam a Canção de Retirada.

**TODOS** (cantam):

Retirada laiá, retirada  
Acabou a nossa função  
Retirada laiá, retirada  
Acabou a nossa função

Acabou a nossa função, oilerê  
E também nossa satisfação  
Acabou a nossa função, oilerê  
E também nossa satisfação

Agora vamos embora  
Por outro caminho qualquer  
Adeus, adeus, senhores  
Adeus, adeus, senhoras  
Amanhã tornaremos a voltar.

FIM

“As Aventuras de Ripió Lacraia”, segunda peça da “trilogia de cordel” foi encenada pelo Teatro Nacional de Comédia no ano de 1963, no Rio de Janeiro, com Agildo Ribeiro no papel de Ripió.

A peça é um estudo dramatúrgico sobre o herói brasileiro e a narrativa por episódios. Ripió é o herói popular que se transforma continuamente, de acordo com as aventuras (episódios) que vive. É um Deus Ex Machina, sempre presente e sempre pronto a intervir em favor do povo.

A “trilogia do cordel” se completa com “O Testamento do Cangaceiro” (1960) e “Farsa com Cangaceiro, Truco e Padre” (1967), ambas encenadas pelo Teatro de Arena: o herói Cearim, do “Testamento”, foi interpretado por Lima Duarte, enquanto o herói Xandú Quaresma, da “Farsa”, foi representado por Antonio Fagundes.

Encenação em 1963, pelo Teatro Nacional de Comédia:

Ripió Lacraia: Agildo Ribeiro

Músicas: Geny Marcondes

Cenários: Anísio Medeiros

Direção: José Renato Pécora

# AVISO IMPORTANTE

As peças publicadas por "Teatro da Juventude" poderão ser encenadas pelos alunos de todas as instituições de ensino, tanto na capital como no interior, bem como por jovens amadores filiados a bibliotecas, clubes ou outras entidades culturais e sociais,

**livres de pagamento de direitos autorais.**

As apresentações profissionais em teatro, rádio, televisão etc. estarão sujeitas às normas sobre direitos autorais estipuladas pela Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), cuja sucursal, em São Paulo, encontra-se sediada à Avenida Ipiranga, 1123, 8º andar - Tel.: (011) 229-9011.

Os autores interessados em divulgar seus textos devem enviá-los - sem compromisso - à Comissão de Teatro.

Estes devem ser datilografados em espaço dois e conter a apresentação dos personagens conforme os publicados na revista.

As peças serão avaliadas, publicando-se as que forem selecionadas.

---

## CARO LEITOR

Para receber a Revista Teatro da Juventude, envie-nos as seguintes informações:

Nome da escola ou instituição: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_

Tel.: \_\_\_\_\_

Nome do diretor ou responsável: \_\_\_\_\_

Número de alunos ou sócios: \_\_\_\_\_

Idades: de \_\_\_ a \_\_\_ anos

Já realizou espetáculo teatral? \_\_\_\_\_

Qual o gênero (peça, show, música, declamação ou outro)? \_\_\_\_\_

---

**Endereço: Secretaria do Estado da Cultura  
Revista Teatro da Juventude  
Rua da Consolação, 2333, 9º andar  
Cep.: 01301-980 - São Paulo - SP**



IMPrensa OFICIAL  
DO ESTADO S. A. IMESP  
SAO PAULO - BRASIL  
1996